

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E
CULTURA

Mariana Harumi Segatto Fugikauva

A PRODUÇÃO DE SENTIDOS DE REPRESENTAÇÕES VERBOVISUAIS DO
FUTEBOL EM LIVROS PARA CRIANÇAS

Sorocaba/SP

2017

Mariana Harumi Segatto Fugikauva

**A PRODUÇÃO DE SENTIDOS DE REPRESENTAÇÕES VERBOVISUAIS DO
FUTEBOL EM LIVROS PARA CRIANÇAS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação
Orientadora: Profa. Dra. Luciana Coutinho Pagliarini de Souza

Sorocaba/SP

2017

Fugikauva, Mariana Harumi Segatto

F969p A produção de sentidos de representações verbovisuais do
futebol em livros para crianças / Mariana Harumi Segatto Fugikauva.
-- 2017.

125 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Coutinho Pagliarini de Souza

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade
de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017.

Mariana Harumi Segatto Fugikauva

**A PRODUÇÃO DE SENTIDOS DE REPRESENTAÇÕES VERBOVISUAIS DO
FUTEBOL EM LIVROS PARA CRIANÇAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Luciana Coutinho Pagliarini de Souza

Universidade de Sorocaba

Profa. Dra. Eliete Jussara Nogueira

Universidade de Sorocaba

Profa. Dra. Maria Ogécia Drigo

Universidade de Sorocaba

Agradecimentos

Encerro aqui mais uma jornada, sei que muitas outras ainda virão e espero ansiosamente por elas. Acredito que assim é a vida, repleta de ciclos que se iniciam e se encerram, ciclos intermináveis. Esse em especial considero um grande presente que me dei, sei internamente de todas as minhas lutas e de todas as vezes que em mim ativei o herói para seguir em frente.

Agradeço imensamente meu marido Rafael Milan pelo amor e compreensão que me dedica constantemente, pelo pai que é aos nossos filhos, por suprir para eles as minhas ausências nesse período. Aos meus filhos, Miguel por me ensinar diariamente a multiplicidade da vida, me redirecionando o olhar sempre que tendo a unilateralidade; ao meu filho João Gabriel que é sinônimo de amor infinito e trouxe para minha vida entre tantas outras coisas o universo do futebol, meu jogador preferido.

Agradeço minha mãe Marcia Segatto pelo apoio de toda a vida e por sempre ter acreditado em meu potencial apesar de todas as dificuldades.

Agradeço à querida Professora Luciana Coutinho Pagliarini de Souza que sempre fez além do ensinar, que diversas vezes pegou na minha mão com a pedagogia mais sábia que já encontrei, um exemplo de professora que quero sempre seguir e levarei em meu coração a vida toda.

As professoras Eliete Jussara Nogueira e Maria Ogécia Drigo que muito contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação.

Se todas as batalhas dos homens se dessem apenas nos campos de futebol, quão belas seriam as guerras.
(Augusto Branco)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
2 FUTEBOL NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS E MÍTICOS.....	11
2.1 Futebol no Brasil: Breve histórico.....	11
2.2 Aspectos culturais.....	20
2.3 O futebol como mito.....	23
3 A IMAGEM SOB LUZES: ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS, COMUNICACIONAIS E SEMÂNTICOS	37
3.1. O mundo das imagens.....	38
3.2. A imagem no pensamento comunicacional.....	44
3.3. Diálogos possíveis entre palavra e imagem.....	45
4 A SEMIÓTICA DE PIERCE COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE SIGNOS.....	48
4.1. O percurso analítico para análise dos livros infantis.....	56
5 REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL NOS LIVROS INFANTIS.....	58
5.1. O futebol em Ora Bolas.....	59
5.1.1. Seguindo o passo a passo do olhar em Ora Bolas.....	70
5.1.2 Palavra e imagem em Ora Bolas.....	77
5.1.3 O arquétipo do herói no livro Ora Bolas.....	79
5.2 O futebol em Gabriel e a copa do mundo de 2014.....	82
5.2.1 Em Cuiabá a bola voará como sabiá.....	88
5.2.2 Em Fortaleza, o jogo com certeza, será uma moleza.....	89
5.2.3 Em Recife, o juiz se comportará como um Xerife.....	91
5.2.4 Em Brasília o uniforme será uma maravilha.....	92
5.2.5 Sequência de imagens no mesmo padrão.....	93

5.2.6 O arquétipo do herói no livro Gabriel e a copa do mundo.....	98
5.3 A representação do futebol em “O presente”.....	99
5.3.1 O arquétipo do herói em O presente.....	104
5.4 O futebol em Pelegrino e Petrônio.....	105
5.4.1 O arquétipo do herói no livro Pelegrino e Petrônio.....	114
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS	126

Resumo

Este trabalho tem como tema o futebol enquanto traço identitário da cultura brasileira, promotor de integração social e disseminador de paixões. A faceta “ídolo-herói” torna este esporte um terreno fértil para a produção de mitos e ritos significativos para a sociedade, sobretudo para as crianças. Dado o interesse em verificar a construção do futebol no universo infantil, tomamos como *corpus* livros para crianças e a pergunta que se delinea é: como o potencial de sentidos de representações visuais cria um processo comunicacional que traz à tona o futebol? Decorre dessa indagação o objetivo geral de verificar a maneira como esses sentidos são urdidos e, como objetivos específicos, a) contextualizar o futebol nos seus aspectos históricos, culturais e míticos; b) apresentar a imagem, linguagem que compõe a natureza híbrida do livro infantil, sob diferentes pontos de vista: antropológico, comunicacional e c) o aspecto semântico advindo da relação entre texto e imagem nas suas facetas que variam da redundância à informatividade. O método de análise das linguagens visual e verbal presentes no livro infantil está alicerçado na semiótica peirceana, cujo desvelar das camadas de sentido abriga aspectos simbólicos amparados na teoria analítica junguiana. Como resultados, a imagem do jogador de futebol que se depreende das análises da relação palavra e imagem marcada, sobretudo pela complementaridade, revela-se na figura do herói, investido de sentimento de brasilidade, mas eivada de estereótipos, entre os quais o universo machista desponta e se sobrepõe. A relevância deste trabalho está na proposição de reflexões sobre a produção de sentidos de representações visuais/verbais do futebol para a infância, via livros infantis.

Palavras-chave: Comunicação. Semiótica peirceana. Imagens do futebol. Livros infantis.

Abstract

This work addresses football as an identity trait of Brazilian culture, as a promoter of social integration and disseminator of passions. The facet of the "hero-idol" makes this sport a fertile ground for the production of myths and rites that are significant to society. Due to its capacity to mobilize crowds and to exert a special enchantment in children's universe, the question that generates this research and the corpus that constitutes it are related to such audience: How the potentiality of senses of visual representations creates a communication process that brings up football? Given the interest in verifying the construction of football in the universe of children, we take as the research corpus, children's books; here, book is understood as media. From this question, it derives the general objective of verifying the way such senses are interwoven and, as specific objectives, a) to contextualize football in its historical, cultural and mythical aspects; b) to present the image, which is the language that composes the hybrid nature of children's books, under different points of view: anthropological, communicational and c) the semantic aspect arising from the relation between text and image in their facets that vary from redundancy to informativeness. The method of analysis of the visual and verbal languages presented in children's books is based in Peirce's semiotics, whose unveiling of layers of meaning harbors symbolic aspects supported by Jung's analytical theory. As a result, the image of the football player, which is evident from the analyzes of the relation between word and marked image, especially by means of complementariness, is revealed in the figure of the hero invested with a feeling of being Brazilian, tainted by stereotypes, among which the macho universe emerges and overlaps. The relevance of this work lies in proposing reflections on the production of visual/verbal representations of soccer for childhood, through children's books.

Keywords: Communication. Peirce's semiotics. Football images. Children's books.

1 Introdução

Apresentamos, inicialmente, as etapas desenvolvidas no caminhar desse trabalho que tem no futebol sua temática e no modo como sua representação se faz nos livros infantis, o seu foco.

Um breve histórico para apresentar meu quadro de referência pessoal torna mais claras algumas abordagens, algumas escolhas que justificam o rumo que o trabalho tomou. São relatos de experiências profissionais responsáveis pela gênese desse estudo.

Sou psicóloga de formação e meu interesse pela representação do futebol dirigida a crianças passou a ocupar papel importante no meu dia a dia. Lido com o público infantil cuja fase de desenvolvimento é a terceira infância, período que vai de sete anos até o início da adolescência. Trabalhando com projetos sociais nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), desenvolvi trabalhos de acordo com a política pública da filosofia e ética dessa ferramenta da assistência social. Os CRAS foram criados pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), com a finalidade de prestar serviços na esfera socioassistencial; trata-se de um instrumento do Estado e do poder público para a promoção de uma política de assistência social voltada à formação de sujeitos autônomos.

Meu trabalho com essas crianças no CRAS ocorreu em uma comunidade localizada no município de Angatuba-SP, num bairro de grande vulnerabilidade social. Segundo informações cedidas pela Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria Municipal de Educação e Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social desse município, a vulnerabilidade é atribuída com justificativa apoiada na porcentagem significativa de evasão escolar, chamadas e denúncias ao conselho tutelar no bairro, atendimentos e

encaminhamentos por uso de entorpecentes, ocorrências policiais, e pelo fato de oitenta por cento dos moradores serem beneficiários do programa Bolsa Família¹.

Acompanhei os trabalhos na área de psicologia social por oito anos com essa população, de janeiro de 2006 a outubro de 2014². O trabalho em psicologia social nesta localidade sempre foi de muita luta, necessitando diversas vezes de muita força emocional e persistência, encontrada com a ativação do arquétipo do herói, arquétipo que será explanado durante esse trabalho. Formamos neste CRAS o projeto espaço amigo, um espaço de contra turno escolar que acolhia as crianças com atividades recreativas: jogos, gincanas e brincadeiras, atividades educativas: curso de computação, programas de leitura, auxílio com dificuldades escolares e jogos didáticos; atividades esportivas como campeonatos, treinos, alongamentos, dança, futebol e vôlei; atividades artesanais como crochê, bordado, pintura e tear; atividades culturais como projeção de filmes e aulas de teatro.

Nosso público no primeiro ano era noventa por cento feminino, assim resolvemos realizar busca ativa para atrair também os meninos para participação no projeto. Esta busca se deu por meio de visitas domiciliares, visitas à escola, reuniões com os pais do bairro, divulgando a nova atividade implantada: “Futebol é no CRAS”. Assim, com jogos, campeonatos, debates sobre os jogadores, recortes de jornais de esportes, livros sobre o tema conseguimos adentrar no universo dos meninos. Foi por essa via que tivemos acesso aos meninos da comunidade e pudemos trabalhar com eles tantos outros temas essenciais, como vínculos familiares, uso de drogas, sexualidade, frequência escolar etc... melhorando as relações sociais na comunidade local, dado obtido por observação empírica.

¹ O programa Bolsa Família do Ministério de Desenvolvimento Social é um programa de transferência direta de renda, direcionado às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País, de modo que consigam superar a situação de vulnerabilidade e pobreza. Para receber o benefício, a família deve atingir per capita máxima de um quarto de salário mínimo por pessoa na casa.

² O projeto deste CRAS encontra-se na íntegra em anexo.

As meninas que já frequentavam o espaço pelas outras atividades oferecidas também participavam da atividade “futebol no CRAS”, mas se dividiam e manifestavam mais interesse pelas atividades que já faziam. O futebol, para as meninas dessa comunidade em especial, ficava em segundo plano.

O futebol foi para esse trabalho uma ferramenta importante que atraiu público para o serviço, notamos o esporte com capacidade significativa de encantamento, esporte que me encanta também.

Nesse convívio, foi possível perceber o sonho dos meninos de serem jogadores de futebol e o quanto eles cultuavam alguns jogadores como verdadeiros heróis. Esse fato despertou minha vontade de compreender o que levava esses meninos (e tantos deles) a nutrirem esse sonho. A presença do futebol na mídia era inegável; a mitificação de jogadores pela mídia também era, sobretudo na propaganda. Ocorreu-me verificar como o futebol era apresentado numa mídia dirigida ao universo infantil e verificar o potencial significativo desse veículo voltado às crianças no tratamento do futebol e dos jogadores. Começou daí minha busca por esse estudo que já se desenhava uma interface entre a Psicologia e a Comunicação.

Sendo nosso tema o futebol e sua representação no universo infantil, os livros infantis foram o objeto escolhido. Para a escolha do *corpus*, foi realizada pesquisa sobre os livros infantis encontrados nas escolas e bibliotecas municipais, que podem ser emprestados pelas crianças e que contivessem a temática do futebol. Feito o levantamento desse material, fizemos um recorte, elegendo os mais significativos para a realização de análise semiótica das imagens e a relação destas últimas com o texto verbal (quando houvesse) e demos preferência aos que eram adotados em escolas como paradidáticos.

Os títulos selecionados foram: “Ora Bolas” dos autores Paulo Tatit e Edith Derdyk, com ilustração de Andres Sandoval, editora Cosac Naify; “Gabriel e a Copa do Mundo de 2014” do autor Ilan Brenman editora Brinque-book, com ilustrações de Silvana Rando; “Pelegrino e Petrônio”, livro do autor e ilustrador Ziraldo, editora melhoramentos; “O Presente” do ilustrador Odilon Moraes, editora Cosac Naify sendo esse último um livro-imagem. Apresento o texto dos livros:

Primeiro livro, “Ora Bolas” de Paulo Tatit, e ilustrado por Edith Derdyk, originou-se de uma das músicas do projeto musical do autor Paulo Tatit “Palavra cantada”. O livro conta o trajeto de um menino, que acompanha o trajeto da bola, e juntos conquistam os lugares mais distantes de todo o planeta

O segundo livro é do autor Ilan Brenman Mestre e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), é um dos escritores de literatura infantil de relevância no Brasil, com mais de 60 publicações, para o universo infantil, foi um dos colaboradores do projeto Copa do mundo 2014 e por esse destaque do autor e do livro Gabriel e a Copa do mundo 2014 iremos realizar a análise do material, Gabriel sai com sua família para acompanhar a copa do mundo de 2014 e vai descobrindo as sedes dos jogos.

O terceiro livro a ser analisado, “O presente”, só se compõe de imagens, apenas imagens; seu autor é Odilom Moraes.

O quarto livro é Pelegrino e Petrônio de Ziraldo Alves Pinto. Nascido em 24 de outubro de 1932, Ziraldo é conhecido cartunista, chargista, pintor, dramaturgo, caricaturista, escritor, cronista, desenhista, humorista, colunista e jornalista brasileiro. É o criador de personagens famosos, como o Menino Maluquinho, e é um dos mais conhecidos e aclamados escritores infantis do Brasil.

Diante do cenário que se delineou no relato da minha experiência profissional, a indagação que seria o gem desta pesquisa foi tomando corpo, qual seja: como o potencial de sentido de representações visuais cria um processo comunicacional que traz à tona o futebol? Decorre dessa indagação, o objetivo geral de verificar a maneira como esses sentidos são urdidos e, como objetivos específicos, contextualizar o futebol nos seus aspectos históricos, culturais e míticos; apresentar a imagem, linguagem que compõe a natureza híbrida do livro infantil, sob diferentes pontos de vista: antropológico, comunicacional e o aspecto semântico advindo da relação entre texto e imagem nas suas facetas que variam da redundância à informatividade.

Para tratar dos mitos e suas ressignificações no universo infantil e do futebol Joseph Campbell e Brandão, Chevalier e Geerbrant, Garraffoni são as bases principais na busca das

raízes pela paixão futebolísticas. DaMatta contribui ainda no âmbito dos aspectos culturais do brasileiro. Para reflexões sobre o imaginário, lançamos mão das ideias de Durand.

Considerando-se que este trabalho se insere na linha de pesquisa “Análise processos e produtos midiáticos” via território comunicacional, descrito por Santaella (2006) como ancorado na mensagem e seus códigos, a metodologia que atende a essa faceta da comunicação tem por meta penetrar nas camadas de sentido das linguagens a fim de permitir o processo interpretativo. A semiótica peirceana atende a essas prerrogativas, razão pela qual a adotamos nesse trabalho. Na esteira de Santaella (2003) que sistematiza um trajeto analítico ancorado nas três maneiras de se apreender os fenômenos pressupostos por Peirce, buscaremos verificar os sentidos que se depreendem dos signos verbo-visuais dos livros infantis escolhidos para *corpus*.

Inscrita na semiótica peirceana, mais especificamente na camada interpretativa, a simbologia de Carl Gustav Jung será inserida para encorpar os sentidos que se depreendem da materialidade dos signos – palavra e imagem – presentes nos livros infantis a serem analisados.

O presente trabalho conta com o primeiro capítulo reservado para a Introdução, onde apresentamos ao leitor o passo a passo do desenvolvimento do trabalho.

O capítulo dois, intitulado “Futebol no Brasil: aspectos históricos, culturais e míticos” apresenta facetas diversas do futebol. Começamos a delineá-las por uma abordagem de aspectos históricos, baseando-nos nos autores Bruhns (2000); Levine (1982); Mazzoni (1950) e Santos Neto (2002). Em seguida, apresentamos aspectos culturais que deram ao Brasil o rótulo de País do Futebol ancorados por DaMatta (1982; 1992; 1997; 2010), Barbosa (1992) e Lopes e Maresca (1992). Também neste capítulo faremos uma breve descrição da teoria da Psicologia Analítica que dá respaldo ao nosso olhar nas análises dos livros.

No capítulo três, se apresentam considerações sobre imagem sob diferentes pontos de vista. Apresentamos, inicialmente, reflexões sobre como o mundo das imagens foi concebido no mundo Ocidental sob a ótica de Durand (2010) para, em seguida, inserirmos a imagem no pensamento comunicacional, a partir de Miège (2000). Feita essa apresentação

da imagem sob a ótica da antropologia e da comunicação, sua relação com a palavra ou seu aspecto semântico encerra o capítulo.

O quarto capítulo apresenta a metodologia que vai nos permitir fazer o inventário de sentidos potencializados na trama do texto e imagem. Compreender esses signos e sua operação na produção de sentidos será o ponto de partida para o percurso analítico que tem por finalidade identificar os signos em si, os objetos dos signos/imagens, ou seja, aquilo que ele indica, sugere, designa ou representa e, ainda, a potencialidade interpretativa.

O quinto capítulo apresenta a análise semiótica dos quatro livros infantis escolhidos: “Ora Bolas” dos autores Paulo Tatit e Edith Derdyk, com ilustração de Andres Sandoval; “Gabriel e a Copa do Mundo de 2014” de Ilan Brenman com ilustrações de Silvana Rando; “Pelegrino e Petrônio” do autor e ilustrador Ziraldo e o presente do ilustrador Odilon Moraes.

Esperamos ter trilhado um caminho que traga informações relevantes a você, leitor.

2 Futebol no Brasil: aspectos históricos, culturais e míticos

Este capítulo apresenta facetas diversas do futebol. Começamos a delinear-las por uma abordagem de aspectos históricos, baseando-nos nos autores Bruhns (2000); Levine (1982); Mazzoni (1950) e Santos Neto (2002). Em seguida, apresentamos aspectos culturais que deram ao Brasil o rótulo de País do Futebol ancorados por DaMatta (1982, 1992, 1997), (2010), Barbosa (1992) e Lopes e Maresca (1992). Apresentamos, a seguir, um breve histórico do nascimento do futebol no Brasil na esteira da cultura, do esporte e dos mitos.

2.1 O Futebol no Brasil: breve histórico

Os primórdios do futebol no Brasil são aqui apresentados na esteira do historiador Santos Neto (2002). A história tem início em 1882, quando a precariedade da situação da educação do Brasil levou D. Pedro II a pedir a Rui Barbosa que fizesse um parecer sobre a reforma do ensino primário e das instituições complementares de instrução pública.

Nosso imperador já convivia com o movimento republicano cada vez mais ativo e o abolicionismo já se tornara bandeira de luta das recentes classes médias urbanas (...). Foi nesse terreno fértil para mudanças que Ruy Barbosa, então deputado pelo partido liberal, apresentou na câmara seu parecer sobre a Reforma do ensino primário...O país iniciava o debate, ainda atual, sobre como erguer um sólido sistema educacional. A realidade brasileira era dramática: no recenseamento de 1872, apenas 15,8% da população era alfabetizada (SANTOS NETO, 2002, p .13).

O último dos dez volumes em que constava seu parecer, Rui Barbosa dedicou ao esporte e nele “defendeu a introdução de exercícios ao ar livre, racionalmente, de maneira que todos os músculos funcionassem harmoniosamente, enquanto as lições morais do espírito esportivo seriam absorvidas por meio de jogos divertidos e recreativos” (SANTOS NETO, 2002, p .13). Recomendou, ainda, a fundação de uma escola de formação para a docência de profissionais de práticas esportivas nos colégios brasileiros. Compete lembrar que, à época, o ensino de qualidade se restringia a uma minoria de colégios associados à igreja, voltados à elite brasileira.

Iniciam-se, assim, os incentivos esportivos no país, figurando o futebol como uma das modalidades com mais adesão pelos alunos de tais colégios. No estado de São Paulo, o colégio jesuítico São Luís, na cidade de Itu, a 70 km de São Paulo, foi o que mais se destacou na introdução das práticas esportivas, tornando-se referência no país. Os docentes do São Luís visitaram grandes colégios na Europa, a fim de trazer referências para os brasileiros. Na França, nossos representantes fizeram contato com o padre jesuíta Du Lac, grande defensor do futebol que pregava que este esporte reunia virilidade, moral, ética e cidadania, além da atividade física muscular. A partir das ideias de Du Lac, os colégios jesuítas foram disseminando o futebol que já contava com ampla aceitação na Inglaterra, Alemanha, Holanda.

Em Itu, foi o Jesuíta José Mantero o responsável pelas adaptações e propagação do esporte; o mesmo trouxe da Europa duas bolas inglesas de borracha envolvidas por couro chamadas de capotão, mais tarde as borrachas foram substituídas por bexigas de boi.

Mas por que o esporte foi tão aceito? Segundo Santos Neto, tratava-se da introdução do lúdico no universo escolar. Até então, as crianças assistiam às aulas com enfoque integral no estímulo mental, sendo a eles negado o desenvolvimento do corpo como parte do processo de aprendizado. Os jogos e esportes ao ar livre nos colégios foram a porta de entrada da infância, sobretudo masculina e a libertação do mundo adulto.

Para justificar a importância do lúdico no processo de formação das crianças, é importante, neste momento, abriremos um parêntese na história para trazer para nosso contexto as palavras de Maroni (2004, p.34), para quem “o homem joga somente quando é homem no sentido pleno da palavra, e somente é homem pleno quando joga”. O autor, de formação junguiana, explica que os jogos nos permitem ativar a fantasia, alcançar fluidez, compreender mudanças e imprevisibilidades; proporcionam a imaginação criativa, além da competitividade.

A partir de 1887, tem início o futebol mais parecido com o que temos hoje, dividido em dois times com localização para o gol, não apenas um bate bola como anteriormente. A entrada do novo reitor do colégio jesuíta, o padre Luís Yabar, profundo conhecedor da história e de regras do futebol, contribuiu, efetivamente, para consolidar o

futebol como um esporte com objetivos determinados. Também o trabalho de Thomas Arnold, educador responsável pela introdução dos esportes ao ar livre na Inglaterra, contribuiu para esse propósito, conforme Santos Neto (2002).

O colégio precursor do futebol no Brasil tornou conhecido o aluno Arthur Ravache. A partir de então, o esporte que veio para ser apenas uma ferramenta pedagógica, foge de controle, outros alunos do colégio ituano - Cesar de Oliveira, Valdemar Junqueira e Apulco Brasil - partem para Minas, mais precisamente, para Uberaba, a fim de propagarem e implantarem o esporte nessa região. Arthur Ravache fundou o Sporte Clube Germânia na colônia alemã, em São Paulo, e seus colegas popularizaram o esporte nas indústrias, faculdades, colégios, fábricas de todo o país.

Mas Santos Neto dá a Charles Miller o título de pai do futebol brasileiro. Foi este jogador que o projetou, adequando-o à cultura brasileira. Explorando as habilidades físicas, fazendo certo uso do corpo que materializou o célebre gingado brasileiro, ele dava início ao futebol-arte. Charles Miller nasceu em São Paulo, morou na Inglaterra e retornou ao Brasil em 1894, quando formou times de funcionários de alto escalão das principais empresas de São Paulo e iniciou a prática do futebol dentro de um clube, o São Paulo Athletic Club. O futebol passa, então, a integrar efetivamente a sociedade e a cultura, começa a ter força social e passa a nos individualizar. Em 1890, o futebol ganha espaço na mídia, a Gazeta foi um dos primeiros jornais a reportar o esporte que, conforme ganhava força, ampliava o respaldo da mídia, atraindo cada vez mais adeptos.

Ainda nos relatos de Santos Neto, encontramos que no ano de 1900, em São Paulo, 50 mil operários já faziam parte do esporte em algum time vinculado ao bairro em que moravam ou à empresa em que trabalhavam. Os times de várzea cresciam com muita velocidade, os times de futebol começaram a ganhar força nas classes sociais de menor privilégio, pequenos times surgiam em diversas partes no país formados por operários, trabalhadores informais. O futebol foi, então, se popularizando.

Os times constituídos de forma homogênea com alto grau de identificação foram se disseminando: as elites criaram seus próprios campos; colônias-pátria instaladas no Brasil, bairros carentes; times formados de negros e mulatos, enfim. Na ótica de Santos

Neto, a elite paulistana não queria a popularização do futebol, lutou para que os times operários e estudantis não pudessem se institucionalizar como time.

Pode-se perceber uma grande resistência aos times populares, que chega às raízes de uma política consciente de separar os dois universos futebolísticos. Para os primeiros dirigentes, havia o grande futebol, o das elites, e o pequeno futebol dos times de várzea. Uns eram os dignos representantes do nobre esporte bretão, e os outros não estavam à altura do reconhecimento oficial e da igualdade na forma de tratamento (...) No contexto social de então, de grande crescimento populacional e acelerado desenvolvimento industrial, a cidade de São Paulo assistia a uma enorme expansão da pobreza... A questão social era vista como responsabilidade do poder público, ou seja, era caso de polícia e, por extensão, o futebol dos operários, ambulantes e desocupados era enquadrado na categoria de manifestação esportiva indesejável, sem valor e digna de ser reprimida pelas autoridades (SANTOS, 2002, p.53).

O primeiro grande jogo de destaque no âmbito nacional foi em 1901, quando São Paulo jogou contra o Rio de Janeiro, em 19 de outubro; esse confronto regional foi um absoluto sucesso e os estados foram fundando instituições para representar o futebol. O primeiro foi o estado de São Paulo, com a denominada, na época, Liga Paulista de Futebol, reunindo os cinco times da elite. Quatro anos depois, o Rio de Janeiro funda a liga Metropolitana. Assim foi crescendo o futebol e tomando dimensões que saíram do controle da elite. Em 1912 as ligas começaram a aceitar equipes advindas da várzea, abrindo-se uma nova porta para a história do futebol brasileiro.

Citando pesquisa realizada pelo Ministério da Educação, em 1978, Bruhns (2000), afirma que futebol é o esporte mais popular no Brasil. Nela constava que 48,6% dos atletas inscritos nas diversas federações esportivas eram participantes do futebol de campo, e mais 10,3% em futebol de salão; contrapondo, por exemplo, a natação com apenas 6% de inscritos praticantes. O autor lembra, ainda, que o esporte foi introduzido no país pela elite, mas por identificação com o estilo de vida dos brasileiros adquire fundamental adesão. Para analisarmos comparativamente com os dias atuais, encontramos pesquisa do Ministério do Esporte de 2013 que traz os seguintes dados:

A pesquisa coletou informações sobre práticas esportivas e atividades físicas relativas a 2013. Ao todo, foram realizadas 8.902 entrevistas. Os dados foram ponderados com base em uma projeção da população brasileira por região, gênero

e grupos de idade, feita pelo IBGE para o ano de 2013, de aproximadamente 146.748.000 brasileiros, quantidade equivalente à população entre 14 e 75 anos. (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2003).

Tabela 1 – Resultados da pesquisa

Futebol	Caminhada	Voleibol	Academia	Natação
42,7%	8,4%	8,2%	5,1%	4,9%
Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino
66,2%	6,4%	5,1%	3,8%	9,4%
Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
19,2%	18,7%	20,5%	11,4%	4,4%

Fonte : www.brasil.gov.br/saude/2014/10; acesso em 12/12/2016

Tal resultado mantém o futebol de campo como pioneiro no cenário esportivo do país, revelando que ele é praticado por 42,7% dos brasileiros; cabendo ao universo masculino 66,2% dos praticantes e entre as mulheres esse índice se restringe a 19,2%. Em segundo lugar se destaca a caminhada, considerada pelos brasileiros como modalidade esportiva. Em média, 8,4% dos brasileiros a praticam, dentre os quais 6,4% são formados por homens e 18,7% por mulheres. Segue tabela também com as outras modalidades e seus percentuais de adeptos.

No início da luta pela popularização do esporte, informa-nos Costa (2000) que grandes nomes da literatura brasileira se manifestaram, em reportagem publicada pela Folha de São Paulo (1921), contrários à prática do futebol, julgando o esporte bruto e com pouca probabilidade de vida longa no país. Embora enganados sobre a fixação do esporte, eles revelam a polêmica sobre o tema e as discussões vivenciadas na época.

Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Oswald de Andrade, Mário de Andrade e tantos outros nomes importantes do cenário literário não aproveitaram os esportes em sua produção. Como agravante desse quadro é de se

lamentar que Graciliano Ramos, um dos melhores escritores da história da literatura nacional, em seu único texto a respeito do futebol tenha traçado um painel tão desfavorável e pessimista em torno desse esporte. Já Lima Barreto outro respeitado e valorizado escritor deixou como herança crônicas repletas de críticas negativas lançadas também contra o futebol, chegando mesmo a criar a “liga contra o foot-ball” tamanho horror demonstrava por esse jogo. (COSTA, 2011, p.96)

O professor da Universidade do Espírito Santo, Lovisonho Soares, relata em matéria realizada pelo periódico “*O Estado de São Paulo*”, no Caderno D/Especial-Domingo, em 17 de abril de 1994, pág. 2, que Graciliano Ramos acreditava que o Brasil não tinha vocação para o esporte, e cita a crônica publicada pela primeira vez em “O Índio”, em Palmeira dos Índios (AL), em 1921, com o pseudônimo de J. Calisto de Graciliano Ramos, cujo teor vale reproduzir na íntegra:

Pensa-se em introduzir o futebol, nesta terra. É uma lembrança que, certamente, será bem recebida pelo público, que, de ordinário, adora as novidades. Vai ser, por algum tempo, a mania, a maluqueira, a ideia fixa de muita gente. Com exceção talvez de um ou outro físico, completamente impossibilitado de aplicar o mais insignificante pontapé a uma bola de borracha, vai haver por aí uma excitação, um furor dos demônios, um entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem um mês.

Pois quê! A cultura física é coisa que está entre nós inteiramente descurada. Temos esportes, alguns propriamente nossos, batizados patrioticamente com bons nomes em língua de preto, de cunho regional, mas por desgraça estão abandonados pela débil mocidade de hoje. Além da inócua brincadeira de jogar sapatadas e de alguns cascudos e safanões sem valor que, de boa vontade, permutamos uns com os outros, quando somos crianças, não temos nenhum exercício. Somos, em geral, franzinos, mirrados, fraquinhos, de uma pobreza de músculos lastimável.

A parte de nosso organismo que mais se desenvolve é a orelha, graças aos puxões maternos, mas não está provado que isto seja um desenvolvimento de utilidade. Para que serve ser a gente orelhuda? O burro também possui consideráveis apêndices auriculares, o que não impede que o considerem, injustamente, o mais estúpido dos bichos. (...) Fisicamente falando, somos uma verdadeira miséria. Moles, bambos, murchos, tristes - uma lástima! Pálpebras caídas, beijos caídos, braços caídos, um caimento generalizado que faz de nós um ser desengonçado, bisonho, indolente, com ar de quem repete, desenxabido e encolhido, a frase pulha que se tornou popular: “Me deixa...” Precisamos fortalecer a carne, que a inação tornou flácida, os nervos, que excitantes estragaram, os ossos que o mercúrio escangalhou.

Consolidar o cérebro é bom, embora isto seja um órgão a que, de ordinário, não temos necessidade de recorrer. Consolidar o muque é ótimo. Convencer um adversário com argumentos de substância não é mau. Poder convencê-lo com um grosso punho cerrado diante do nariz, cabeludo e ameaçador, é magnífico. (...)

Para chegar ao soberbo resultado de transformar a banha em fibra, aí vem o futebol.

Mas por que o futebol?

Não seria, porventura, melhor exercitar-se a mocidade em jogos nacionais, sem mescla de estrangeirismo, o murro, o cacete, a faca de ponta, por exemplo? Não é que me repugne a introdução de coisas exóticas entre nós. Mas gosto de indagar se elas serão assimiláveis ou não.

No caso afirmativo, seja muito bem-vinda a instituição alheia, fecundemo-la, arranijemos nela um filho híbrido que possa viver cá em casa. De outro modo, resignemo-nos às broncas tradições dos sertanejos e dos matutos. Ora, parece-nos que o futebol não se adapta a estas boas paragens do cangaço. É roupa de empréstimo, que não nos serve.

Para que um costume intruso possa estabelecer-se definitivamente em um país é necessário, não só que se harmonize com a índole do povo que o vai receber, mas que o lugar a ocupar não esteja tomado por outro mais antigo, de cunho indígena. É preciso, pois, que vá preencher uma lacuna, como diz o chavão.

O do futebol não preenche coisa nenhuma, pois já temos a muito conhecida bola de palha de milho, que nossos amadores mambembes jogam com uma perícia que deixaria o mais experimentado *sportman* britânico de queixo caído. (...)

Temos esportes em quantidade. Para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras? O futebol não pega, tenham a certeza. Não vale o argumento de que ele tem ganho terreno nas capitais de importância. Não confundamos.

As grandes cidades estão no litoral; isto aqui é diferente, é sertão. As cidades regurgitam de gente de outras raças ou que pretende ser de outras raças; não somos mais ou menos botocudos, com laivos de sangue cabinda ou galego.

Nas cidades os viciados elegantes absorvem o ópio, a cocaína, a morfina; por aqui há pessoas que ainda fumam liamba. (...)

Estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho. O futebol, o boxe, o turfe, nada pega.

Desenvolvam os músculos, rapazes, ganhem força, desempenem a coluna vertebral. Mas não é necessário ir longe, em procura de esquisitices que têm nomes que vocês nem sabem pronunciar.

Reabilitem os esportes regionais que aí estão abandonados: o porrete, o cachaço, a queda de braço, a corrida a pé, tão útil a um cidadão que se dedica ao arriscado ofício de furtar galinhas, a pega de bois, o salto, a cavallhada e, melhor que tudo, o cambapé, a rasteira.

A rasteira! Este, sim, é o esporte nacional por excelência!

Todos nós vivemos mais ou menos a atirar rasteira uns nos outros. Logo na aula

primária habituamo-nos a apelar para as pernas quando nos falta a confiança no cérebro - e a rasteira nos salva.

Na vida prática, é claro que aumenta a natural tendência que possuímos para nos utilizarmos eficientemente da canela. No comércio, na indústria, nas letras e nas artes, no jornalismo, no teatro, nas cavações, a rasteira triunfa.

Cultivem a rasteira, amigos!

E se algum de vocês tiver vocação para a política, então sim, é a certeza plena de vencer com auxílio dela. É aí que ela culmina. Não há político que a não pratique. Desde S. Exa. o senhor presidente da República até o mais pançudo e beócio coronel da roça, desses que usam sapatos de trança, bochechas moles e espadagão da Guarda Nacional, todos os salvadores da pátria têm a habilidade de arrastar o pé no momento oportuno.

Muito útil, sim senhor.

Dediquem-se à rasteira, rapazes.

(SOARES 1994, p.2 apud RAMOS)

O esporte também foi mal visto, inicialmente, pelos comunistas e anarquistas para os quais, segundo Bruhns (2000), o futebol era visto como fortalecimento burguês. Contudo, percebendo a força do esporte entre as classes operárias, este olhar foi se modificando e tentaram fazer dele uma força política capaz de acabar com as formas de miséria e opressão. Daí estimularem os operários a assumir os clubes. Assim, o futebol adentra a história do Brasil em seus diversos âmbitos, junto à, educação, à cultura e à política. “A legislação social e trabalhista do governo Vargas iria, de 1930 a 1936, regulamentar não só o futebol, como um número razoável de profissões. Os atletas foram reconhecidos formalmente como empregados, sob jurisdição do novo ministério do trabalho” (BRUHNS, 2000, p. 65).

Segundo Ribeiro (2013), as competições mundiais tiveram início em 1930. Sua primeira edição, contudo, não foi tão glamorosa, primeiro porque contou com participação de poucos países, com público bastante reduzido, e apenas um estádio foi construído para a competição. Mas a forma como os jogos foram disputados e a rivalidade presente em campo concretizaram o que o presidente da FIFA na época já acreditava, que o futebol se tornaria um esporte popular no mundo.

Disputaram a Copa: Uruguai, Peru, Argentina, México, Chile, Brasil, Bolívia, Paraguai, México, Iugoslávia, Romênia, Bélgica e EUA. Foi a única Copa do Mundo que os países europeus não foram maioria (...). Os sulamericanos participaram em peso, e qualquer equipe que tivesse se inscrito disputaria o Mundial. Bem diferente de hoje, onde as eliminatórias movimentam o mundo inteiro. Todos os 210 países filiados à FIFA participam com o mesmo sonho: disputar a fase final da competição. Desses 210, apenas 32 times chegam para a disputa e sabem com seis meses de antecedência quem são seus adversários, a fórmula de disputa, em que local e hora o jogo será realizado. O evento cresceu e se tornou o maior evento esportivo do planeta. Um detalhe bastante significativo é a força política da FIFA que possui mais países afiliados do que a Organização das Nações Unidas (ONU). O Brasil viveu o clima da Copa, já que as delegações do México e EUA que a bordo do Munargo, deram uma parada no porto do Rio de Janeiro antes de seguir para a disputa no Uruguai, treinaram no campo do Fluminense e do Botafogo e passaram pela “Cidade Maravilhosa” (RIBEIRO, 2013, p.04).

Em 1950, a seleção brasileira classificou-se em segundo lugar na copa do mundo, com uma perda dramática para o Uruguai, mas ganhou fama pelo belo estilo de jogo e pela ginga. Para Lopes e Maresca (1992), a derrota funcionou como metáfora das várias derrotas da sociedade brasileira na época, perdeu-se a chance de deixar a fama de povo destituído frente aos outros países. Tomando as palavras de DaMatta, podemos compreender o significado desta derrota:

A derrota, portanto, foi explicitamente atribuída à nossa infeliz constituição racial e ao peso enorme que carregamos como uma sociedade formada por vários grupos inferiores como "índios" e "negros". Dois jogadores do selecionado brasileiro, ambos negros e membros da defensiva do time nacional, foram situados como exemplos deste destino triste e inferior. Fez-se aqui uma junção entre o "jogo de futebol" e o "jogo da vida". De modo que a derrota para o Uruguai foi tomada como uma metáfora para as "derrotas" da própria sociedade brasileira, sempre submetida às forças impessoais do destino. O futebol, portanto, trouxe à superfície o dilema entre motivações vivas (...). A derrota no futebol acabou reativando um velho modelo cultural pessimista, expresso no drama de uma sociedade que se acredita "racialmente impura". Se o futebol então é bom para ser visto, ele também serve para dramatizar e pôr em foco os dilemas de uma sociedade. (DAMATTA, 1982, p. 57)

Em maio de 2011 ocorreu a XIII Jornada Multidisciplinar na Universidade Estadual Paulista de Bauru, cujo tema era “futebol, comunicação e cultura”, dela originou-se o livro organizado por Marques e Goulart. Era o futebol adentrando a agenda acadêmica, o livro discute os temas propostos na jornada que se iniciou com provocações como: “O futebol é a maior expressão democrática de nossa trajetória” (DAMATTA, 2012, p.12); ou “O futebol é um paradoxo da escravidão como um mal nunca superado, e ao mesmo tempo,

um bem valioso em nossa existência, não pela escravidão enquanto tal – o que é óbvio e gritante nos céus –, mas pela amplitude da humanidade que desvelou” (WISNIK, 2012, p.12).

Nas palavras de Toledo (2012), a jornada de Bauru discute torcidas como manifestação popular: nela todos se igualam e militam juntos, globalização e futebol, onde as histórias locais do futebol possuem imenso peso internacional que se propaga e unifica. Para Alabarces (2012) e diversos autores, como Goulart(2012), Marques (2012), Talamoni (2012), Bertolli Filho (2012), presentes na jornada, as narrativas do cinema voltadas ao futebol, também são fatídicas e marcam posicionamento na história, colaborando para o entrelaçamento país-cultura-futebol. Assim vai sendo difundida a importância do futebol ao nosso país.

Bruhns (2000, p. 132) encerra esse item dedicado a uma incursão sobre a história do futebol, anunciando aspectos culturais que serão tratados a seguir:

O futebol e o carnaval desenvolveram-se historicamente e foram “conquistando” seu lugar na sociedade brasileira, transitando por várias classes sociais, e caracterizando-se, enfim, como manifestações típicas de nossa cultura, principalmente das camadas socialmente menos favorecidas. Ao adquirirem esse status, passaram a ser utilizados como objetos de expressão social dessas classes, ganhando assim relevância política dentro desses grupos. São, neste contexto, uma forma de expressão política “velada” – tão típica do povo brasileiro – pela qual “reclama-se sem reclamar”. Ou seja, por meio dessas manifestações, o povo pode falar e agir conforme pensa e sente; porém, por serem manifestações “culturais”, não costumam ser encaradas como atos políticos, apesar de sua politicidade “latente”.

2.2- Aspectos culturais

DaMatta (1982) propõe que, ao relativizar o olhar sobre o futebol, nós tentemos nos despir de preconceitos, fugindo do modelo no qual o objeto social estudado seja reduzido a uma relação de confronto. Assim, é fundamental que visualizemos o futebol além do seu caráter funcional, para que possamos apreender a função política, cultural e social do esporte, que acaba por fazer eclodir tensões em diversos ângulos.

Para DaMatta (1984,p.1), a dramatização é parte fundamental do ritual

futebolístico.

Os dramas servem como indicadores de normas, relações e instituições nas suas operações concretas e em processos sociais. Um dos pressupostos básicos da ideia de drama social é que uma sociedade sempre se reproduz a si mesma em quaisquer domínios sociais que institui em seu meio. Assim, as dramatizações da esfera econômica se traduzem no plano político, religioso e até mesmo na culinária, conforme a demonstração de Claude Lévi-Strauss.

Sem o drama não há rito e o que o distingue é o chamamento para os relacionamentos, valores e ideologias que contam a história de uma dada população que tem suas características marcadas pelo drama que habitualmente cultiva. O drama não necessita ser verídico, basta que se o expresse de modo a revelar a necessidade de liberdade social. O autor reforça que o futebol é compreendido como um drama da vida social, palco de questões estruturais e hierárquicas da sociedade brasileira altamente ritualizado, como o carnaval e as chamadas religiões afro-brasileiras. Assim, futebol, carnaval e religião são objetos de apropriações ideológicas, no compor de uma identidade nacional, na qual o futebol se destaca como unificador, aglutinador do povo como nação.

Como o futebol é constituído de regras fixas, esse drama surge claramente. Assim, o jogo de futebol demarca com nitidez uma interação complexa entre regras universais (as regras do jogo) e vontades individuais (das equipes e jogadores, em confronto). O resultado disso, como vitória ou derrota, é uma boa metáfora para o jogo como destino e biografia, tema básico da própria sociedade brasileira. No futebol (como na chamada "vida real"), os homens estão relacionados em times (e famílias), pretendem vencer e atuam com um certo estilo. Mas não podem controlar as ações da equipe adversária, ou as coincidências, os erros e os acertos que decorrem do próprio jogo. Mesmo quando uma equipe apela para meios mágicos de vitória (o que é muito comum no futebol brasileiro), a vitória pode ser situada no plano do favorável, mas nunca no da certeza. Ora, é precisamente essa interação complexa do time com o time adversário, do time com ele mesmo, das duas equipes com as regras que governam o espetáculo e das equipes, regras e público com os controladores da partida (juízes e bandeirinhas) que cria o fascínio exercido pelo futebol enquanto um jogo e um drama. É sem dúvida essa complexidade que permite tomar o jogo de futebol como uma metáfora da própria vida (DAMATTA, 1982, p. 57).

Ao analisar o futebol na sociedade, os quesitos não se limitam à questão da função/utilidade do esporte, eles ultrapassam as barreiras funcionais e encontram implicações e consequências sociais. Da Matta nos ajuda a caminhar pelo seguinte pensamento: o futebol é a própria sociedade que se expressa através dos jogadores, telespectadores, por meio das regras, dos objetos e ideologias.

O futebol foi ganhando particularidades e atrativos em cada país em que chegava e não seria diferente com o Brasil...

A necessidade da construção da identidade brasileira nascia em meados de 1930, e o país era descrito a partir do seu cotidiano, como relata Barbosa (1992). Como compreender e definir o Brasil?

DaMatta (1982) indica que o sentido do jogo no Brasil é peculiar: além de o futebol estar associado à técnica, à tática, força física e psicológica, outros fatores como sorte e destino também adquirem importância. O futebol brasileiro ainda se caracteriza pela improvisação e individualidade. É através da dialética entre individualização e coletividade que o futebol brasileiro permite exprimir o individual se sobrepondo ao coletivo, o jogo de futebol então dramatiza, e mesmo apresentando vontades individuais, este esporte é coletivo. Trata-se também de um jogo imprevisível, que corta a relação direta (racional) entre os meios e os fins.

Uma diversão, de espécie competitiva, em que se atua segundo regras, e que é decidida por habilidade, força ou sorte. O jogo de futebol como uma metáfora da própria vida, a palavra futebol nunca surge sozinha, mas é sempre precedida do qualificativo jogo. Assim, no Brasil, vai acontecer um "jogo de futebol", o evento foi "um jogo bom ou ruim". Não é apenas uma questão de falar de futebol, mas de comentar ou discutir um "jogo-de-futebol". A posição específica do futebol (e do esporte em geral) varia em cada sociedade (...). Parece, pois, que nos Estados Unidos e na Inglaterra o domínio do esporte tem muito a ver com a ênfase no controle do físico e na coordenação de indivíduos para formar uma coletividade. Ao passo que, no Brasil, o esporte é vivido e concebido como um jogo. É uma atividade que requer táticas, determinação psicológica, habilidades técnicas, mas também depende das forças incontroláveis da sorte e do destino. Realmente, nos comentários após os jogos de futebol no Brasil, existem muitas situações onde se sabe que um dos times não jogou somente contra o tempo e o adversário, mas também contra o destino, que deve ser modificado ou corrigido para que a vitória possa lhe sorrir (DAMATTA, 1982, p. 56).

Para DaMatta (1997), o que nos diferencia dos norte-americanos não é o fato de sermos "pobres" e eles "ricos". Por mais profunda que seja a questão político-econômica, ela não é determinante absoluta de nossa cultura, isso se soma e contribui, mas o que nos faz brasileiros inclui nosso específico modo de olhar.

O futebol brasileiro também é caracterizado por não caber no sistema, dribles e passes ficaram famosos por quebrar regras. Segundo Santos Neto (2002), foi em São Paulo,

no ano de 1954, que o jogador Herman Friese ficou conhecido como "marreta" e "centroavante rompedor": disparava rapidamente pela área adversária e usava os ombros como marreta para proteger a bola e derrubar o adversário, estratégias até hoje bem-vindas. A partir de então, os brasileiros, encantados com o jogo de Friese, acrescentaram a ginga brasileira nos campos e quadras. Assim notamos que os impulsos do corpo do brasileiro, encontram sua linguagem no futebol, o sujeito escreve sua história e situa-se como produtor e produto de uma cultura, com um jeito próprio, em que seu corpo desemboca no espírito. Maia (2009) afirma que a liberdade é inseparável do pensamento e que o pensamento deve ir além da seara pensante e reconhecer suas vinculações com o corpo. Este autor pensa o corpo como elemento natural que não necessita do esclarecimento racional e continua dizendo que, desde a doutrina da alma, segundo Platão, os princípios vinculados ao corpo eram inferiorizados quando comparados à razão e ao pensamento. “O que é contingente, imperfeito e corruptível é identificado com o corpo e desprezado; esse desprezo trai a voz do que é dominado, assim como a voz do dominador, embora isso resulte no desvario da própria razão” (MAIA, 2009, p. 63).

Aos olhos de Helal (2003), até que o futebol entrasse nos colégios do Brasil, havia uma repressão do corpo, a valorização social era pautada apenas na razão racionalizada: o corpo podia ser inerte, desde que a mente trabalhasse. O predomínio da razão e da inteligência era o foco das instituições educacionais. O futebol exerce, assim, o papel de integrador do corpo e da mente, as atividades ganham espaço físico, as emoções ganham movimentos até chegarem aos dias de hoje, quando a dimensão futebolística faz do corpo uma possibilidade mítica do herói.

Esta outra faceta do futebol, a mítica do herói, se apresenta no próximo item.

2.3 O futebol como mito

Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior do nosso ser e da nossa realidade mais íntima, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos (CAMPBELL, 1988, p.14).

A questão do mito se apresenta neste item, na esteira de autores como Campbell, Helal, com ênfase nos autores de abordagem da Psicologia Analítica, que têm Carl G. Jung como base.

Iniciamos com as ideias de Campbell (1992), segundo o qual os mitos foram usados por muito tempo como únicas respostas da nossa mente para nossas maiores dúvidas. Em todas as sociedades encontramos a presença de mitos, e nos lembrarmos deles é voltar ao início das coisas, é retomar a força do começo.

O mito impõe um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar, aprender, olhar para as coisas; essa é a razão pela qual os mitos constituem os paradigmas de todos os atos humanos significativos. Os mitos foram criados pela lógica da nossa mente, a lógica da emoção desprendida de racionalidade, suas histórias são consideradas verdadeiras por darem respostas ao real.

A busca pelos mitos nasce da crença de que, se conhecermos a origem das coisas, estaremos imunes a elas, conhecer a origem seria ter poder sobre elas. O mito é uma linguagem do inconsciente e revela o que nós, seres humanos, temos em comum. Seguimos com as palavras do autor:

As literaturas grega e latina e a Bíblia costumavam fazer parte da educação de toda gente. Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu. Muitas histórias se conservavam, de hábito, na mente das pessoas. Quando a história está em sua mente, você percebe sua relevância para com aquilo que esteja acontecendo em sua vida. Isso dá perspectiva ao que lhe está acontecendo. Com a perda disso, perdemos efetivamente algo, porque não possuímos nada semelhante para pôr no lugar. Esses bocados de informação, provenientes dos tempos antigos, que têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e enformaram religiões, através dos séculos, têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá de produzi-los por sua conta. Mas assim que for apanhado pelo assunto, haverá um tal senso de informação, de uma ou outra dessas tradições, de uma espécie tão profunda, tão rica e vivificadora, que você não quererá abrir mão dele. (CAMPBELL, 1988, p.15)

Jung (1985) percebeu, em seus sonhos e nos sonhos de seus pacientes, imagens que não eram explicáveis pela memória pessoal, pareciam estar presentes em outro tipo de fantasia ou algo herdado da imaginação. As imagens eram arcaicas, imagens antigas existentes em alguma cultura, e encontradas na mitologia. Pesquisando tal fenômeno, Jung

chegou à conclusão de que esses conteúdos eram parte de um inconsciente coletivo que vem de geração em geração. Para elucidar a visão de Jung, é relevante falar um pouco sobre alguns de seus conceitos que explanam e elucidam a ligação com os mitos.

Carl Gustav Jung nasceu em 1875, na Suíça, formou-se em medicina e optou por exercer psiquiatria. Segundo Hall (1993), no ano de 1900, Jung inicia seus trabalhos no Hospital Burgholzli de Doenças Mentais, em Zurique. Hall relata que a Psicologia Analítica de C.G. Jung foi a psicologia que mais contribuiu para o estudo do material simbólico da humanidade. Jung fez várias viagens, conheceu várias culturas e, com isso, pôde vislumbrar uma conexão universal entre os homens, uma herança psicológica construída ao longo da evolução humana. A herança psicológica universal é denominada por Jung de inconsciente coletivo. Os conteúdos do inconsciente coletivo são denominados de arquétipos, tipos arcaicos que surgem na consciência como imagens simbólicas. E as imagens simbólicas primordiais são os mitos. Segundo Silveira (1997, p. 162), “os mitos resultam da tendência incoercível do inconsciente para projetar as ocorrências internas, que se desdobram invisivelmente em seu íntimo, sobre os fenômenos do mundo exterior, traduzindo-as em imagens”.

Através da concepção de inconsciente coletivo, Jung concebe que todos os homens, primitivos ou modernos, compartilham de um conhecimento arquetípico universal. Essa estrutura rompe com a linearidade espaço-tempo, ampliando a visão do psiquismo para além da simples causalidade. A análise mítica nos traz a possibilidade de ter acesso ao material arquetípico e arcaico do inconsciente. Deste modo, a análise faz um resgate simbólico para a compreensão das nossas imagens internas, dos mitos e, conseqüentemente, para uma compreensão mais profunda de si mesmo. Uma viagem do coletivo ao individual e do individual ao coletivo. Para tanto, o analista deve ter um conhecimento amplo acerca da origem e do sentido dos símbolos, para assim, fazer analogias entre os mitos arcaicos e as vivências sociais.

A amplificação da imagem mítica torna possível a analogia com as vivências ritualísticas. Ficaremos com as palavras de Campbell (1988, p.25) para darmos seqüência à reflexão:

A mitologia lhes ensina o que está por trás da literatura e das artes, ensina sobre a sua própria vida. É um assunto vasto, excitante, um alimento vital. A mitologia tem muito a ver com os estágios da vida, as cerimônias de iniciação, quando você passa da infância para as responsabilidades do adulto, da condição de solteiro para a de casado. Todos esses rituais são ritos mitológicos. Todos têm a ver com o novo papel que você passa a desempenhar, com o processo de atirar fora o que é velho para voltar com o novo, assumindo uma função responsável.

O autor exemplifica o valor simbólico com a atitude de deferência das pessoas ao se levantarem ao se depararem com um juiz. Mas esse gesto referencia a toga que ele veste e o papel que ele desempenha, não a pessoa.

O que o torna merecedor desse papel é a sua integridade como representante dos princípios que estão no papel, e não qualquer ideia preconcebida a seu respeito. Com isso, você está se erguendo diante de uma personagem mitológica (...). Quando se torna juiz ou presidente dos Estados Unidos, um homem deixa de ser o que era e passa a ser o representante de uma função eterna; deve sacrificar seus desejos pessoais e até mesmo suas possibilidades de vida em nome do papel que agora desempenha (CAMPBELL, 1988, p.25)

Os mitos aprofundam, por meio de paralelos, toda a produção simbólica da humanidade, dando sentido aos nossos hábitos, religião, arte. Assim, o mito possibilita um olhar atento às situações vividas.

Em seus estudos sobre o mito do herói, Campbell (1992) relata que facilmente encontramos pessoas que revivem algum mito. Elas estão mergulhadas no inconsciente coletivo que é provido de conteúdos mitológicos, sendo uma manifestação perceptível nesses indivíduos.

Em geral, os heróis são valentes, vencem desafios, matam monstros, enfrentam tudo sempre se achando onipotentes e imunes à destruição. Todos nós passamos por vários momentos em que parecemos revivê-los, como na adolescência. Nesta fase, os adolescentes começam a sair do aconchego da família rumo à vida dos desafios e usam da coragem que é a força dos heróis. O abuso desse poder se alicerça na ideia de que sejam onipotentes e imunes aos males da sociedade. Ouçamos (CAMPBELL, 1988, p.37)

O que é um mito? A definição de dicionário seria: História sobre deuses. Isso obriga a fazer a pergunta seguinte: Que é um deus? Um deus é a personificação de um poder motivador ou de um sistema de valores que funciona para a vida humana e para o universo – os poderes do seu próprio corpo e da natureza. Os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos

poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo. Mas há também mitos e deuses que têm a ver com sociedades específicas ou com as deidades tutelares da sociedade. Em outras palavras, há duas espécies totalmente diferentes de mitologia. Há a mitologia que relaciona você com sua própria natureza e com o mundo natural, de que você é parte. E há a mitologia estritamente sociológica, que liga você a uma sociedade em particular. Você não é apenas um homem natural, é membro de um grupo particular.

Também os jogadores de futebol aparecem como deuses na nossa sociedade, sobretudo nas campanhas publicitárias. Reportagens, documentários replicam a história comum de que os jogadores foram meninos que iniciaram uma difícil jornada, batalharam duramente, passando por muitas dificuldades e conseguem, afinal, serem vencedores.

O sonho de ser jogador coloca a criança na jornada... Para se profissionalizar, é necessário muito esforço, vários testes físicos em times, investimentos financeiros, renúncias a atividades lúdicas, verdadeiras batalhas, e ao ingressarem na vida profissional, estão mais próximas da consagração. Byington (2006) diz que o futebol é a arte do corpo na escola das emoções, correspondendo a um grande ritual pedagógico da alma coletiva, uma forma criativa de educar e guiar as emoções humanas. O homem pode, por meio da bola, vivenciar a vitória e a derrota.

O autor ressalta ainda que o futebol e o carnaval são vistos, erroneamente, como exemplos de alienação social no Brasil. Trata-se de uma visão muito simplista da cultura brasileira e até do que seja cultura, tendo em vista que a notoriedade desse esporte pode ser mensurável, à medida que observamos o quanto faz vibrar a alma individual e cultural do povo brasileiro. Byington (2006) completa que os símbolos contidos neste esporte expressam e alimentam a vida psíquica desse povo.

Sobre os arquétipos, matrizes do psíquico humano, Jung afirma existirem “tantos arquétipos, quantas as situações típicas na vida” (JUNG, 1963, p. 30). Analisar os arquétipos no contexto da história do futebol é olhar sua pré-imagem. Conforme Jung (1964), seria perceber a imagem primordial que vem antes das vivências. Hall afirma que “o arquétipo materno, por exemplo, não é uma fotografia de uma mãe ou de uma mulher. Assemelha-se mais a um negativo à espera de ser revelado pela experiência” (HALL, 1993, p. 34).

Jung (1986) conceitua a personalidade tendo em vista as partes que constituem sua estrutura. São elas: ego, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo. Para explicitar tais conceitos, os autores Hall e Nordby (1993), importantes autores na introdução da psicologia junguiana, estarão nos apoiando e nos respaldando para chegarmos aos mitos e ao herói no futebol.

O Ego é o centro da consciência, responsável pela organização da mente consciente, constituído de percepções, memórias, pensamentos e sentimentos presentes na consciência. Além de organizador, o ego é selecionador, não são todos os conteúdos que entram na consciência porque o ego os elimina antes que venham à luz da reflexão.

No Inconsciente pessoal estão os conteúdos das camadas mais superficiais do inconsciente – os que não necessitam estar na consciência o tempo todo. Nele ficam os complexos ou conjunto de energia com forte carga afetiva, formados por imagens, percepções, ideias e fantasias que se agrupam ao redor de um núcleo denominado arquétipo.

O Inconsciente coletivo é a camada mais profunda do inconsciente, constituída de padrões não individuais, mas universais. São os arquétipos, que consideramos como possibilidades herdadas para representação de imagens similares, formas instintivas de imaginar, matrizes arcaicas onde configurações análogas ou semelhantes tomam determinada forma. Dentre os arquétipos mais enfatizados por Jung (1964) estão arquétipo, persona, sombra, anima e animus e o *self*.

O significado original da palavra psique corresponde à alma, espírito; atualmente ressignificada, a palavra corresponde à mente. Na psicologia junguiana, (JUNG, 1964) a psique é a personalidade como um todo, e a psicologia passa a ser o conhecimento deste todo. Vale afirmar que psique não é sinônimo de mente consciente, embora só percebamos diretamente o que está na nossa consciência; a amplitude da psique vai além do que notamos e reconhecemos como parte de nós. A consciência se faz através de imagens que formamos das experiências a quais vivemos e que o ego permite habitar nossas lembranças.

A psique é a interação da consciência, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo que resultam na personalidade de cada um. Vamos aqui tratar desses conceitos, com

embasamento dos autores junguianos Hall e Nordby (1993), certa de que não os esgotaremos.

Consciência, parte da psique conhecida pelo indivíduo, nada pode ser consciente se não estiver ligado ao *ego*, sendo o ego conteúdo da consciência, que é crescente, vai se ampliando ao longo da vida. O ego é composto por pensamentos, sentimentos e percepções, ocupa pequena parte da psique, mas com função fundamental, é vigia da consciência.

Inconsciente pessoal tem a função de descansar a psique, é como se ele fosse um armário, onde guardamos nossas coisas de forma organizada para não ficarem espalhadas e á nossa vista o tempo todo, então quando precisamos de alguma dessas coisas, vamos até o armário e pegamos. Assim é o inconsciente pessoal, colocamos lá as lembranças a fim de que a consciência não se sobrecarregue.

Os seus conteúdos são os complexos. Estes são basicamente formados ao longo da educação. Por serem carregados de afeto, nos fazem ter um olhar muito pessoal e tendencioso, se não for compreendido. A organização do inconsciente pessoal se dá por determinadas experiências que tendem a se aglomerar, formando uma constelação de lembranças com alguma semelhança, formando assim os complexos.

Inconsciente coletivo, sua existência não depende de experiências pessoais, não são lembranças vividas pelo indivíduo, essa estrutura é herdada. Na época de sua descoberta, foi de notória inovação, tendo em vista que até essa descoberta, a mente consciente ou inconsciente era resultado da experiência pessoal. Jung inclui para o conceito da psique a evolução, o ambiente e a hereditariedade como fatores que acionam essa estrutura, assim como o faz ao corpo. Ouçamos as palavras de Hall e Nordby:

A mente, por intermédio de seu correspondente físico, o cérebro, herda as características que determinam de que maneira uma pessoa reagirá às experiências de vida, chegando até a determinar que tipos de experiência terá. A mente do homem é pre-figurada pela evolução. Desta maneira, o indivíduo está preso ao passado, não somente ao passado de sua infância, mas também, o que é ainda mais importante, o passado da espécie, e, antes disso, à longa cadeia da evolução orgânica. Esta colocação da psique dentro do processo evolutivo constitui a suprema realização de Jung (HALL E NORDBY, 1993, p. 31).

Sendo assim, nascemos com potencialidades, que podemos desenvolver ou não, mas essas potencialidades estarão sempre ali, são partes de nós. O conteúdo do inconsciente coletivo é denominado arquétipo; essa palavra significa modelo original, protótipo, que seriam as pré-disposições desprovidas de conteúdo. Uma boa metáfora para explicar o arquétipo seria pensarmos na possibilidade de utilização de uma caixa vazia com forma triangular, onde poderíamos colocar produtos como açúcar, sal ou farinha, que o formato seria mantido. Assim são os arquétipos, vazios, mas providos de forma; um exemplo é o arquétipo materno: cada um vive as experiências com a mãe de uma maneira, mas todos têm uma imagem, uma forma de mãe que é arquetípica e cada um irá encher com as suas experiências. Um arquétipo se revela para nós quando vivemos experiências referentes a ele, mas mesmo que não tenhamos experiências para preencher esse arquétipo, ainda assim sua forma estará ali. Um órfão que não conviveu um dia sequer com sua mãe tem internalizada toda uma forma da imagem materna, que pode não se revelar, mas estará ali. Os arquétipos incluem os mitos, ouçamos novamente a voz dos autores:

Entre muitos arquétipos estudados por Jung, incluem-se os do nascimento, do renascimento, da morte, do poder, da magia, do herói, da criança, do embusteiro, de Deus, do demônio, do velho sábio, da mãe terra, do gigante e de muitos objetos naturais, como as árvores, o sol, a lua, o vento, os rios, o fogo e os animais, além de muitos objetos fabricados pelo homem como anéis e armas. (HALL e NORDBY, 1993, p. 34)

Para tornar mais clara a simbiose dos mitos com os arquétipos, vamos olhar para a definição de Joseph Campbell, sobre a mitologia: “A mitologia é a canção do universo – música que nós dançamos mesmo quando não somos capazes de reconhecer a melodia” (CAMPBELL, 1990, p. 09).

Os mitos são uma forma de expressão dos arquétipos, falando daquilo que é comum aos homens de todas as épocas, porque falam dos valores eternos da condição humana. Eles se referem às realidades arquetípicas, contam sobre as situações das quais todo ser humano vivencia, resultados de sua condição humana. Muitas de nossas vivências são padrões: nascimento, casamento, envelhecimento, morte. São todas arquetípicas, e os mitos explicam e promovem as transformações psíquicas que se passam, tanto no nível individual, como no coletivo cultural. A mitologia é uma das formas para chegarmos à

tomada de consciência, é o olhar de outra perspectiva, é a identificação dos elementos, é o encontro com um valor.

Segue breve descrição de alguns arquétipos ainda segundo Hall e Nordby, (1993):

1) *Persona*: trata-se das máscaras que usamos no dia a dia, nossos papéis sociais que exigem de nós comportamentos diferentes. Em casa agimos de uma maneira, no trabalho de outra e na faculdade de outra ainda; somos pais, mas também somos filhos, tios, vizinhos são diversos os papéis sociais e pessoais que apresentamos em um único dia. É patológico quando ocorre identificação da *persona* com o ego e o indivíduo usa aquela *persona* em todas as ocasiões, o jogador de futebol que não sabe falar de outra coisa ou não se permite vivenciar outros papéis tem a *persona* inflada, a *persona* de jogador de futebol toma conta dele todo. 2) *Anima* e *animus* são as qualidades do sexo oposto em cada um de nós, que estão presentes como resultado do longo convívio entre homens e mulheres. 3) *Sombra*: nela colocamos tudo o que rejeitamos em nós, ou seja, tudo o que não é aceito tendemos a esconder na *sombra*. Quanto mais conhecemos a *sombra*, mais capacidade teremos para individuar, tornar-nos quem somos em essência, sermos únicos. 4) *Self* –Eu: é o arquétipo organizador da personalidade, está ligado a todos os outros arquétipos numa tentativa de integração da personalidade.

Byington (2006) enfatiza os arquétipos de Deus, do herói, da criança divina, da bruxa, do bufão, do político, do gênio, do médico, relatando a imensidão dessa categoria psíquica. Os arquétipos se expressam em tudo na vida, inclusive nos jogos e brincadeiras que propiciam o desenvolvimento criativo da personalidade. Para o autor, crianças dispõem de jogos para brincar criativamente para se desenvolver, auxiliando inclusive na passagem da Consciência no seu desenvolvimento. No artigo publicado na Revista Psicologia Atual (2006), Byington afirma:

Precisamos ir além e perceber os jogos de massa, principalmente os esportes nacionais que atraem multidões, como um exercício de desenvolvimento simbólico da alma coletiva, ou seja, da cultura. Para isso, é importante tentar compreender o substrato psicológico profundo que dá origem a um esporte capaz de fascinar as grandes massas. Dentro de uma psicologia simbólica do esporte em geral, vemos que os jogos de massa, canalizadores de intensas emoções coletivas, não são mero passatempo. Não são, como muitos pensam, o mundo do superficial, do não sério. Os grandes rituais de uma cultura fazem emergir, na superfície, aspectos profundos das nossas raízes arquetípicas. Sua prática

realimenta os indivíduos através da vivência de símbolos da Psique coletiva. Assim, tanto mais rica será uma cultura quanto mais numerosos e exuberantes forem os rituais que seus indivíduos tiverem à disposição. (BYINGTON, 2006, p.3).

Este mesmo autor afirma que sofremos de um impulso capitalista que nos direciona sempre a acreditar que só é importante o que tem razão lógica e utilitária para existir, queremos ocupar todo o tempo de forma otimizada e produtiva, e nos esquecemos da importância do espontâneo e do popular, da riqueza do nada, da alegria do lúdico, pensamento incapaz de perceber a riqueza dos símbolos, e daquilo que simplesmente nos traz emoções.

Byington (2006) ainda diz que, por meio do futebol, em cinco campeonatos das copas do mundo, vivenciamos a apoteose, que consistiu em elevar toda a nação brasileira à divindade. O futebol é dotado de símbolos que ligam a nossa Consciência Coletiva ao povo e à Cultura. O mesmo autor ainda afirma que o campo tem formato mandálico que é símbolo de Totalidade. O futebol é coletivo e ritualístico na sua medida metonímica, identifica os espectadores com o espetáculo que se desenrola em campo, o espetáculo parece ter a mesma função psicológica ocasionada pelas religiões. Ainda para Byington, as religiões ligam a Consciência às suas raízes, ou seja, ao Arquétipo Central do Self, organizador do desenvolvimento psicológico da alma individual e coletiva, o que se verifica, em inúmeras culturas onde estes espetáculos existiam como um ritual propiciador dos deuses, como os jogos olímpicos dedicados a Zeus. O movimento final do jogador vencedor, quando ele ergue a Copa, o troféu, é um símbolo da Apoteose, a comunhão do indivíduo com o Todo. Continuamos essa reflexão nas palavras do autor

A mandala do campo contém, delimita e propicia o desenvolvimento da tensão necessária à ação dramática. Ela é, ao mesmo tempo, espacial, vivencial e emocional: delimita os que jogam, os que torcem nas arquibancadas e em casa, separando-os fisicamente para reuni-los emocionalmente como um todo durante o desenrolar dramático. A identificação simbiótica torcedor/jogador é muito estimulada pela cobertura da imprensa, que torna o espetáculo mais íntimo de todos. Retratos e entrevistas de jogadores, acrescidas de comentários, fofocas e desafios de dirigentes, aumentam a expectativa dramática e favorecem a participação emocional. São os rituais emocionais de aquecimento preparatório. Através deles, a identificação espectador/jogador é ativada de antemão. Durante o jogo, esta identificação chega a tal ponto, que precisa ser limitada e contida, sem o que não seria possível a ação dramática e, por isso, entre o campo e a torcida há um fosso e policiais prontos para conter a alma transbordante dos mais exaltados.

Esta delimitação física é necessária para favorecer a identificação emocional, que assim pode atingir, com segurança, o grau intenso de empolgação necessária para que o povo se torne também agente do drama que se desenrola. (BYINGTON, 2008, p.03)

A partir do drama que se desenrola, a sociedade tem uma organização em que se impõe o padrão comportamental que privilegia o mais forte, o mais habilidoso, com o qual a mesma quer se identificar. O primeiro lugar é enaltecido no esporte, fortalecendo e direcionando a competição para a vitória; o espaço delimitado para o jogo nos remete às arenas mitológicas de gladiadores, cujo objetivo não era apenas a competição, era a sobrevivência. Hoje vivenciamos o futebol inserido no capitalismo, o futebol/negócio, nas arenas/estádios onde os jogadores vão gladiar a sobrevivência que instiga a vitória: sobrevivência do capitalismo.

Hans (1986), discípulo de Jung, também compartilha o pensamento de que o profundo do ser humano é dotado de material simbólico coletivo que se liga a vivências ou alguma forma de expressão para representar sentimentos, que precisam ser ligados a nossa existência.

Há muitas coisas em nossa alma que não podemos exprimir racionalmente ou fazer entender por outras pessoas. Muitas vezes parece que existe um desejo vago dentro de nós, o qual pode ser tão fraco que dificilmente o percebemos, ou tão forte que influi nitidamente nas nossas disposições, humor e ações. Se então perguntarmos à pessoa qual é este desejo, ela, muitas vezes, não poderá responder à interrogação. Tão indeterminados, difíceis de captar e indizíveis são os movimentos e aspirações surgidos em nossa alma, que parecem distantes e confusos à nossa consciência. Tudo o que é novo, tudo que ainda não tenha sido experimentado ou vivido, e emerge da profundidade do mundo interior para ser realizado, tem no começo essas características. Quando o homem estiver interessado na consciência, quando quiser descobrir o desconhecido dentro de si mesmo, quando almejar saber não só aquilo que existe, mas quiser experimentar o que é, então tentará dar forma ao impalpável, dizer o indizível e plasmar o caos borbulhante. É parte daquela força plasmadora criativa imanente em cada homem, e com a ajuda da qual o novo e o desconhecido, provindo do além do mundo conhecido, deve ser trazido para o consciente. (HANS, 1986, p.136)

O arquétipo do herói é vivenciado pelo atleta e pela sociedade, na figura que é aproximada da imagem divina dos deuses, capaz de protagonizar a realização de grandes feitos cada vez mais raros, sobre-humanos. É a imagem do divino não expressa racionalmente ou em palavras dentro de nós, é uma vivência que faz emergir o divino na consciência e dá forma à impalpável força plasmadora criativa de cada homem. Condição que favorece o imaginário esportivo.

Por meio do futebol, é possível vivenciar o herói e também a valorização social que se dá pela vitória. Nem mesmo o segundo e terceiro lugares são bem vistos, a busca incessante é pela vitória.

Na ótica de Rubio (2002), o esporte é culturalmente associado ao lazer e ao uso do tempo livre. A profissionalização e capitalização dos esportes trouxeram patrocínio gerado pela abrangência televisiva. Desde 1970, a relação causal dinheiro/desempenho esportivo passou a compor uma dupla inseparável, e o esporte associou-se também à carreira profissional e opção de vida para habilidosos, para os melhores, somente aos heróis.

A carreira de um atleta não é fruto apenas de uma disposição e talentos individuais, existem fatores externos que podem influenciá-lo. Nas palavras de Rubio (2002, p.03) podemos ampliar a compreensão.

A partir do início da atividade esportiva e competitiva regular, essa condição é reforçada pelo argumento de que atleta vencedor é aquele que ganha torneios e se consagra com medalhas. A interpretação dessa situação aponta para uma inclinação desses atletas para a luta, e conseqüentemente à agonística. Apesar de uma disposição individual inicial para a prática esportiva que pode levar à profissionalização é possível perceber, ao longo a trajetória de vários atletas, a influência exercida por elementos externos, como por exemplo a história de vida de outros esportistas e a exposição sistemática pela mídia de carreiras e situações vitoriosas, interferindo diretamente na construção do conceito de vencedor e na constituição do imaginário e do repertório esportivo, onde o derrotado é premiado com o consolo. Indicações como essas apontam que a carreira de um atleta não é fruto apenas de uma disposição e talento individuais, da afirmação de uma vontade latente ou da determinação em perseguir objetivos. Fatores externos como a influência parental, políticas institucionais e papel dos formadores podem influenciar e mesmo determinar a transformação de um aspirante em atleta.

Tudo isso auxilia na construção da identidade do atleta. Considerando que o esporte reflete as sociedades organizadas, as regionalizações, estados, classes sociais; reflete valores morais; temas do esporte como a integração corpo e mente e a função pedagógica que agrega cultura, competição, esses fatores foram construindo a valorização da vitória.

Mitos e arquétipos do herói são, portanto, usados na divulgação esportiva e na construção da identidade do jogador. Mito entendido como instituição que colabora na compreensão e explicação da realidade, uma forma espontânea do homem se encontrar no mundo, pelas realidades vividas pré-reflexivas das emoções.

Os mitos têm, segundo Campbell (1990), quatro funções: a primeira, a mística, que busca entender os pontos obscuros da vida, das maravilhas do mundo, entre outros não explicados pela ciência. A segunda função, a cosmológica, fala do universo. A terceira reflete sobre sociologia e ideologia – função sociológica. A quarta função do mito é a pedagógica, que diz como os mitos explicam, ensinam, relatam.

Para Mircea Eliade (1989; 1996), o mito fixa modelos de ritos e das atividades humanas de significâncias relevantes. “Os homens imitam os Deuses e os Deuses explicam os homens”.

O Esporte é integrador do corpo, mente e cultura, é constituinte de uma identidade nacional, na qual o Brasil é conhecido pelo amor ao futebol; os Estados Unidos, pelo amor ao basquete e, assim, o esporte identifica e comunica. Para DaMatta (1982), o futebol ascende junto com a necessidade do país de ter sua identidade conhecida e permite a expressão dos problemas, a externalização das nossas emoções e sentimentos e transcende a esfera da diversão e do entretenimento. Podemos dizer que dá espaço para que os mitos emanem da profundidade arquetípica.

O trabalho de Campos (2008) analisa todos os impressos de 1º a 15/08/2003 que se referiam ao Pan-americano. Analisa 563 matérias com foco na linguagem e na construção de mitos e manifestações de arquétipos na imagem dos esportistas, obtendo a informação de que a imagem dos atletas é explorada pela mídia junto a símbolos nacionais e constroem heróis na nossa necessidade arquetípica.

A questão do ídolo esportivo é a pedra fundamental onde se assentam os objetivos da imprensa especializada. Obviamente, ela não os fabrica sozinhos, pois, atrás do ídolo estão todo um contexto propício e um perpétuo jogo de interesses, mas, é certo que tenha a função de mantê-los a serviço do poder ou como mecanismos de perpetuar a paixão esportiva; que culmina na máxima: não há esporte sem ídolos (CAMPOS,2002, p.06).

Marques (2003), em seu artigo sobre a construção de ídolos, aborda o universo esportivo como prodígio na construção de ídolos e heróis. A comunicação globalizada e a informação tecnológica fazem com que jogadores atinjam grande proporção de amor popular.

Campbell (1992) traz reflexões sobre a decadência dos mitos na sociedade moderna. Para o autor, o homem moderno está focado no indivíduo e não no grupo, não existe uma sociedade de totalidade religiosa, mas política e econômica e diz “A teia onírica do mito ruiu”. (CAMPBELL, 1992, p. 372)

O autor coloca a mídia como capaz de montar e desmontar mitos pelo processo de exposição intensa e massiva da imagem do esportista, com os mitos e os arquétipos e ascensões e quedas de sua imagem em idolatria.

Helal (2003), que estuda desde 1998 as narrativas da mídia da trajetória de vida dos ídolos do futebol, percebeu a capacidade midiática em transformar os ídolos em heróis. O campo de futebol mandálico, que é o espaço delimitado de luta dos jogadores heróis, se consagra no momento de competição, a sociedade se une ao espetáculo e junto dele vence e é glorificado ou perde e é acalentado, pois o herói quando perde uma batalha não desiste, deixa latente que na próxima luta virá a vitória.

Salienta em seu discurso que a diferença entre ser celebridade ou herói é que os primeiros vivem para si e os heróis vivem para redimir a sociedade. A saga do herói, segundo Campbell (1995), ocorre com aquele que se aventura e enfrenta os obstáculos, vence e retorna à casa, trazendo benefícios aos seus, transforma o universo; o que acontece para uma torcida quando um jogador “herói” cumpre sua saga.

Sobre a cultura do país, Helal (2003) afirma que tendemos a dizer que os vitoriosos o são por naturalidade. O autor cita como exemplo o fato de um jovem que passa em primeiro lugar no vestibular e tal fato ser tratado como “coisa normal”, ou seja, tinha uma vida normal, ia ao cinema, namorava, viajava etc... Há, por fim, uma negação do esforço. Não se comentam as horas que ele estudou por dia e tudo a que renunciou. Da mesma forma, dizer que um jogador é esforçado chega a ser ofensivo, dizemos que ele tem talento, que emergiu de uma infância pobre e se sobressaiu trazendo a vitória, praticamente um herói nato; assim, por natureza divina.

Nas observações do mesmo autor, a vida dos jogadores é de muita luta e esforço, muitas renúncias não feitas e a narrativa de suas vidas os transformam em “Deuses do Olimpo”, capazes de redimir uma nação.

Dentro do universo mítico, os Deuses como os homens têm personalidades e perfis diferentes. Helal (2003) exemplifica com dois jogadores cujos perfis se contrapõem, Zico e Romário: o primeiro é o herói mais clássico, o da superação constante, vitória conquistada, carismático; já o segundo, se consagra como herói da genialidade, irreverência, malandragem, típico herói brasileiro – “Deus adaptado à cultura do nosso país” (HELAL, 2003, p. 10). O jogador é, portanto, um mito brasileiro, criado pela lógica da nossa mente, a lógica da emoção desprendida de racionalidade. Suas histórias são consideradas verdadeiras por se referirem a uma realidade, mesmo que imaginária.

Palma Filho (1998) discorre sobre o número cada vez maior de produtos produzidos especificamente para as crianças, em uma tentativa de trazê-las para o mercado consumidor. No futebol temos a força dos produtos futebolísticos inseridos numa seara mitológica, pois as chuteiras, camisetas, bonés e todos os outros artigos, que carregam a marca do jogador de sucesso, desejam imprimir uma marca de sorte, um amuleto, talismã para ser capaz de passar a mensagem de que a força e os poderes daquele jogador possa estar com quem usa. Mas nosso propósito é ver como as histórias infantis constroem o futebol, como constroem a imagem dos jogadores na mente dos pequenos leitores.

O capítulo a seguir traz à baila a imagem – componente do *corpus* onde se corporifica nosso objeto de estudo: histórias infantis com a temática do futebol – nos seus aspectos antropológico, comunicacional, para, então, tratarmos do seu diálogo com o texto: o aspecto semântico.

3 A imagem sob luzes: aspectos antropológicos, comunicacionais e semânticos

Considerações sobre imagem sob diferentes pontos de vista abrigam este capítulo. Apresentamos, inicialmente, reflexões sobre como o mundo das imagens foi concebido no mundo Ocidental para, em seguida, inserirmos a imagem no pensamento comunicacional, a partir de Miège (2000). Feita essa apresentação da imagem sob a ótica da antropologia e da comunicação, sua relação com a palavra ou seu aspecto semântico encerra o capítulo.

3.1 O mundo das imagens ou o imaginário

Sempre em detrimento da palavra, a imagem como geradora de sentidos foi alocada no campo do entretenimento. Nos próximos parágrafos, o papel menor delegado à imagem através dos tempos são aqui apresentadas sob a ótica de Durand.

Detentoras de uma pretensa verdade, as civilizações ocidentais quase sempre desafiaram a imagem. Durand (2010, p.7) aponta o paradoxo que vem dessa negação do Ocidente: ao mesmo tempo em que essa civilização demonstrou desconfiança na imagem, propiciou ao mundo as técnicas de reprodução da comunicação das imagens.

Nas páginas da Bíblia estão os primeiros sinais de repúdio em relação à imagem que não poderia substituir o divino. À censura ao uso de imagens, liga-se o método da verdade, proveniente de Sócrates que, baseado numa lógica binária constituída de apenas dois valores – um falso e um verdadeiro – tornou-se o único processo eficaz para a busca da verdade no ocidente.

Dada a impossibilidade de se reduzir a um argumento verdadeiro ou falso, a imagem passa a ser desacreditada. Assim, imaginação passa a ser considerada “a amante do erro e da falsidade”. Contrapondo-se à lógica aristotélica que exige “clareza e diferença”, a imagem se presta apenas à contemplação, ao devaneio, à ambiguidade, a uma descrição sem fim...

Durand apresenta momentos da história em que as imagens foram rechaçadas, pois sua detenção caracterizava os idólatras. O antropólogo parte daquele que seria o primeiro momento da iconoclastia, a destruição de imagens pelos imperadores de Bizâncio; passa pela escolástica medieval que protagoniza momento significativo na construção do iconoclasmo, o segundo momento. Galileu e Descartes protagonizam o terceiro momento. Estes últimos, seguidores das ideias de Aristóteles e de São Tomás de Aquino, consideravam a razão como único acesso à verdade e, em sendo assim, o imaginário era excluído dos processos intelectuais. A imagem é novamente relegada a um plano inferior, sendo suplantada pela arte de persuasão dos pregadores e poetas. Para o autor, a imagem “[...] nunca ascenderá à dignidade de uma arte demonstrativa” (DURAND, 2010: 13). As experiências de Galileu e o sistema geométrico de Descartes representam um universo mecânico que não dá passagem à poética.

O início no século XVIII marca o quarto momento do iconoclasmo. Na esteira de nomes como David Hume e Isaac Newton, é marcado pelo empirismo factual no qual são delineados os limites entre “fatos” e fenômenos.

O “fato”, aliado ao argumento racional, surge como outro obstáculo para um imaginário cada vez mais confundido com o delírio, o fantasma do sonho e o irracional. Este “fato” pode ser de dois tipos: o primeiro, derivado da percepção, poderá ser tanto o fruto da observação e da experiência como um “evento” relacionado ao fato histórico (DEBORD, 2010: 13-4).

O cientificismo e o historicismo foram as duas filosofias que rejeitaram o imaginário, o pensamento simbólico e o raciocínio por semelhança. O cientificismo é a doutrina que reconhece a verdade comprovada por métodos científicos; já o historicismo é a doutrina que reconhece as causas reais como as que são expressas concretamente por um evento histórico. Nesse contexto, qualquer “imagem” que não passe de clichê de um fato não é confiável. Sendo assim, são banidas da ciência as digressões dos poetas, as visões dos místicos, as alucinações dos loucos e as obras de arte.

Mas essa rejeição tão implacável dos valores e poderes do imaginário em nome da razão encontrou resistência no próprio Ocidente. A primeira delas vem com o pensamento platônico que abre espaço para o imaginário por meio do mito ou o que se denominou de

entidade visionária da alma. Justamente essa retomada do mito faz com que o embate entre iconoclastas e os adeptos da imagem renasça. No século XVIII, São João, o Damasceno defendeu as imagens contra uma teologia da abstração, pois o ícone possibilitava a recondução para ‘outro lugar’, diferente do mundo considerado vil, da corrupção e da reprodução.

A cristandade se caracterizou, portanto, pelo iconoclasmo racionalista, por uma estética da imagem “santa” que a arte bizantina perpetuou por séculos, bem como pela oração diante dos ícones privilegiados.

A grande propagadora do culto da imagem sacra foi a ordem de São Francisco de Assis. Os franciscanos propagaram uma nova sensibilidade religiosa com “transposições para imagens dos mistérios da fé” dentre outras representações. Três são os graus de representação na recondução da alma até o Deus Criador: vestígio, imagem e semelhança. O vestígio está em qualquer visão da criação ou contemplação, mas é com a imagem que a alma humana representa com maior exatidão as virtudes da santidade. Finalmente, a mais sublime etapa, aquela em que Deus concede à alma santa uma semelhança à sua própria imagem.

Diante disso, uma nova estética centrada na figuração e contemplação da imagem de Jesus Cristo se impõe. São Francisco de Assis e a Roma pontifical introduziram a natureza nas pinturas, o que provocou um efeito duplo: de um lado, a paisagem de florestas, rios e montanhas se sobrepõem à representação humana; de outro lado, o culto à natureza favorece o retorno às divindades do paganismo, atmosfera do *Quattrocento* (século XV).

A Reforma Luterana intensifica o combate à estética da imagem, além da instituição do sacrilégio no culto aos santos; já a Contra-Reforma potencializa o papel espiritual concedido à imagem com o *trompe l’oeil* e o Barroco, que se estendeu por três séculos pela Itália, Europa Central e América do Sul.

Com o neo-racionalismo, no século XVIII, mais uma vez o imaginário sofre danos com a retomada da estética de um ideal clássico. Ao reintroduzir o desequilíbrio iconoclasta entre os poderes da Razão e a parte devida à imaginação no século das Luzes, esse imaginário autônomo levou ao enfraquecimento do poder da imagem. Inscritos na mesmo

momento histórico mas na contra-mão do racionalismo, o Pré-romantismo e o Romantismo na Alemanha dão origem à quarta resistência do imaginário frente às investidas do racionalismo e do positivismo. Essa estética cria uma terceira via para o conhecimento, a que privilegia a intuição pela imagem em detrimento da demonstração pela sintaxe. Esse procedimento de conhecimento pelo “juízo do gosto” será teorizado por Emmanuel Kant com a Razão pura e prática.

O século XIX traz, nas obras da imaginação e da estética, os sistemas filosóficos de Schelling, Schopenhauer e Hegel. Neste cenário, “a arte passa a uma ‘religião’ autônoma, revezando-se com seus cenáculos e suas capelas, a nova Igreja positivista e o esgotamento das religiões tradicionais do ocidente” (DURAND, 2010, p. 28-9).

Foi com a chegada do simbolismo que a imagem - imagem poética, icônica e também musical - tem lugar e a obra de arte começa a se libertar da ligação subserviente com a religião e, mais tarde, com a política. Contudo, seu fruto mais conhecido - o Surrealismo - ao tratar do funcionamento realista do pensamento, fica na contracorrente do empirismo e do positivismo, tanto que a busca por uma pintura e uma música não imaginárias cresceu com o Cubismo, o dodecafonismo e o desconstrutivismo, até o último quarto do século passado.

Para Durand (2004, p. 31-2), a revolução do vídeo surge na confluência do iconoclasmo ocidental e do papel “cognitivo” da imagem. A “civilização da imagem” tem início com a fotografia, em seguida, vem a animação da imagem produzida quimicamente, a transmissão instantânea das imagens e filmes à distância, depois as imagens na televisão e, por fim, a descoberta da onda eletromagnética que possibilitou a “explosão da comunicação” e difusão de imagens.

Mas mesmo a “explosão” do imaginário provocada pela proliferação de meios técnicos de produção, reprodução e transmissão de imagens não chegou a incomodar a consciência moral de um Ocidente marcado pela aversão à imagem. Reduzida ao campo do entretenimento, a onipresença da mídia em todos os níveis de representação e da psique do homem ocidental continuou não sendo levada a sério, mas despertou o interesse de alguns

pesquisadores que não deixaram passar despercebida a revolução cultural que tal fenômeno social ocasionaria.

Foi no cerne do Romantismo, Simbolismo e Surrealismo – movimentos que afrontaram o cientificismo racionalista – que, no campo da Psicologia (Psicanálise), se deu a descoberta do inconsciente por Freud. Dela, desvelaram-se as imagens irracionais do sonho e a constatação de que o psiquismo humano - além da percepção imediata e de um encadeamento racional de ideias - está no sonho, na alucinação, na criação poética. Comprovado por Freud está o papel das imagens como mensagens que afloram do inconsciente para o consciente.

Enquanto para Freud e seguidores, a imagem consistia na sublimação de um recalçamento neurótico, para Jung (1875-1961) havia formas e metamorfoses da libido, ou seja, o psiquismo continha uma função construtiva e poética, no sentido de *poiesis*, como criação. O estudo anatomofisiológico do sistema nervoso, segundo Durand (2004, p. 40-1), em particular do encéfalo, confirmou o fato de que todo pensamento humano é uma representação, ou seja, o imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual é formada qualquer representação. Também os etólogos constataram a existência de grandes imagens primordiais, diretrizes de gestos e atitudes específicas no comportamento dos animais.

Durand (2004, p. 45) menciona também a possibilidade de uma teoria epigenética da representação, partindo do fato de que neurologistas comprovaram que o “grande cérebro” humano tem uma formação muito lenta – a ligação simbólica ocorre a partir dos dezoito meses; a articulação dos símbolos por volta de quatro ou cinco anos, a formação anatômica do cérebro se encerra aos sete anos e as reações encefalográficas se estabilizam por volta dos vinte anos – o que permite ao meio, sobretudo o meio social, desempenhar um grande papel no aprendizado.

No campo da Sociologia, a partir de influências científicas, o pensamento eurocêntrico, voltado a um historicismo fruto do determinismo de mão única, vê-se contrariado pela abertura da história à pré-história decorrente da confirmação da existência da espécie *homo* na África e de sua habilidade para fabricar ferramentas e de acompanhar a

morte com um conjunto de signos e objetos rituais. Conclui-se daí que, desde suas origens mais remotas, o cérebro do homem o transforma num *homo symbolicus*.

Tendo sido reabilitado o pensamento imaginário, readquirem dignidade as áreas antes mantidas à distância pelas ciências sociais clássicas. Nesse novo cenário, as ideias de Levi-Strauss nas quais o homem se destaca, além da capacidade de pensar, pelo fato de que nele persiste um patrimônio “selvagem” respeitável e precioso, uma “sociologia do imaginário” se torna proeminente. Tal reviravolta abalou o eurocentrismo e possibilitou ramificações como os estudos de Roger Bastide que influenciaram outros teóricos na busca pela sondagem do “longínquo” e na reabilitação do “selvagem” e do “primordial”. Na outra ramificação destacam-se o sociólogo alemão George Simmel e o francês Michel Maffesoli. Simmel, por atrair, no início do século, a reflexão filosófica para as futilidades como a “moda”, o “galanteio”, das “grandes cidades” (Roma, Florença, Veneza), o “aventureiro”, o “jogador”, do “retrato” etc.” (p. 54-5). Maffesoli, por fundar uma “estética sociológica” que se volta ao cotidiano, ao efêmero. Para Durand, há, nas sociologias recentes, uma busca do “reencantamento” do mundo da pesquisa e seu objeto social tão desencantado pelo positivismo. Esse “reencantamento” passa, acima de tudo, pelo imaginário o lugar-comum do próximo, da proximidade e do longínquo “selvagem”.

Na esteira de Gaston Bachelard, o papel da imagem também reverberaria junto com toda uma corrente literária e artística denominada “a nova crítica irritada”. Também na ciência o papel da imagem se fortalece à medida em que passa a ser considerada o embrião imaginário da criação científica. Nas palavras de Durand (2010, p. 68), “as imagens, expulsas pela porta da frente, reentravam pela janela para atacar os conceitos científicos mais modernos como as ondas, os corpúsculos, as catástrofes...”.

Do exposto, resulta que, hoje, o pensamento científico que tanto rejeitou as imagens vê-se constrangido ao ter de recorrer a elas. Por fim, quanto à possibilidade da imagem e do absoluto do símbolo refugiar-se no *homo religiosus*, Durand explica que as manifestações religiosas sempre foram consideradas como provas da principal faculdade de simbolização da espécie; no entanto, isso não é pertinente, pois “no Ocidente, tanto o

domínio do religioso como o do profano passaram pelas mesmas perversões positivistas e materialistas” (p. 72).

A imagem teve lugar efetivo no pensamento comunicacional a partir do estruturalismo. Nossa abordagem sobre esta questão se dará na esteira de Miège.

3.2 A Imagem no Pensamento Comunicacional

O pensamento comunicacional, para Miège (2000, p. 43), funda-se em três correntes: o modelo cibernético, a abordagem empírico-funcionalista dos meios de comunicação de massa, e o método estrutural e suas aplicações linguísticas, extraídas do modelo de Ferdinand Saussure.

Claude Lévi-Strauss traz a comunicação para o centro da corrente representada pelo método estrutural. Para este antropólogo, “em toda sociedade, a comunicação atua, pelo menos, em três níveis: comunicação das mulheres, comunicação dos bens e dos serviços, comunicação das mensagens. Por conseguinte, entre o estudo do sistema de parentesco, do sistema econômico e o do sistema linguístico existem certas analogias” (LÉVI-STRAUSS apud MIÈGE, 2000: 44).

Criticado por dar à comunicação importância maior que às relações sociais de produção, considerou-se que seu pensamento era uma contestação à sociologia em geral e ao marxismo em particular. Segundo Miège, o que Lévi-Strauss não conseguiu foi dar à comunicação uma definição extralinguística.

Contudo, contrariando as críticas, o método estrutural impactou profundamente o pensamento comunicacional, especialmente em três direções: o desenvolvimento da análise estrutural das narrativas aplicada, inicialmente, em textos literários que abriu a possibilidade de se analisar o texto sob ótica diferente da tradicional análise de conteúdo.

A segunda consequência do método estrutural se deu com a análise de mensagens visuais. As especificidades da mensagem visual – codificação analógica, contiguidade, entre outras – passaram a ser relevantes para a comunicação. A ausência de linearidade, de arbitrariedade - próprias da linguagem verbal - abriu espaço para uma nova organização sígnica.

Contudo, o projeto semiológico àquele momento que tinha o "tratamento linguístico" como método de análise de qualquer linguagem – discurso publicitário, desenhos animados, programas televisivos – passou a diversificar problemas.

Outro fato que corrobora a problemática enfrentada pelo método estrutural foi a crítica feita ao modelo de Ferdinand Saussure por Hjelmslev, Greimas, Jakobson e, sobretudo, Peirce cujo pensamento ainda é de grande interesse aos estudiosos da comunicação por trazer um conceito de signo que abarca, além de signos arbitrários, signos que têm por fundamento mera qualidade ou o simples fato de existir; que produzem numa mente desde a apreensão lógica de um fenômeno até um sentimento vago e indefinido ou uma reação.

Conforme Miège, no final dos anos 1960, o pensamento comunicacional que tinha essas três correntes como eixos se propagou para além dos círculos intelectuais reduzidos e ganhou o interesse de comunidades acadêmicas e de certos meios profissionais, acabando por ocupar espaço significativo nos sistemas intelectuais.

Inserida a imagem num processo histórico que a rechaçou enquanto representação; que desprezou seu valor cognitivo ou sua capacidade de produzir sentidos; que a fez dependente do poder da palavra; vimo-la ser redimida à luz do processo comunicacional. Agora, em parceria com a palavra - não em oposição a ela - apresentamos possíveis diálogos entre as duas linguagens visual e verbal.

3.3 Diálogos possíveis entre palavra e imagem

O papel inferior ocupado pela imagem em relação à palavra foi demonstrado anteriormente. Apresentamos, agora, sua reabilitação e, ao lado da palavra, suas possibilidades de construção de sentidos. Afinal, é demanda do próprio corpus que essa relação seja tratada.

Para tanto, vamos nos amparar em teóricos que pensaram essa relação: alguns que mantiveram os holofotes sobre a palavra; outros que deram à imagem autonomia no processo de significação. Representante dos primeiros está Barthes; dos segundos, Enrico Fulchignoni.

A seguir, os posicionamentos de Barthes e Fulchignoni, respectivamente:

De fato, a oposição histórica não se estabelece entre a escrita e a imagem (...), mas de preferência entre uma comunicação puramente icônica e uma comunicação mista (imagem e linguagem), que é a de hoje; o sentimento muito vivo que temos atualmente de uma ‘ascensão’ das imagens nos faz esquecer que nesta civilização da imagem, a imagem, precisamente, por assim dizer não está jamais privada da palavra (fotografia, legenda, publicidade anunciada, cinema falado, fummeto) (BARTHES apud PEREIRA, 1976: 53-4).

Eu lembrarei um princípio que me é caro, o princípio da autonomia das imagens no nosso mundo atual. Um dia ou outro, ser-nos-á necessário eliminar o conceito de auxiliares audiovisuais que se encontra em todos os manuais, e estudar enfim uma formulação estético-psico-sociológica das realidades autônomas perfeitamente e misteriosamente estruturadas (FULCHIGNONI apud PEREIRA, 1976: 58).

Do corpus escolhido para este trabalho – quatro livros infantis –, apenas um deles prescinde da palavra. Por essa razão, o tratamento dos modos como se dá a convivência entre esses códigos é requerido. Diante disso, não ficaremos na disputa entre posições radicais, mas buscaremos em Nöth (2001) a base para essa classificação no seu inventário das relações semânticas que se estabelecem entre palavra e imagem: redundância, dominância (ora da palavra, ora da imagem), complementaridade e discrepância.

A redundância é a mais comum dessas relações: a imagem vem ilustrar o texto verbal e não traz informações novas. O propósito é reforçar um viés interpretativo pela repetição. De outro lado, na relação de informatividade imagem, e texto disputam a proeminência, de modo que a subordinação estrutura essa relação. Ora a palavra, ora a imagem se projeta.

Entre a redundância e a informatividade está a relação de complementaridade. Nela há equivalência entre os dois códigos: a imagem possui lacunas que são preenchidas pelo texto ou vice-versa, o que exige um olhar mais arguto do leitor/receptor na apreensão da potencialidade de cada um.

A discrepância ou contradição caracteriza a relação em que palavra e imagem estão em discordância. Esse descompasso pode ser intencional ou não: se intencional, cria-se um

estranhamento positivo, que vai quebrar com as expectativas do intérprete; sendo não-intencional, o resultado é descuidado e pobre...

Finalmente, o caráter plurissignificativo das imagens exige que a relação com o texto seja redimensionada. Não há nada pronto e acabado, tudo pode ser interpretado infinitamente. O estranhamento vai exigir um esforço maior para sua apreensão, exigindo mais do leitor/receptor.

O próximo capítulo traz conceitos da semiótica peirciana que vão permitir que penetremos nas camadas de sentido impressas na palavra e imagem presentes nos livros infantis escolhidos e, a partir desse olhar, imaginamos conjeturar sobre os modos como passam a compor o imaginário infantil.

4 A Semiótica de Peirce como instrumento de análise de signos

Iniciamos este capítulo por lembrar que nosso trabalho está centrado na leitura de imagens de livros infantis que têm o futebol como tema. Compreender essas imagens como um signo que, como tal, produz na mente a ação de interpretantes ou semiose será o ponto de partida para o percurso analítico que tem por finalidade identificar os signos em si, os objetos dos signos/imagens, ou seja, aquilo que ele indica, sugere, designa ou representa e, ainda, a potencialidade interpretativa.

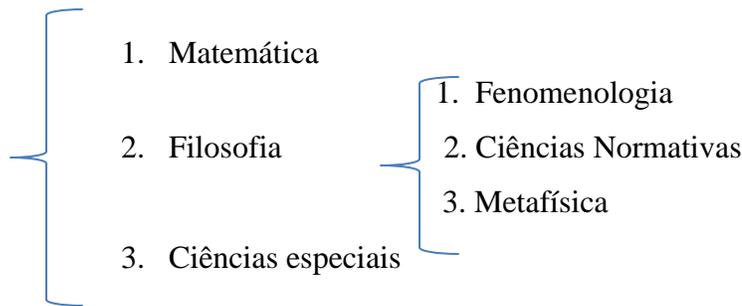
Charles Sanders Peirce guia as ideias que vamos aqui expor. Por meio de estudiosas de sua teoria - Santaella e Drigo&Souza - empreenderemos as análises dos livros infantis. Tais ideias vão nos amparar no processo de leitura das imagens em busca dos sentidos que nascem do encontro do nosso olhar com o signo e, no movimento que a ação sígnica produz, apresentaremos os significados que uma interpretação pontual/pessoal propicia.

Antes de mais nada, vale abrir espaço para o cientista-lógico-filosófico Charles Sanders Peirce. Nascido em 1839 e falecido em 1914, filho de um importante matemático de Harvard (Benjamin Peirce), Peirce foi múltiplo nas ciências, sua curiosidade não tinha limitações. Ele se bacharelou em química em Harvard, mas era também matemático, físico, astrônomo, além de ter se dedicado à linguística, história, literatura, psicologia e de ter se sobressaído como lógico, confirmando, assim, sua capacidade de se "multiplicar".

Ler o mundo como linguagem. Este foi seu propósito, pois toda expressão e produção humana era vista por ele como uma questão semiótica. Tentar clarificar o instrumental metodológico de que lançaremos mão, alicerçado na semiótica peirciana, implica necessariamente em localizar o lugar da semiótica na arquitetura filosófica desse teórico.

Peirce elaborou sua arquitetura filosófica a partir da sua divisão das Ciências da Descoberta. A Filosofia se divide em 1. Fenomenologia; 2. Ciências Normativas e 3. Metafísica, conforme o diagrama:

Figura 1: Diagrama para as Ciências da Descoberta



Fonte: DRIGO; SOUZA, 2013, p. 68

A fenomenologia é a porta de entrada para vivenciar as ideias de Peirce. Constitui-se em uma quase-ciência que trata de descrever, compreender e interpretar os fenômenos que se apresentam à percepção, e tais fenômenos se apresentam como simples qualidade, como existente e como algo que se notabiliza pelo caráter de lei. Esses modos de apreensão dos fenômenos pela mente caracterizam, respectivamente, as categorias fenomenológicas de primeiridade, secundidade, terceiridade.

A primeiridade corresponde ao acaso e a tudo o que estiver relacionado com qualidade, possibilidade, sentimento, sensação e o desprovimento de associações cognitivas. O modo como nossa consciência apreende os fenômenos na primeiridade é descrito por Santaella (1983, p. 43),

Se fosse possível parar, para examinar, num determinado instante, do que consiste o todo de uma consciência, qualquer consciência, a minha ou a tua, isto é, do que consiste esse labiríntico “lago sem fundo”, num instante qualquer em que é o que é, por que é tudo ao mesmo tempo, repito, se fosse possível parar essa consciência no instante presente, ela não seria senão “presentidade” como está presente.

Consciência em primeiridade é consciência imediata. Tudo o que se apresenta à mente num instante presente é simplesmente a pura qualidade de ser e de sentir, despida de todos os outros conceitos, cultura, ou saberes. A qualidade da consciência imediata é uma impressão, sentimento, indivisível, sem crítica e análise. É a inocência e fragilidade, uma

presentidade, imediatismo, a qualidade pura, tudo o que está no presente antes de perguntamos e questionarmos qualquer coisa a seu respeito. Os signos na primeiridade são chamados de quali-signos. O sentimento como qualidade é, portanto, aquilo que dá sabor e tom à nossa consciência imediata, chega pelos sentidos ao mesmo tempo que se oculta ao nosso pensamento. Para pensar precisamos nos deslocar no tempo, sair da sensação presente, deslocamento que nos coloca fora do sentimento. A qualidade da consciência, na sua imediaticidade, é tão primeira que não podemos sequer tocá-la, nos relata Santaella (1983).

A primeira categoria peirciana, refere-se, portanto, à qualidade sensível das coisas, sem que exista relação com qualquer outro objeto ou situação. Faz referência à qualidade absoluta dos objetos, sem haver qualquer relação com a cognição. A partir do momento que o signo em primeiridade é pensado, quando a qualidade passa a estar incorporada em um objeto real, ele passa a entrar na segunda categoria (secundidade).

Certamente, onde quer que haja um fenómeno, há uma qualidade, isto é, sua primeiridade. Mas a qualidade é apenas uma parte do fenómeno, visto que, para existir, a qualidade tem de estar encarnada numa matéria. A facticidade do existir (secundidade) está nessa corporificação material. A qualidade de sentimento não é sentida como resistindo num objeto material. É puro sentir, antes de ser percebido como existindo num eu. Por isso, meras qualidades não resistem, são frágeis. É a matéria que resiste. Por conseguinte, qualquer sensação já é secundidade: ação de um sentimento sobre nós e nossa reação específica, comoção do eu para com o estímulo (SANTAELLA,1998, p.48).

A secundidade, segunda categoria, diz respeito ao que existe e resiste, predomina na realidade, é nossa existência em constante relação com o mundo; é diádica, caracteriza-se pela alteridade, pelo conflito e o embate que aquilo que existe nos causa. Relaciona-se com ação e reação e está ligada ao embate, ao impacto com o outro. Ao se ligar a um fato, o sentimento torna-se algo singular, único, real.

Estamos continuamente colidindo com o fato duro. Esperávamos uma coisa ou passivamente tomávamo-la por admissível e tínhamos sua imagem em nossas mentes, mas a experiência força esta ideia ao chão e nos compele a pensar muito diferentemente (CP 1.324). É ação mútua entre duas coisas sem considerar qualquer tipo de terceiro ou meio e, em particular, sem considerar qualquer lei de ação. (CP 1.322)

A terceiridade é a categoria fenomenológica que cria leis nas quais todos os signos são incluídos. Corresponde ao pensamento em signos, no momento em que se interpretam as relações estabelecidas entre os signos. Cabe ao terceiro a função de ser um signo mediador entre o intérprete e os fenômenos. Por isso, ele é um legislador. Diz respeito, portanto, à mediação ou processo, continuidade, inteligência, ao pensamento em signos, semiose. A natureza do signo de terceiridade é ser legissigno.

Tal categoria, por ser expandida à natureza, passa a ser entendida como generalidade, infinitude, continuidade, crescimento, inteligência. Em termos evolucionistas, a terceiridade pode ser traduzida pela tendência a adquirir ou tomar hábitos (DRIGO; SOUZA, 2013, p.75).

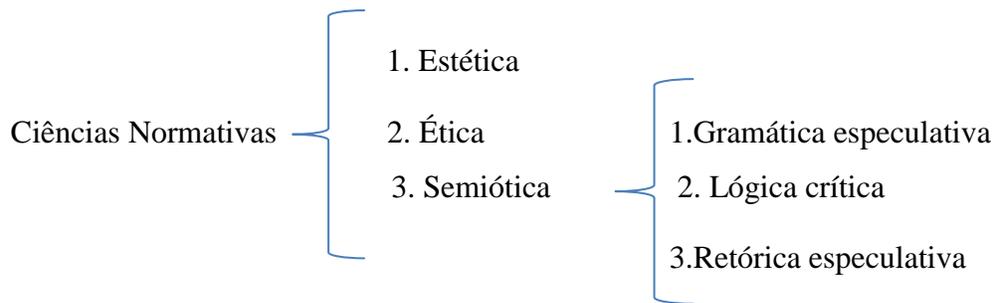
Dessa forma, para compreender qualquer coisa, a nossa mente produz um signo, ou seja, um pensamento como mediação entre nós e os fenômenos. Nessa medida, o simples ato de olhar já está carregado de interpretação, visto que é sempre o resultado de uma elaboração cognitiva, fruto de uma mediação sîgnica que possibilita nossa orientação no espaço por um reconhecimento perante as coisas que só o signo permite.

Para Peirce, o que precisamos fazer enquanto estudantes da fenomenologia é olhar para o mundo e apreender as características do que se apresenta a nossa mente. Para tanto, é preciso desenvolver três capacidades: contemplar ou deixar que os sentidos apreendam os fenômenos; observar existentes, discriminá-los; finalmente, generalizar em classes os fenômenos.

Voltando à arquitetura filosófica peirceana, sob a base da fenomenologia se encontram as ciências normativas que se ocupam de estudar ideais, valores e normas. Tais ciências se desenvolvem a partir da sequência: Estética, Ética e Lógica. A posição hierárquica ocupada por cada uma delas no diagrama implica que a Estética é base para a Ética que, por sua vez, torna-se base para a Semiótica ou Lógica. Melhor explicando,

A Estética se define como ciência daquilo que é objetivamente admirável sem qualquer razão ulterior. É a base para a Ética ou ciência da ação ou conduta que da Estética recebe seus primeiros princípios. Sob ambas, e delas extraindo seus princípios, estrutura-se em três ramos a ciência Semiótica, teoria dos signos e do pensamento deliberado. (SANTAELLA, 1983, P. 38)

Figura 2: Diagrama para as Ciências Normativas



Fonte: DRIGO; SOUZA, 2013, p. 57

Finalmente, a metafísica ou Ciência da Realidade encerra a arquitetura filosófica peirciana, cabendo a ela estudar os fenômenos em nível de terceiridade, ou seja, ela "faz a mediação entre as duas primeiras divisões, inquirendo sobre os traços gerais da realidade que, para Peirce, consiste em regularidade". (SANTAELLA, 2001, p.42)

Feita essa apresentação sucinta da arquitetura filosófica que sustenta o pensamento de Peirce, localizamos a Semiótica ou Lógica e a ela daremos atenção. Conforme observamos no diagrama da Figura 2, a Semiótica se divide novamente em três ramos: Gramática Especulativa, que descreve e classifica todos os tipos de signos; Lógica Crítica, que estuda os tipos de raciocínio e a Retórica Especulativa, que estuda os métodos apropriados a qualquer investigação. É a Gramática Especulativa que será, aqui, nosso farol, pois tudo o que dizer respeito à natureza do signo se encontra neste ramo da Semiótica.

Começemos, então, pela definição de signo a partir do próprio teórico:

Defino um Signo como qualquer coisa que, de um lado, é assim determinado por um objeto e, de outro, assim determina uma ideia na mente de uma pessoa, esta última determinação, que denomino o Interpretante do signo é, desse modo, mediatamente determinada por aquele Objeto. Um signo, assim, tem uma relação triádica com seu Objeto e com seu Interpretante (CP2 8.343).

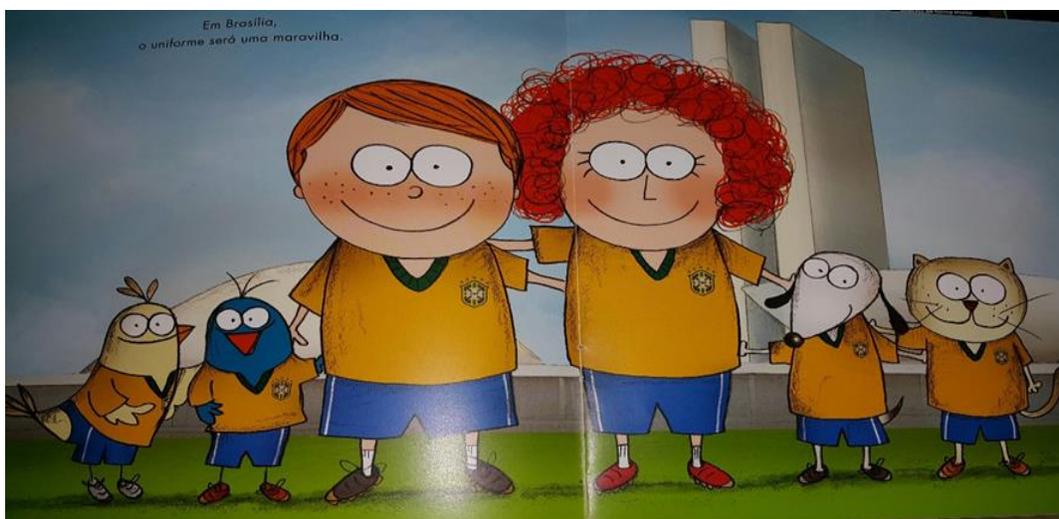
Signo, objeto, interpretante: são esses três termos lógicos que compõem o signo para Peirce. Eles são indissociáveis, cabendo ao objeto determinar o signo e a este provocar numa mente qualquer um efeito denominado interpretante.

São dois os objetos: o imediato e o dinâmico; e três os tipos de interpretantes: imediato, dinâmico e final.

O objeto imediato é aquele representado pelo signo, tal como ele se apresentou ao intérprete. É o que está do lado de dentro do signo, um “recorte” da realidade que o rodeia. O objeto dinâmico é a “realidade”, o universo ao redor do signo, tudo aquilo que determina o signo. “Esta “realidade” insiste, resiste, impulsiona a ação do signo e envolve contextos muito amplos.” (DRIGO; SOUZA, 2013, p. 38).

Na imagem abaixo, exemplificamos os dois objetos:

Figura 3: Os objetos do signo



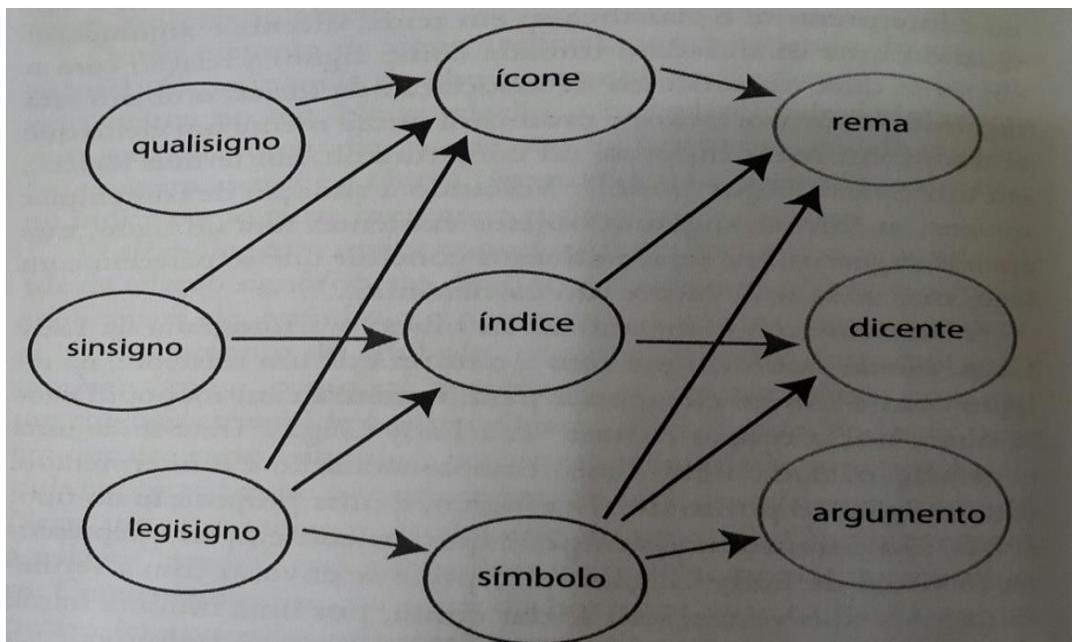
Fonte: Livro, Gabriel e a copa do mundo de 2014, (BRENMAN, p.15,2014)

Esta figura, que é um signo, representa um objeto que está fora dele, no mundo real - objeto dinâmico. Se o intérprete do signo tem familiaridade com o objeto dinâmico, ele vai identificar o contexto em que se insere esta representação: a copa do mundo de 2014 no Brasil, incluídas todas as suas 12 sedes e tudo o que esse evento abarcou.

Mas é impossível abranger tudo o que esse evento propicia. O possível é fazer um recorte desse contexto, que vai atualizar um certo modo de representar: num certo lugar, sob o predomínio de certos aspectos. No caso específico desta imagem, vemos seis torcedores da seleção brasileira - um casal de crianças rodeado por quatro animais. Atrás deles, vê-se o Congresso Nacional, na Praça dos Três Poderes em Brasília, uma das 12 sedes dos jogos no Brasil. Esse recorte que se traduz numa maneira peculiar de representar o objeto dinâmico (fora do signo) caracteriza o objeto imediato.

Os efeitos interpretativos dependem de como o signo vai representar o objeto, se sugerindo-o, apontando-o ou interpretando-o; caracterizando, assim, os processos de significação, objetivação, e interpretação, que explicam a lógica triádica do signo. Para clarear esses modos de significar é que apresentamos, a seguir, a mais conhecida classificação do signos para Peirce, a fim de perceber as nuances de significação que estão atreladas ao modo como o signo se apresenta ao intérprete. O diagrama abaixo nos nos permite visualizar a classificação:

Figura 4: Diagrama da classificação dos signos



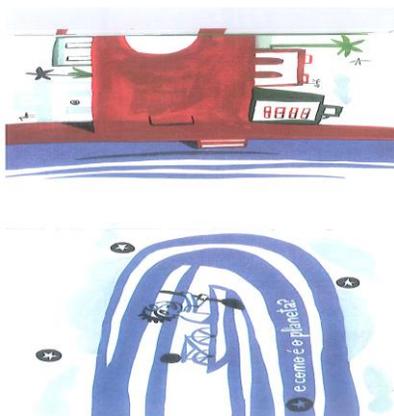
Fonte: DRIGO; SOUZA, 2013, p. 64

O signo se classifica em relação a si mesmo, em relação ao objeto que ele representa e em relação ao interpretante ou efeito que ele pode produzir numa mente qualquer. No diagrama acima, encontramos dez classes de signos, dependendo da sua ligação com o objeto e interpretantes. Por exemplo, o legissigno pode ser icônico, indicial e simbólico; da mesma forma pode suscitar interpretantes que variam entre o rema, o dicente e o argumento. Assim, as relações se tornam múltiplas, conforme o signo vai se revelando nessas nuances. Peirce considerou que poderiam ser 66 classes (PEIRCE, 1998, p. 167-177), porém desenvolveu com afinco apenas as dez classes e deixou para futuros pesquisadores a possibilidade de levar adiante essa classificação.

Na relação consigo mesmo, o signo pode ser uma qualidade (qualissigno), um existente singular (sinsigno) ou uma lei ou convenção (legissigno). Em relação ao objeto que representa, o signo que tiver a qualidade preponderando será um ícone; o signo como existente/singular, será um índice e o signo que tem o caráter de lei predominante será um símbolo. Em relação ao interpretante, se for da natureza de um signo de qualidade, produzirá numa mente uma hipótese (rema); se tiver a predominância do existente, produzirá uma constatação (dicente); se for da ordem de um signo de lei, produzirá uma sequência lógica (argumento).

Para exemplificar com signos/imagens algumas dessas relações, recortamos uma das imagens dos livros em exame:

Figura 5: Aspectos icônicos



Fonte: Ora bolas

Nestas imagens, é o jogo de formas ambíguas, de cores e direções, de dimensões e texturas (qualidades) que, atualizadas numa figura (existente), chamam o olhar de um leitor/intérprete. São figuras que sugerem o objeto, mais do que o representam com fidelidade. Neste caso, o sinsigno - signo existente - apresenta aspectos qualitativos que levam um intérprete a levantar hipóteses sobre o que seria o objeto que o signo busca representar: parece um morro, parece água... Sobressaem-se, então, hipóteses na construção do objeto. O que se verifica é um sinsigno icônico remático.

Mas um outro intérprete conhecedor das ilustrações de Edith Derdyk pode olhar essa mesma imagem e reconhecer o seu autor, porque a imagem aponta para traços que indicam o seu estilo. Neste caso, o que se verifica é um sinsigno indicial dicente.

Mais um novo intérprete se apresenta para interpretar este signo. Além de reconhecer nesta imagem traços do ilustrador, conhece profundamente suas técnicas e é capaz de explicá-las. É o sinsigno indicial argumental que se apresenta.

E não param por aí as possibilidades de variações nessa classificação. Esta é uma característica da semiótica peirciana: dependendo da experiência colateral ou da familiaridade que o intérprete tem com o objeto, as possibilidades de um mesmo signo produzir interpretantes são inúmeras, nada pode fechar as fendas que a incompletude do signo tem como marca e natureza.

Pois bem, descritos os conceitos que fundamentam a metodologia que adotaremos neste trabalho, agora apresentamos o passo a passo que norteará a leitura das imagens e textos na construção de significados.

4.1 O percurso analítico para análise dos livros infantis

Nesse percurso da aplicação de uma leitura semiótica, retomamos as categorias fenomenológicas que, de modo geral, sustentam cada passo desse trajeto que se constitui nos três olhares dirigidos para o signo: o contemplativo, o observacional e o interpretativo. Ainda que não nos fixemos na terminologia peirceana nas análises, subjaz o passo a passo desse percurso.

Segundo Santaella (2002, p. 7), o exercício do primeiro olhar requer despojamento, somente os aspectos qualitativos do signo (qualissignos) são apreendidos – cores, linhas, formas, textura, dimensão, enfim a materialidade que constitui o signo. Trata-se de um olhar despretensioso em relação à interpretação do conteúdo. Para contemplar, é preciso “auscultar os fenômenos. Dar-lhes chances de se mostrarem. Deixá-los falar.” (SANTAELLA, 2002, p. 30).

O segundo olhar que devemos lançar aos fenômenos é o observacional que corresponde à segunda categoria – a secundidade. A secundidade é a categoria da relação de um fenômeno com outro qualquer. Nas palavras de Santaella (1983, p. 47),

Certamente, onde quer que haja um fenômeno, há uma qualidade, isto é, sua primeiridade. Mas a qualidade é apenas uma parte do fenômeno, visto que, para existir, a qualidade tem de estar encarnada numa matéria. A factualidade de existir (secundidade) está nessa corporificação material.

É o que há de singular nesse fenômeno que deve captar nossa atenção. Assim poderemos discriminar a situação em que ocorreu, pelas características existenciais apresentadas. A natureza do signo nesse segundo olhar é a de sinsigno.

O olhar interpretativo – terceiro olhar – liga-se à categoria da terceiridade. Associada ao pensamento, à razão, a terceira categoria se liga à ideia de generalidade, mediação, hábito, representação, semiose. É essencial que se consiga “abstrair o geral do particular, extrair de um dado fenômeno aquilo que ele tem em comum com todos os outros com que compõe uma classe geral” (SANTAELLA, 2002, p. 32).

É na terceiridade, no universo simbólico que pensamos se instalar a simbologia junguiana. Assim, as referências que traremos de Jung para a análise serão respaldadas pelo caráter simbólico-cultural que caracteriza essa categoria peirciana.

Assim, com o respaldo da semiótica de Peirce, bem como da simbologia junguiana, nosso olhar se voltará ao universo infantil, mais especificamente, aos livros infantis com temas sobre o futebol. Neles, buscamos delinear o potencial de sentidos das imagens na construção do futebol no imaginário infantil.

5 Representações do futebol nos livros infantis: análises semióticas de representações visuais

Neste capítulo temos o propósito de analisar quatro livros infantis, todos eles tendo como tema o futebol. Na busca por mídias infantis sobre o tema, encontramos poucos desenhos animados produzidos no Brasil: episódios dedicados ao futebol com a “Turma da Monica”, de Maurício de Souza; o “Menino Maluquinho” de Ziraldo, ambos originados das histórias em quadrinhos de seus autores. Alguns filmes como “Os trapalhões” em que aparece o Pelé, nosso representante maior diante do mundo, “Cocoricó, futebol clube”; novamente o “Menino Maluquinho”. Um programa de informação e entretenimento, “Cartãozinho Verde” na TV Cultura.

Os livros foram encontrados nas bibliotecas municipais e também nas escolas, sendo parte do contexto escolar das crianças, livros paradidáticos usados no auxílio do aprendizado. Os livros também são mídias mais duráveis, de fácil manuseio e, por esses motivos, resolvemos escolhê-los.

Os títulos selecionados foram: “Ora Bolas” dos autores Paulo Tatit e Edith Derdyk, com ilustração de Andres Sandoval, editora Cosac Naify; “Gabriel e a Copa do Mundo de 2014” do autor Ilan Brenman editora Brinque-book, com ilustrações de Silvana Rando; “Pelegrino e Petrônio”, livro do autor e ilustrador Ziraldo, editora melhoramentos, “O Presente” do ilustrador Odilon Moraes, editora Cosac Naify sendo esse último um livro imagem. Todos os livros apresentam como tema principal o futebol, bola, Brasil, pela popularidade (são todos paradidáticos, de fácil acesso para as crianças, encontrados nas bibliotecas municipais e escolas), autores com vasta experiência em livros infantis e infanto-juvenis.

Sobre a literatura infantil e juvenil, Garcia (2003) relata que, do início da instituição escolar até 1930, sua publicação no Brasil era pragmática e doutrinária, com função voltada exclusivamente para a prática pedagógica, objetivando incutir nas crianças o civismo e o patriotismo. A partir de Monteiro Lobato, com *Reinações de Narizinho*, inicia-

se o pensamento de que as histórias poderiam divertir, e ainda assim, protagonizarem o estímulo à inteligência.

Há um verdadeiro tesouro de histórias que abre as portas do imaginário, fazendo com que o aprendizado seja um momento rico e prazeroso. Enfim, quando aprendemos por intermédio das histórias, nunca nos esquecemos, pois esse é um aprendizado que dura para sempre (GARCIA [et.al.], 2003, p.10).

Ao vasculharmos um passado ainda mais remoto, antes mesmo da imposição do civismo e do patriotismo, encontramos na literatura da escritora junguiana e contadora de histórias, Clarissa Pinkola Estés (1994), uma análise da nossa mais remota e primitiva necessidade das histórias.

Ela relata como as histórias foram, com o tempo, se moldando e se adequando às necessidades sociais. Conta também que muitas delas se transformaram significativamente para serem aceitas na sociedade e que alguns símbolos foram substituídos, de acordo com exigências do cristianismo. Mas a autora acredita que toda história, mesmo desmontada e transformada, deixava seu esqueleto ou estrutura, capaz de ser remontado. Assim, muitas das histórias contemporâneas parecem tentativas de reconstruir um mesmo esqueleto, de suprir uma mesma dúvida, de contar um mesmo mito, uma mesma essência de conto. Para a autora, quando contamos e recontamos as histórias, estamos nos aproximando da nossa necessidade instintiva, estamos remontando nossa natureza. “As histórias são bálsamos medicinais” (ESTES, 1994, p.30).

Iniciaremos agora as análises começando pelo livro “Ora Bolas” que nos leva a retomada da cultura brasileira em suas páginas.

5.1 O futebol em “Ora bolas”...

O livro infantil, como gênero literário, traz informações importantes do universo a que se reporta. O livro infantil “Ora Bolas” de Paulo Tatit, e ilustrado por Edith Derdyk, originou-se de uma das músicas do projeto musical do autor Paulo Tatit “Palavra cantada”. A palavra e a imagem dividem espaço neste livro e o diálogo que elas estabelecem para construir sentidos relativos ao futebol é o que buscaremos desvelar.

Para que a história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 2009, p.11).

“Ora bolas” é composto por texto literário, em formato de parlenda. As parlendas compõem a tradição cultural do nosso folclore. São versos de rima fácil recitados em brincadeiras de crianças usadas em jogos para melhorar o relacionamento entre os participantes, para memorização ou apenas por diversão. Seguindo informações do caderno de orientação “Parlendas” lançado pelo MEC, Ministério da Educação (2011), temos a descrição desse gênero poético.

Parlenda é um tipo de texto que faz parte da tradição oral, em sua maioria de domínio público, e se caracterizam por uma forma breve, rimada, ritmada e repetitiva, nem sempre com significado lógico. Pode apresentar, por exemplo, uma série de imagens associadas que obedecem ao senso lúdico ou um diálogo inusitado no qual predomina a sonoridade e não a coerência. Como o ritmo é um componente forte nas parlendas, o texto normalmente possui movimento e convida à brincadeira corporal: gestos costumam acompanhar a recitação desses textos e este é mais um atrativo para as crianças pequenas. Estudiosos da tradição oral classificaram as parlendas segundo critérios diversos, como a temática (parlendas que ensinam a contar ou que apresentam sequência de eventos, por exemplo) ou o uso social que normalmente se faz delas (parlendas que iniciam e finalizam uma história ou que acompanham brincadeiras A linguagem mediando encontros especiais (ASSUNÇÃO, 2011, p.01).

Em “Ora bolas”, temos:

*Oi oi oi,
Olha aquela bola
A bola pula bem no pé, no pé do menino.
Quem é esse menino?
Esse menino é meu vizinho!
Onde ele mora?
Mora lá naquela casa!
Onde está a casa?
A casa tá na rua!
Onde está a rua?
Tá dentro da cidade.
Onde está a cidade?
Tá do lado da floresta!
Onde está a floresta?
A floresta é no Brasil!*

Onde está o Brasil?

*Tá na América do Sul, no continente americano,
Cercado de oceanos e das terras mais distantes*

De todo o planeta.

E como é o planeta?

O planeta é uma bola,

Que rebola lá no céu.

Oi,oi,oi.

Olha aquela bola”

(Paulo Tatit e Edith Derdyk)

De imediato, esse texto nos remete à parlenda de domínio popular, que povoou nossa infância:

Cadê o toucinho que estava aqui?

O gato comeu.

Cadê o gato?

Foi pro mato.

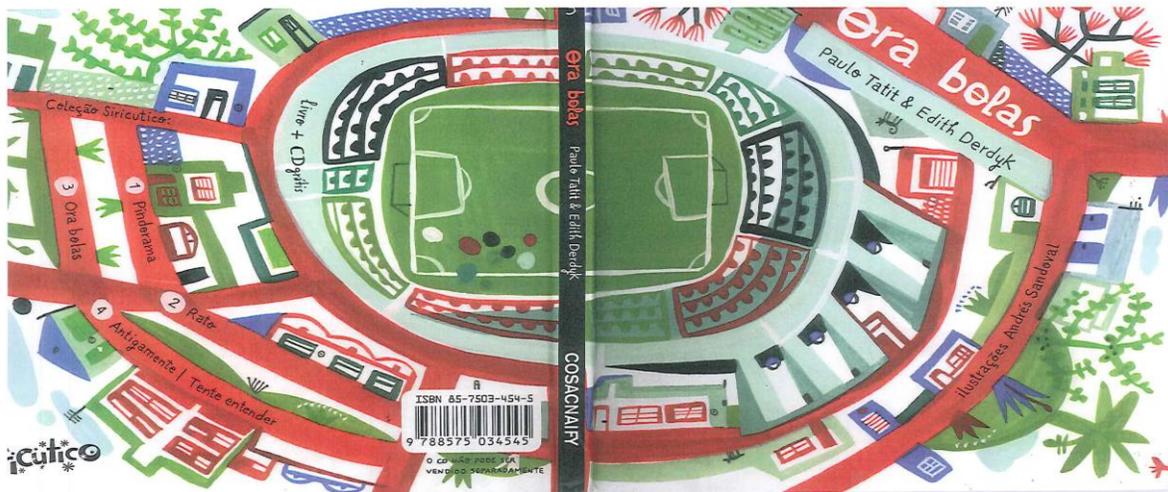
Cadê o mato?

O fogo queimou.

(...)

Tanto em uma parlenda quanto noutra, as ações se desenrolam na busca de se conhecer ou de se descobrir o paradeiro, ora da bola, ora do toucinho. E o que se desenrola nessas duas parlendas é uma busca que vai, num crescendo, ampliando ações (comeu, queimou, apagou, bebeu...) ou a dimensão dos lugares onde algo possa se encontrar (casa, rua, cidade, Brasil, planeta...). Esses versos acompanham imagens. Vejamos como elas se dispõem:

Figura 6- CAPA



Fonte: “Ora Bolas”, Paulo Tatit e Edith Derduk, 2013.

Figura 7- APRESENTAÇÃO DOS AUTORES



Fonte: “Ora Bolas”, Paulo Tatit e Edith Derduk, 2013, p.01

Figura 8- O CHUTE



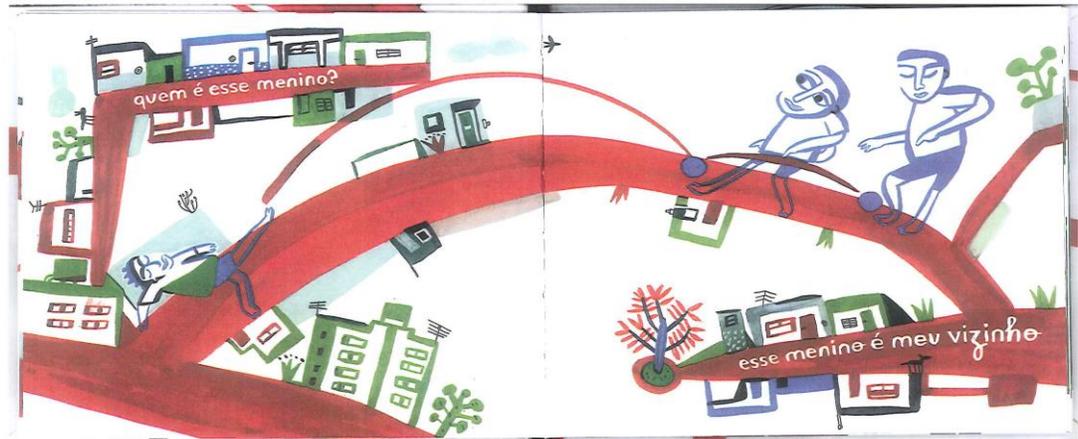
Fonte: “Ora Bolas”, Paulo Tatit e Edith Derduk, 2013, p.02,03.

Figura 9- O MENINO E A BOLA



Fonte: “Ora Bolas”, Paulo Tatit e Edith Derduk, 2013,p.04,05.

Figura 10- A LOCALIZAÇÃO



Fonte: "Ora Bolas", Paulo Tatit e Edith Derduk, 2013, p.05,07.

Figura 11- QUALQUER LUGAR



Fonte: "Ora Bolas", Paulo Tatit e Edith Derduk, 2013, p.08,09.

Figura 12- O GOLEIRO



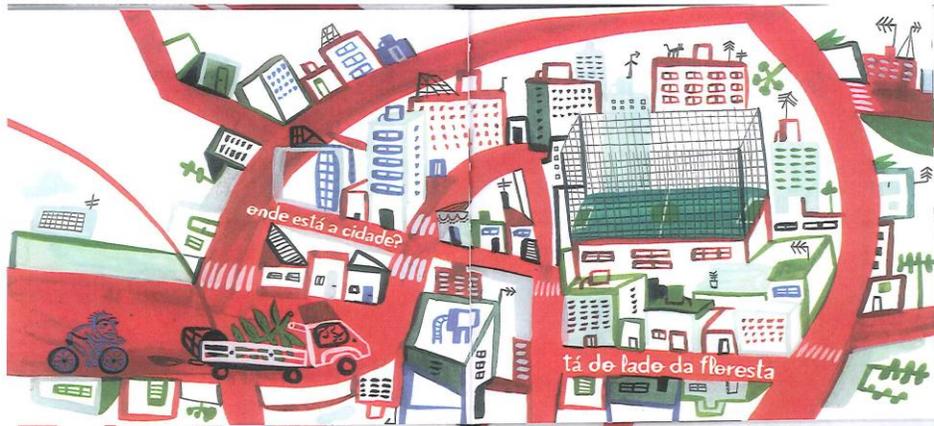
Fonte: “Ora Bolas”, Paulo Tatit e Edith Derduk, 2013, p.10,11.

Figura 13- A CIDADE



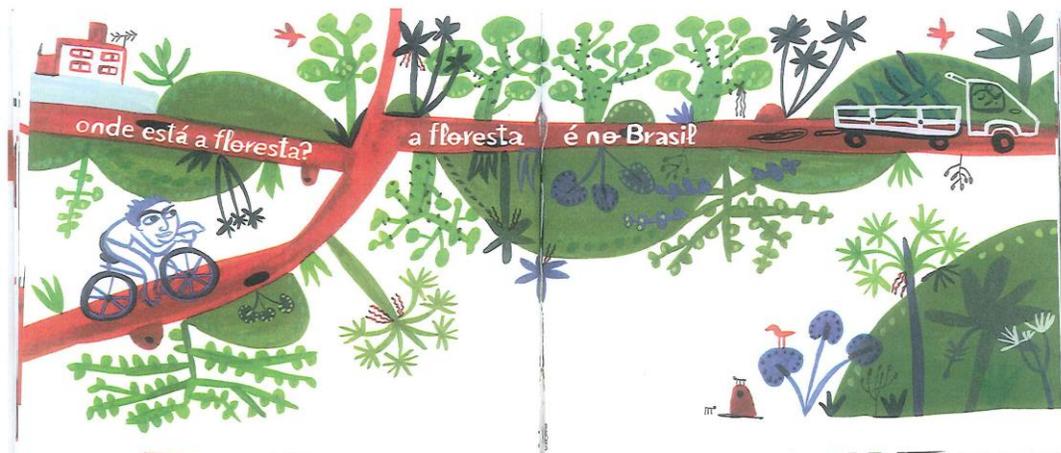
Fonte: “Ora Bolas”, Paulo Tatit e Edith Derduk, 2013, p.12,13.

Figura 14- O BRASIL



Fonte: "Ora Bolas", Paulo Tatit e Edith Derduk, 2013, p.14,15.

Figura 15- NO CAMINHO



Fonte: "Ora Bolas", Paulo Tatit e Edith Derduk, 2013, p.16,17.

Figura 16- ESFORÇO



Fonte: “Ora Bolas”, Paulo Tatit e Edith Derduk, 2013,p.18,19.

Figura 17- A DESPEDIDA, O LANÇAMENTO



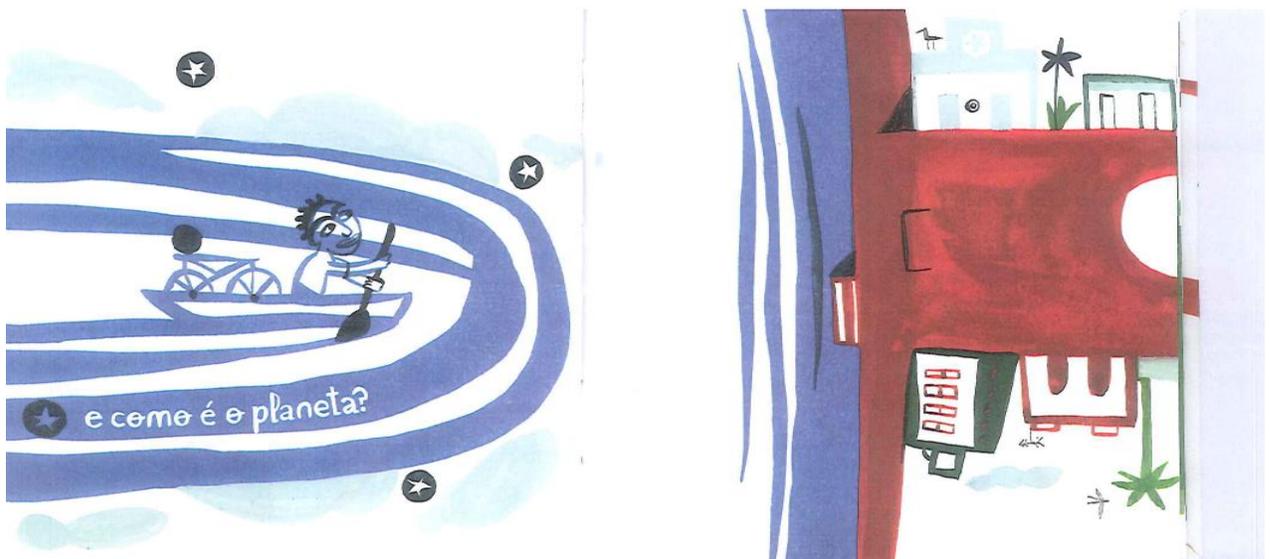
Fonte: “Ora Bolas”, Paulo Tatit e Edith Derduk, 2013, p.20,21.

Figura 18- A JORNADA



Fonte: "Ora Bolas", Paulo Tatit e Edith Derduk, 2013, p.22,23.

Figura 19 – CHEGADA



Fonte: "Ora Bolas", Paulo Tatit e Edith Derduk, 2013, p.24, 25.

Figura 20- RECOMEÇO



Fonte: "Ora Bolas", Paulo Tatit e Edith Derduk, 2013, p. 26,27.

Figura 21- CICULANDO



Fonte: livro "Ora Bolas", Paulo Tatit, Edith Derdyk, 2013, p.28,29.

5.1.1 Seguindo o passo a passo do olhar em “Ora bolas”

Numa análise semiótica, valorizamos os aspectos que podem ser explorados e que colocam o intérprete no território da primeiridade, secundidade e terceiridade. Como essas categorias perpassam toda a teoria peirciana, quando nos empenhamos em desvelar as camadas de sentido de um signo, nos vemos envoltas nas tramas tecidas pela predominância, ora de uma, ora de outra, mas sempre cientes de que elas são onipresentes.

Esta primeira leitura nos leva ao território da primeiridade, do ícone, já que é a semelhança a natureza do signo em “Ora bolas”. O ícone, primeira classificação entre signo e objeto, subdivide-se em três graus ou níveis que obedecem a uma gradação que parte da primeira primeiridade (ícone puro); da inserção da secundidade ou do “outro” – via percepto – na primeiridade por meio da percepção (ícone atual) e a presença da terceiridade na primeiridade quando uma tríade, ainda que bastante frágil, se instala no signo icônico (hipoícone).

Para penetrarmos nessas camadas, os três olhares o olhar contemplativo, percorrerá as entranhas do hipoícone que, por sua vez, também se subdivide em três graus. Neles, a relação de semelhança é base, mais especificamente, a semelhança na aparência (imagem propriamente dita), de relações (diagrama) e de significados (metáfora).

Numa primeira visada para as imagens do livro, percebemos um apelo ao sensorial a partir das suas propriedades internas: cor, linhas, formas, movimento, ritmo, luz, perspectiva ou ausência dela, textura, dimensão, direção. Ao contemplarmos imagens, capturamos as qualidades e somos levados a fazer conjeturas, levantar hipóteses, sem nos preocuparmos com definições, certezas... É nesse instante que a mente se submete aos caprichos do “pode ser isso”, “pode ser aquilo” na tentativa de reconhecimento do objeto representado pela imagem. Possibilidades latentes.

Divisamos nas imagens que compõem “Ora bolas” uma forma que se espraia em todas as páginas do livro. Trata-se de uma forma longilínea vermelha que aparece já na capa (Fig.1), circundando um espaço que merece toda atenção por ocupar o centro: uma área ovalada na cor verde. Nesta linha vermelha, se sobrepõem outras formas quer retangulares, quer orgânicas, nas cores azul, verde e branco/fundo.

A partir de então, essa linha vermelha se desenrola ou se desenrola e passa a percorrer a maioria das páginas do livro (somente nas páginas relativas às figuras 13 e 15, ela está ausente). Num trajeto ritmado, esta forma longilínea vermelha vai ganhando contornos retos, curvos, mas sempre em pleno movimento. Em seu trajeto, outras formas vão se juntando a ela, sempre na dominância do verde, azul e branco. Souza (2010) descreve ritmo como resultado de uma síntese entre dois momentos, o de energia e repouso imprimindo movimento, e nos diz que o movimento nas formas visuais fixas não é físico, mas aparente. “Todo e qualquer signo traz esta aparência de mobilidade, até uma mancha sobre um fundo claro oferece a um olho sensível o espetáculo expansivo de um movimento” (SOUZA, 2010, p. 67).

Traduzindo nos termos peirceanos, estaríamos frente a um sinsigno – pois que se trata de uma imagem concretizada num suporte, materializada, portanto – que na relação com o objeto vai assumindo formas que apresentam semelhança com um possível objeto. São signos icônicos na relação com o objeto, mais especificamente, são hipoícones. Enquanto hipoícones, assumem seus três níveis: imagem, diagrama, metáfora.

Enquanto imagem propriamente dita, hipoícone de primeiro grau, as formas se apresentam na sua materialidade, sem a mínima intenção de trazerem à luz, com fidelidade, o objeto a que se referem, tão-somente o sugerem. Nas palavras de Santaella (1996, p.156): “são as qualidades primeiras – forma, cor, textura, volume, movimento etc. – que entram em relações de similaridade e comparação, tratando-se, portanto, de similaridades na aparência”. Funciona como hipoícone deste nível o movimento enquanto qualidade que imprime à linha vermelha a semelhança com caminhos: ruas, estradas... Na figura 13, esse caminho se transmuta em um rio. Mas é o azul e as formas circulares mais largas que o insinuam e continuam a fazê-lo nas figuras 13 e 14.

Diagrama é o segundo nível do hipoícone. A semelhança se dá não mais no nível da aparência, mas das relações entre as partes do signo que remetem a partes do objeto. São diagramas, por exemplo, mapas, gráficos e também figuras que esboçam partes do objeto e levam o intérprete a reconhecê-lo a partir dessas relações. Em “Ora bolas”, logo na capa, linhas e formas geométricas constroem o “esqueleto” de um estádio de futebol. Outras

formas geométricas, sobretudo quadrados e retângulos, delineiam a estrutura de prédios que vão compondo uma cidade. Da mesma maneira, garatujas infantis que esboçam meninos, bicicletas e outras formas cuja estrutura, alicerçada na relação entre as partes do signo icônico e o objeto a que se refere, as tornam diagramas.

O terceiro grau dos hipoícones, a metáfora, caracteriza-se pela semelhança de significados. As metáforas “fazem o paralelo entre o caráter representativo do signo com o caráter representativo de um possível objeto (...). Caráter representativo refere-se àquilo que dá ao signo poder para representar algo diverso dele” (SANTAELLA, 1996, p. 120). As metáforas exigem a ação do interpretante, afinal, é ele quem possibilita a aproximação do significado de duas coisas diferentes e transformam a linguagem literal para a figurada.

Voltando à forma predominante do livro, a linha vermelha que se estende e se reparte, e olhando-a agora sob o ponto de vista da metáfora, nós a vemos como uma corrente sanguínea que, ao caminhar por nosso corpo, continuamente, vai irrigando a vida. Ela nasce ao redor da figura que ocupa o centro – o estádio de futebol – que, por sua vez, ocupa o lugar do coração.

Feita essa primeira apreensão da imagem, via olhar contemplativo, o qual nos prendeu nas malhas das qualidades, passamos, então, ao olhar observacional: o que lê a história que se inscreve nas imagens descritas via referentes. Postas numa sequência, as imagens narram...

A linha vermelha cumpre o trajeto que liga uma bola aos meninos e estes à cidade, à floresta, ao país, ao continente. Sem traçar uma forma específica, vai se deslocando, continuamente, ligando uma página à outra.

A linha tem como ponto de partida (Fig 1) o estádio, de onde se avista de cima o campo de futebol. Por ela, pedala o menino na sua bicicleta, levando na garupa a bola amarrada. A linha vermelha se joga para a página seguinte, alojando prédios, casas, vegetações; servindo de suporte para o texto verbal que conta a história e de suporte para o campinho de futebol que o menino joga com seu amigo. Todos esses elementos se dispõem sem qualquer perspectiva, há um ajuntamento de formas sem respeitar qualquer lógica.

Até a figura 10, a cidade é cenário da linha/rua. A partir da figura 10, o menino retoma sua bicicleta e acompanha um caminhão carregado de bananas. No encalço do caminhão, o cenário muda. Planaltos cobertos por vegetação variada – coqueiros, araucárias, palmeiras... – passam a contornar a linha/rua que se transforma em estrada. Aves acompanham do alto o movimento da passagem do menino, do caminhão carregado de bananas, da estrada cercada de vegetação bem brasileira... bem brasileiro também é o menino: seus traços, o cabelo crespo, funcionam como índices da raça negra que, não por acaso, nos remetem aos mais habilidosos jogadores de futebol do Brasil, Pelé como parâmetro.

A figura 12 traz uma nova transformação: a linha/rua/estrada dá lugar a um rio/mar/oceano. O caminhoneiro do caminhão carregado de bananas se despede do menino e sua bicicleta que, dentro de um barco, prepara-se para nova travessia. Leva com ele a bicicleta, uma banana e a bola. Um pássaro o acompanha...

A figura 14, dialoga com a figura 12, à medida em que as representações de partida e chegada são invertidas: linha vermelha/rua/estrada desembocam no azul do rio/mar/oceano... e vice-versa. E novamente a bola rola...

Importante perceber que a posição da paisagem que rodeia o percurso do menino e o próprio menino e seu amigo também vai se modificando. Ora esses elementos aparecem sobre a linha, ora aparecem de “ponta cabeça”, mas sem cair... A figura 15 é exemplar nesse aspecto.

Finalmente, a figura 16 traz o menino, duplicado porque em movimento, lançando sua bola para um campinho de futebol que faz lembrar o começo de tudo: o campo de futebol é o centro da imagem que apresenta a história, a própria capa, e um círculo de fecha...

Buscando, agora, atar as pontas que os aspectos qualitativos colhidos pelo olhar contemplativo propiciaram e os aspectos referenciais que o olhar observacional apreendeu, passamos para o olhar interpretativo. A simbologia que se verifica nesse momento da interpretação se fará a partir de estudos de Chevalier e Geerbrand (2001) e também trará aspectos da psicologia junguiana.

Começamos pelas formas circulares, tão frequentes nas imagens. Encontramos em Chevalier e Geerbrand (2001) que, em muitas tradições, o círculo é símbolo da perfeição, da homogeneidade, da ausência de divisão ou distinção. É mais “concentrado em si mesmo, sem princípio nem fim, o círculo é o signo absoluto (...). O círculo é também símbolo do tempo: a roda gira (2001, p. 250-252).

Consta também em Chevalier e Geerbrand (2001, p. 254) que “Jung mostrou que o símbolo do círculo é uma imagem arquetípica da totalidade da psique, o símbolo do *self*, ao passo que o quadrado é o símbolo da matéria terrestre, do corpo e da realidade”.

Com a lente da psicologia junguiana, retomamos nas palavras de Jung (2002) a estrutura da psique e o conceito de arquétipo, que se fazem necessários para as ampliações simbólicas analíticas que se desenvolverão neste momento.

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo "coletivo" pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são 'cum grano salis' os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. Uma existência psíquica só pode ser reconhecida pela presença de conteúdos capazes de serem conscientizados. Só podemos falar, portanto, de um inconsciente na medida em que comprovamos os seus conteúdos. Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os complexos de tonalidade emocional, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados arquétipos. (JUNG, 2002, p.15).

“A roda gira”... e a bicicleta do menino, depois o caminhão vêm a reboque.
Segundo Chevalier e Geerbrand (2001, p. 132)

A bicicleta aparece frequentemente nos sonhos do imaginário moderno. Ela evoca três características: a) trata-se de um transporte movido pela pessoa que dele se utiliza, ao contrário dos outros veículos que são movidos pela força alheia. O esforço individual e pessoal afirma-se, com a exclusão de toda e qualquer outra energia, a fim de determinar o movimento para frente; b) o equilíbrio é assegurado somente pelo movimento para a frente, exatamente como na evolução da vida exterior ou interior; c) só uma pessoa de cada vez pode montar na bicicleta. Essa pessoa, portanto, faz o papel de cavaleiro único.

Outro transporte não seria tão representativo da força de vontade e determinação desse menino que, aqui, tomamos como pequeno brasileiro. A paisagem cheia de brasilidade pela qual o menino passa no seu percurso com a bicicleta, seu biótipo de jogador de futebol brasileiro aliado à sua paixão pela bola reforçam o senso comum cultivado no país de que todo menino brasileiro gosta de bola, que o futebol pode lançar a lugares mais distantes, sendo a bola uma espécie de passaporte para galgar outros mundos, propícios para realizar os sonhos de muitos meninos brasileiros.

Nesta terra de um povo com história cujas oportunidades não são para todos, a bola parece ser uma importante alternativa. Temos também outro forte signo de profissão para os brasileiros, o ser caminhoneiro. A imagem do caminhão aparece nas páginas do livro e acompanha o desenrolar da história do menino e sua bola. O papel do caminhão como veículo de progresso se estampa nos ditos populares que compõem as “frases de caminhão”: “O Brasil se movimenta sobre as rodas de um caminhão”, “Sem caminhão o Brasil para”. No livro, o caminhão se faz presente nas figuras de 7 a 12. Trata-se do mesmo caminhão se deslocando e, atraindo para junto de si, a bola e o menino. A caçamba do caminhão se assemelha à rede do gol, talvez seja a razão pela qual o menino e a bola o perseguem...

Nas figuras 8 e 12, o motorista do caminhão aparece na caçamba-gol, com o corpo disposto na posição de um goleiro que se atira para defender a entrada da bola, e ao mesmo tempo, notamos que ele lança a bola para que o menino a leve com ele. O menino (hoje caminhoneiro) cresceu e trabalha, mas ainda joga bola, como muitos dos brasileiros que hoje não são mais meninos, A bola parece realizar o reencontro da criança interior, que Abrams (1990) autor junguiano, relata como esse retorno à infância, e a bola simboliza os sonhos que permanecem através daqueles que a lançam “às terras mais distantes”.

A maioria de nós sente uma forte ressonância com a criança interior. Sabemos intuitivamente o que é isso, qual o seu significado para nós. Sentimos, talvez em segredo, que uma parte em nós continua inteira, intacta diante dos padecimentos da vida, capaz de sentir uma imensa alegria e deslumbramento face as menores coisas. Essa imagem da criança é de complexidade e veracidade bastante sutis. Sua mensagem é: todos nós carregamos aqui dentro a criança eterna, um jovem ser inocente e maravilhoso. E essa criança simbólica também nos carrega, carrega quem fomos, o registro de nossas experiências de formação, de nossos prazeres e dores (ABRAMS, 1990, p. 11).

Nesta mesma figura o homem, caminhoneiro, goleiro e arremessador, que carrega em sua caçamba a banana brasileira até o porto para exportá-la ao mundo, também exporta o menino. E quantos dos nossos meninos já foram exportados com suas bolas?! Temos jogadores nacionalizados em todos os países, produzimos mais do que comportamos em território nacional, a banana aparece como uma metáfora da nossa produção que é exportada a territórios internacionais.

Sob outra ótica, o caminhoneiro que aparece na figura 12 assemelha-se, pela atitude, a um pai que acompanha o filho até que ele possa caminhar sozinho, rumo a um sonho, a um ideal.

Adentrando a simbologia das cores, na figura 13, somos inundados pelo azul. Chevalier e Geerbrand (2001, p.107) esclarece que o “azul é a mais profunda das cores: nele o olhar mergulha sem encontrar qualquer obstáculo, perdendo-se até o infinito, como diante de uma perpétua fuga de cor”. Essa cor é repleta de possibilidades e o autor continua dizendo que o azul é o caminho do infinito, em que o real se transforma em imaginário.

Completando a simbologia dos signos desta imagem, temos um pássaro no céu. Os pássaros, segundo Chevalier e Geerbrand (2001, p. 687), são os mensageiros da divindade, associados aos anjos e figuras celestiais; o pássaro simboliza a alma, a libertação do corpo; e o voo, a passagem para uma nova vida.

Ainda no nível do simbólico, voltamos o olhar novamente para as linhas vermelhas que nos remetem à corrente sanguínea, e que ligam toda a história até o momento em que o menino encontra o mar. A corrente sanguínea irriga a vida em nosso corpo, e no livro dá continuidade e vida para a “página seguinte”, fazendo como o coração, bombeando o sangue a cada batimento, a cada página, traça metonimicamente a presença do futebol no país brasileiro, o que pulsa nos estádios e ressoa em todo país, assim como o sangue que pulsa no coração e ressoa por todo o corpo.

A linha vermelha, parte do estádio, como se ele fosse o próprio coração, seguindo pela artéria, atravessando o Brasil utilizando para isso os pés dos meninos, a bicicleta e o caminhão; passando pela casa, pela rua, pela cidade, pela floresta, indo até a América do

sul, pelo continente americano e pelos oceanos, e nas terras mais distantes de todo planeta. Nessa mesma figura (12): o menino se lança no azul, onde as palavras ancoram a imagem: “no continente americano cercado de oceano” e em sua canoa, ele leva sua bola, a banana e sua bicicleta. Quando o menino adentra o mar azul, compreendemos que ele inicia uma nova fase, começa um novo ciclo. Ouçamos Jung:

O mar é o símbolo favorito do inconsciente, a mãe de tudo o que tem na vida, cercado de formas marinhas como golfinhos e tristões. Assim como a criança, em certas circunstâncias (como no caso de Hermes e Dáctilos), está intimamente relacionada com o falo, símbolo do procriador, ressurgue, da mesma forma o falo sepulcral, como símbolo de uma concepção renovada. A criança é por tanto, renatus in novam infantiam (renascida em uma nova infância). Ela é, nesse sentido, tanto o início quanto o fim, uma criatura inicial e terminal. (JUNG, p.34,1990)

Na figura 13 temos o menino chegando a seu destino, uma única frase acompanha a imagem: “e como é o planeta? ”. A imagem do menino em sua canoa com sua bicicleta e sua bola, aparece cercada de quatro pequenos círculos que circundam estrelas de 5 pontas. Para Chevalier e Geerbrand (2001, p. 404) estrela de cinco pontas é chamada de estrela do oriente (nascimento de Cristo) ou da iniciação, pois simboliza o homem perfeito, com Deus manifestando-se plenamente nele (o iniciado) em seus cinco aspectos: físico, emocional, mental, intuitivo e espiritual. O número quatro tem ligações simbólicas ligadas ao quadrado e à cruz. Quatro cantos do mundo, quatro pontos cardeais, quatro cores primárias. O menino é iniciado, nasce para uma nova fase em sua vida, novas descobertas, “ E como é o planeta? ”. Explorando os quatro cantos do mundo, pode-se responder como ele é...

Na figura 14 encontramos o ciclo que se inicia, tão circular quanto a bola. O menino, ao chegar a seu destino, novamente dá o pontapé inicial. Em outro canto do mundo inicia-se uma nova partida... Circular é também a narrativa...

5.1.2 Palavra e imagem em “Ora bolas”

“Oi oi oi olha aquela bola”. “A bola pula bem no pé, no pé do menino”... O texto anuncia a bola e o menino. O menino na imagem quica a bola e dá início à trajetória da bola

e da história. Uma relação de redundância, na qual a imagem ecoa a palavra marca esse início de história.

“Quem é esse menino? Esse menino é meu vizinho!” Aqui, o texto dirige a imagem que apresenta os meninos e algumas casas “ao redor” da linha vermelha/rua. Nas duas próximas páginas, outros dois meninos expectadores aparecem apontando com os dedos respostas às perguntas: “Onde ele mora? Mora lá naquela casa! Onde está a casa? A casa tá na rua! Onde está a rua? Tá dentro da cidade.”. Esse expediente, torna a relação palavra e imagem complementar, já que ambas trazem informações que buscam preencher os sentidos. A partir de então, a imagem volta a se submeter à palavra, funcionando como eco em “Onde está a cidade? Tá do lado da floresta! Onde está a floresta?”

Mas esta floresta não está em um lugar qualquer, está no Brasil!!! A vegetação às bordas da linha vermelha/estrada já vinha anunciando, nos seus tipos, sua brasilidade – índices, portanto. A relação de complementaridade entre texto e imagem volta a reinar... até que informações do lugar onde se encontra o Brasil, a América do Sul, o planeta são trazidas pela palavra. A imagem, no entanto, traz informações que não atendem explicitamente ao texto, mas o ampliam com a presença do mar e a travessia do menino e a bicicleta; com a aparição do caminhão que paralelamente conta outra história, num nível não mais denotativo, mas figurado.

“E como é o planeta? O planeta é uma bola que rebola no céu”. Planeta, bola têm novamente a semelhança na forma como natureza, signos icônicos. E, finalmente, “oi, oi, oi... olha aquela bola”... retoma a primeira frase, concretizando, assim, a circularidade também do texto. O diálogo que se realiza aí está também fundado na relação de semelhança, só que agora na estrutura da parlenda.

De modo geral, a complementaridade do texto e da imagem – cada uma dessas linguagens contribuindo para uma construção “sui generis” da história – é a relação predominante. Ambos concretizam a circularidade, metáfora do ciclo da vida do menino/jogador.

Finalmente, enfatizamos aqui a ludicidade, a leveza, as emoções como efeitos de sentido que se depreendem dessa relação. De um lado, os desenhos colocam as crianças em

sintonia com o futebol que se associa ao movimento, à espontaneidade, à dança, ao lúdico... De outro lado, a palavra ou o texto verbal corrobora esses efeitos de qualidade e despertam no intérprete/leitor efeitos de pura brincadeira. O universo do futebol é, assim, o universo lúdico, que por sua vez, é o mundo da infância. Nova circularidade...

5.1.3 – O arquétipo do herói no livro “Ora Bolas”

“Os heróis são aqueles que tornam magnífica uma vida que já não podem suportar” (Jean Giraudoux)

Na sequência do olhar interpretativo desta e das outras análises, inserimos a simbologia junguiana, pois é nessa instância da análise – na terceiridade peirceana – que o simbólico se insere. Segundo Jung 1977, os mitos e imagens simbólicas são notáveis e de grande importância histórica, transmitem-nos um saber simbólico que não deve ser ignorado, antropologicamente serviram para desmistificar o pensamento corrente que concebe os povos antigos como aculturados, podemos perceber muitos mitos da sociedade moderna e contemporânea que encontram uma raiz paralela com as sociedades antigas. O mito do herói é um exemplo disso, o herói passa por provações para alcançar um objetivo heroico, se observarmos os heróis das mitologias arcaicas vemos que se assemelham aos heróis contemporâneos da indústria cinematográfica atual, os mitos antigos não deixaram de ter importância simbólica nos dias atuais, são recontados com novos nomes, mas com a mesma supremacia, superforça e superpoderes.

A Psicologia Analítica de C.G. Jung contribuiu para o estudo do material simbólico da humanidade, o autor nos coloca como seres interligados, em conexão universal entre os homens, uma herança psicológica construída ao longo da evolução humana, uma herança psicológica universal que ele denomina de inconsciente coletivo. Os conteúdos do inconsciente coletivo são os arquétipos, assim, todos os homens, primitivos ou modernos, compartilham de um conhecimento arquetípico universal. O inconsciente coletivo rompe com a linearidade espaço-tempo, ampliando a visão do psiquismo para além da simples causalidade. Entre os arquétipos existentes e habitantes no nosso inconsciente coletivo temos o arquétipo do herói, que será relacionado aos conteúdos dos livros analisados.

Uma característica marcante do herói é o estar sempre em ação, pela ação somos capazes de afastar a tristeza, a culpa e a preocupação, distanciando a capacidade de reflexão, mecanismo comum na adolescência. No livro “Ora bolas” notamos que os meninos estão sempre em movimento, sempre marcados pelo esforço, se pensarmos em Hércules, e em como era esse herói teremos a percepção da luta e do esforço que traz a imortalidade. Hércules cumpriu os doze trabalhos determinados pelo oráculo de Delfos como uma punição, sendo doze tarefas de extremo risco:

1. Matar o leão de Neméia – Hércules o estrangulou.
2. Destruir um monstro de sete cabeças que cuspiu fogo – o monstro era a hidra de Lerna, que Hércules matou.
3. Capturar a corça de Gerínia – Hércules a capturou viva, sendo que ela tinha chifres de ouro e pés de bronze.
4. Acabar com um javali selvagem gigantesco - Hércules capturou vivo o javali de Erimanto.
5. Limpar em um só dia o curral do rei Augeasos – Hércules limpou o estábulo que já não havia sido limpo nos últimos trinta anos, e no qual havia três mil bois.
6. Acabar com as aves do lago Estinfale – Hércules matou as aves antropófagas dos pântanos com flechas envenenadas.
7. Capturar um touro louco na ilha de Creta – Hércules capturou o touro vivo, apesar do mesmo lançar chamas pelas narinas.
8. Eliminar as éguas do rei Trácia – Hércules capturou as éguas antropófagas de Diomedes, domando-as.
9. Roubar o cinto de ouro da rainha Hipólita – Hércules conseguiu, após longas batalhas, obter o cinturão de Hipólita, rainha das guerreiras amazonas.
10. Capturar os bois selvagens de Gerião, da ilha de Eritéia – Hércules capturou o rebanho de bois vermelhos, após ter matado Gerião, que tinha três corpos.
11. Roubar as maçãs douradas das ninfas no jardim das Espérides – Hércules recuperou as três maçãs de ouro do jardim, por intermédio de Atlas.
12. Capturar o cão de três cabeças Cérbero, guardião dos portões do inferno – Hércules capturou o cão, que além das três cabeças, tinha cauda de dragão e pescoço de serpente. (fonte:<http://infoescola.com/mitologia-grega/Hércules/>)

Ao realizar as doze tarefas, além de se redimir pela morte de sua esposa e de seus filhos, Hércules conquistou a imortalidade. E o que temos em “Ora Bolas”? Vejamos as imagens do livro.

futebol. Uma das narrativas é “épica”, formada pela história dos feitos heroicos do passado de times e jogadores, por mitos de “carne e osso”, que se identificam com os clubes, os quais denominou de “instituições-mitos”. Esse tipo de narrativa cria os vínculos entre gerações. Temos aí, por exemplo, a Seleção de 70, o Santos de Pelé, o Botafogo de Garrincha, o Flamengo de Zico, o milésimo gol de Pelé etc. Outra narrativa, complementar a esta, seria aquela que estimula o consumo instantâneo do espetáculo pela massa. O “acúmulo do passado do futebol”, lembrado e reiterado no presente pelos narradores radiofônicos, cronistas, jornalistas e pelas velhas gerações de torcedores, formam a “narrativa épica” sobre o futebol e suas instituições. A articulação dessas narrativas permite que as novas oito gerações liguem-se ao passado heroico de suas “instituições-mitos”, atualizando-as com as experiências do presente (HELAL, p.8, 2010).

E como Hércules após a saga e a jornada de esforços e batalhas, o jogador também recebe sua imortalidade.

5.2 - O futebol em “Gabriel e a copa do mundo de 2014”

O livro “Gabriel e a copa do mundo de 2014” fez parte do projeto Copa do Mundo, que incluía a divulgação de Mapas e Cartazes das Cidades-sede da FIFA. Segundo o site brasil.gov.br/educacao, a Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI) desenvolveu o projeto Copa do Mundo nas 12 capitais brasileiras que foram sede dos jogos da competição. Um material lúdico-pedagógico foi distribuído aos professores para o desenvolvimento do tema do Mundial de futebol e a escola pôde se envolver e mobilizar a comunidade para um trabalho transdisciplinar com seus alunos, que envolviam Geografia, História, línguas, enfim a cultura de cada um dos Estados-sede, desenvolvendo conceitos e aprendizagens significativas. Questões como dados estatísticos, fuso horário, localização geográfica, fatos históricos, artes, condicionamento físico, alimentação e hábitos saudáveis foram exploradas, além de valores como: o respeito às diferenças culturais e à diversidade humana, bem como questões morais foram discutidas.

Em geral, as crianças puderam ter contato com toda a exposição que a mídia proporcionou, via publicidade, documentários de TV, programas voltados à Copa “brasileira” o que os tornou participantes ativos do evento, afinal, era a nossa “casa” exposta ao mundo todo.

O escritor Ilan Brenman, mestre e doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil com mais de 60 publicações para o universo infantil, foi um dos colaboradores do projeto Copa do mundo 2014 e, por essas razões, realizamos a análise deste livro, não sem antes apresentarmos a história do Gabriel:

Gabriel descobriu as 12 cidades brasileiras que serão sede da Copa do mundo de futebol de 2014.

Em Cuiabá a bola voará como sabiá

Em Fortaleza, com certeza, será uma moleza.

Em Recife, o juiz se comportará como um xerife.

Em Brasília, o uniforme será uma maravilha.

Em Belo Horizonte,

o zagueiro marcará o adversário como rinoceronte.

Em Natal, o atacante será genial.

Em São Paulo, a alegria será de Itaquera ao Ibirapuera.

Em Manaus, haverá uma invasão de naus.

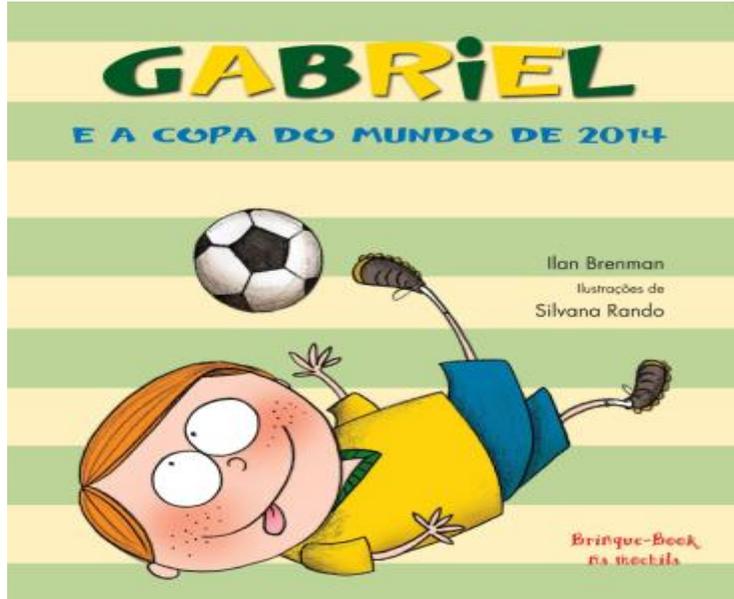
Em Porto Alegre, o goleiro pulará como uma lebre

Em Salvador, o gol será coisa de inventor.

Em Curitiba, o jornalista parecerá um scribe.

E no Rio de Janeiro, estará o mundo inteiro.

Figura 23: Capa do livro

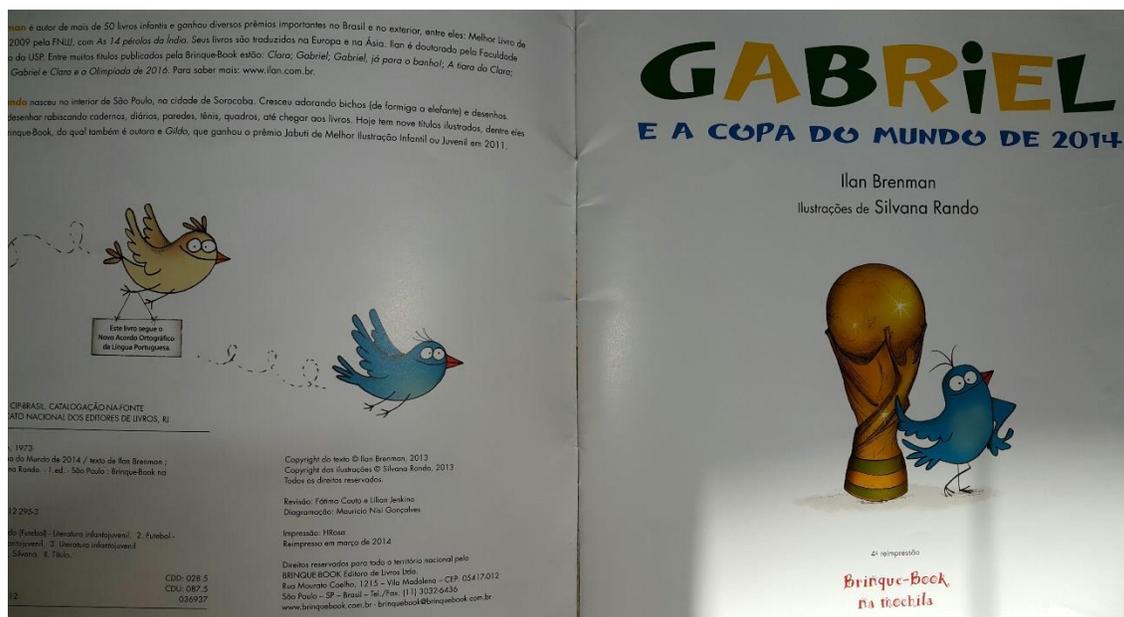


Fonte: Gabriel e a copa do mundo de 2014, Capa.

Na capa do livro, encontramos como ilustração uma imagem fixa figurativa. Ocupando o campo inferior do espaço da página está o menino vestido com o uniforme do Brasil – verde, amarelo e azul – num momento do jogo que sugere um passe ultracriativo que é a bicicleta: movimento que insinua pedaladas no ar. Bailado... dança. Esse registro parece antecipar o que está por vir: o GOOOLLLL!, ainda que não vejamos nem a trave, nem o goleiro... A bola no ar se materializa também nos olhos arregalados do menino, cuja expressão revela a alegria que o esforço vai lhe trazer.

No título temos as cores da bandeira do Brasil, que se alternam nas letras do nome do menino, GABRIEL, e no subtítulo em azul. Também o fundo mescla listras amarelas e verdes. Os efeitos de sentido que decorrem dessas cores remetem à brasilidade, ao sentimento de alegria, de júbilo que vem do sentimento de patriotismo que o futebol imprime.

Figura 24: a taça



Fonte: Gabriel e a copa do mundo de 2014, Contracapa.

A tão esperada taça aparece já com a lista verde e amarela em sua base, pré-decretando nossa vitória. O casal de pássaros nos remete ao azulão (*Cyanocompsa brissonii*), ave passeriforme da família Fringillidae, também conhecida pelos nomes de azulão-bicudo, azulão-do-nordeste, azulão-do-sul, azulão-verdadeiro, guarundi-azul, gurandi-azul, gurundi-azul e tiatã, uma ave típica brasileira que tem o macho na cor azul e a fêmea na coloração marrom claro.

Figura 25: Azulão, ave típica brasileira



Fonte: www.aobc.com.br. Acesso em 09/11/2016

Os pássaros da figura 25, retirada do site da associação ornitológica, nos remetem ao casal de pássaros do livro que aparece como símbolo brasileiro, presente em todas as páginas.

Observando a questão da igualdade ou desigualdade nas relações de gênero, podemos observar que na figura 24, o casal de pássaros aparece em voo: o macho (azul) na frente, e a fêmea (marrom) segue atrás, carregando uma placa com os dizeres - “Este livro segue o novo acordo ortográfico da língua portuguesa”. Na sequência, vemos o azulão apoiado na taça, sem a presença da fêmea nesse momento de “vitória”. O gênero feminino aparece nas páginas deste livro como coadjuvante, espectadora, mera acompanhante... senão vejamos.

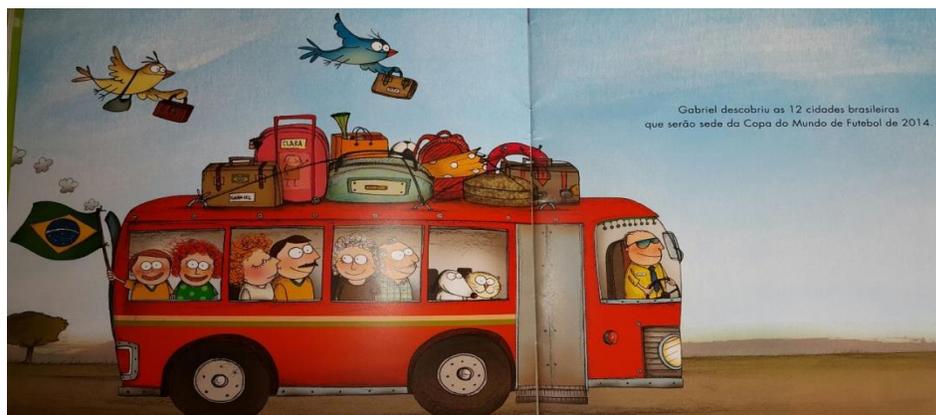
FIGURA -26 (Todos em campo)



Fonte: Gabriel e a copa do mundo de 2014, p. 4 e 5.

Na primeira página, na parte central do campo de futebol, onde o círculo e a linha feitos de cal demarcam o início do jogo dado pelo primeiro pontapé, perfila-se a família brasileira representada pelo “pai/mãe”, gato, cachorro, “passarinhos”... Alinhados em ordem decrescente no verde do campo, as mãos no peito na posição de quem canta o hino nacional, o momento em que inicia o jogo, também inicia a história do Gabriel. Interessante que a personagem feminina ocupa a primeira posição da fila, servindo, assim, de contraponto à leitura feita dos passarinhos que trazem o macho sempre à frente.

Figura-27 (O embarque)



Fonte: Gabriel e a copa do mundo de 2014, p. 6 e 7.

O grande embarque e preparo para o evento, a ansiedade, expectativa e a dedicação dos brasileiros que embarcaram na jornada copa do mundo 2014 aparecem na segunda página. O casal que se apresenta na primeira página, aparece neste contexto, como irmãos que se deslocam juntos com os avós, pais e animais.

Retomando aspectos da primeiridade como as cores como qualidade, já entramos no seu aspecto simbólico inscrito na terceiridade. Na esteira de Chevalier e Geerbrand (2001) observamos que o ônibus é vermelho, símbolo do princípio da vida, de toda expectativa que um princípio possa nos causar; cor do sangue, do fogo, cor do início das partidas da vida. Sobre o ônibus ainda, trata-se de um transporte coletivo, onde todos que se colocarem nele objetivam ir para algum lugar, é um deslocamento que unifica. Além da família notamos as malas e junto com as malas que significam os bens e os pertences que se deslocam junto a família, a presença da bola e da bandeira do Brasil, como se a bola nesse caso nos unisse para o patriotismo, nos deslocando para um objetivo comum.

A partir de então, as doze sedes da copa se elucidam nas páginas do livro. Vamos a elas...

5.2.1 “Em Cuiabá a bola voará como sabiá”

Figura 28 - Cuiabá



Fonte: Gabriel e a copa do mundo de 2014, p.8,9.

“Em Cuiabá a bola voará como sabia”... Encontramos nesta frase, cuja sonoridade a torna verso, a rima que faz eco. A retomada das sílabas finais das palavras Cuiabá, voará, sabiá, sugere uma circularidade que se materializa na imagem, no risco que traça o caminho da bola. É o movimento que também se reproduz nas pás do ventilador. A ideia do movimento, da leveza se apresentam na imagem, no som e no pensamento.

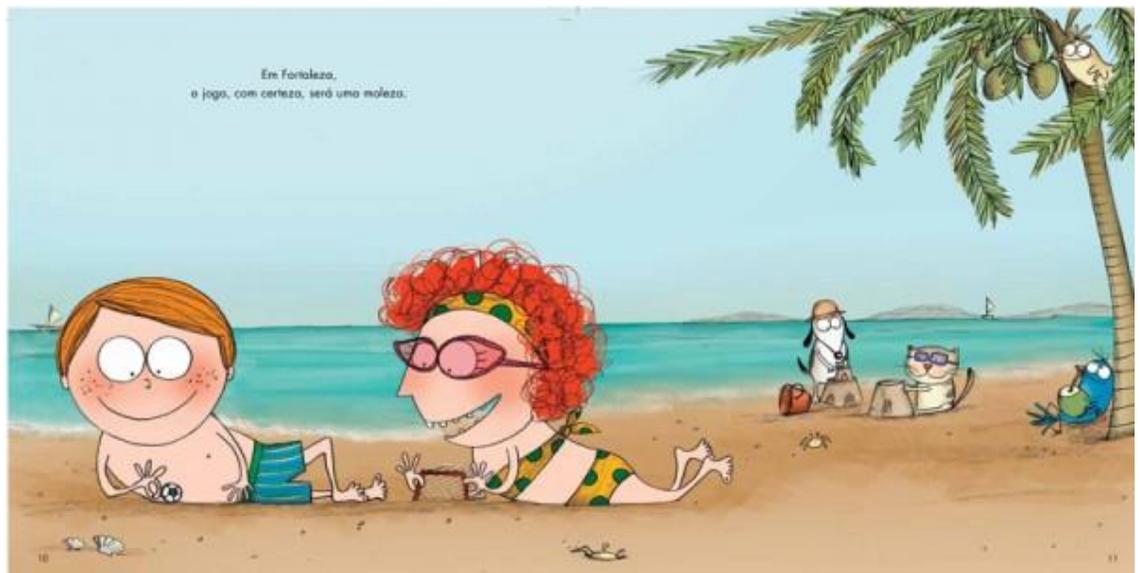
Cuiabá se faz representar na imagem a partir de elementos característicos de sua fauna: os jacarés, o rio, e a mata. Nas próximas páginas do livro, essa tendência se repete, a situação da localização dos personagens se evidencia nas representações visuais.

Retomando aqui o olhar para o gênero no futebol, podemos observar que o papel do feminino como expectador se mantém.

5.2.2 “Em Fortaleza, o jogo com certeza, será uma moleza”

Onde está Fortaleza na imagem?

Figura 29 - Fortaleza



Fonte: Gabriel e a copa do mundo de 2014, p.10,11.

Só o texto nos leva a Fortaleza. A imagem nos leva ao litoral, que poderia ser qualquer um dos que compõem nosso país. Visualizamos ao fundo a praia, as dunas, mas não há como indexá-la a Fortaleza. Esses mesmos elementos nos levam a praias do Nordeste. Embora a vacuidade imagética não nos permita localizar o espaço sem o texto, as formas figurativas que representam e marcam o gênero deste livro nos fazem chegar sempre ao ato de ver e ler num certo grau de redundância.

Em Fortaleza, certeza, moleza... novamente a rima, a repetição, a ideia da circularidade. Os sentidos produzidos pela imagem levam-nos a associar praia a férias, descanso; e a paisagem, à beleza do Ceará que nos remete, por sua vez, à contemplação, à preguiça... A bola pequenininha traz a dimensão do tamanho da preguiça a que esse lugar convida... o esforço feito agora com os dedos é minimizado a tal ponto de quebrar a leveza que a dança do jogo permite.

A “moleza” traz um dado cultural atribuído ao Nordeste, de um modo geral. De modo pejorativo, liga-se esta moleza à preguiça, à falta de vontade de fazer esforço, de trabalhar, portanto.

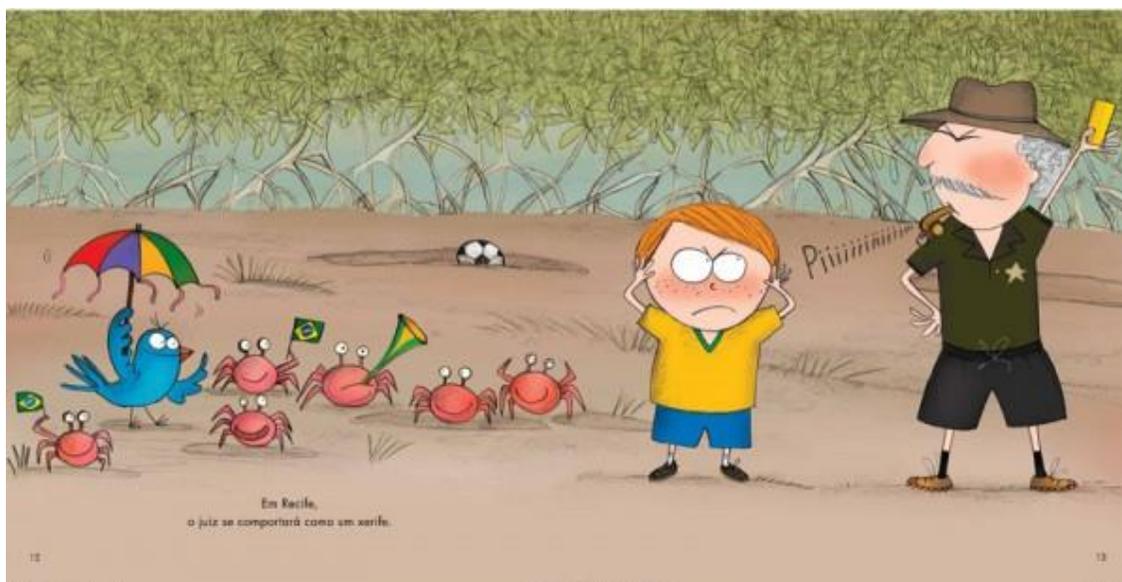
O efeito de sentido que se depreende daqui pode ter escapado ao ilustrador, mas pode levar o intérprete a ter uma impressão não muito favorável do povo do Ceará. A cidade-sede é, assim, construída com base no estereótipo do cearense malemolente.

Outro estereótipo reforçado nesta mesma página trata da relação de gênero: a menina aparece, novamente, ajudando Gabriel. Ela segura o gol com dois dedos e muito charme para que ele arremesse a bola para dentro, os meninos é que fazem os gols.

O futebol no Ceará se revela na ludicidade da preguiça, da lei do menos esforço. Vejamos em Recife, outra capital nordestina, se esse estereótipo se agrega ao futebol.

5.2.3 “Em Recife, o juiz se comportará como xerife”

Figura 30 - A partida no mangue de Recife



Fonte: Gabriel e a copa do mundo de 2014, p.12,13.

O texto nos diz: “Em Recife, o juiz se comportará como um xerife” e quando voltamos para a imagem notamos que ela reproduz o texto: o juiz com chapéu, a estrela de xerife, o apito e o cartão amarelo, estes últimos são os únicos elementos que de fato são instrumentos do juiz de futebol. Assim como o poder legislativo pode ser representado pelo xerife em nossa cultura, o juiz de futebol representa as regras e as leis no campo, uma analogia que a criança pode compreender na sua simplicidade cognitiva.

A expressão do menino também relata a característica dos brasileiros em se contrapor à figura do juiz, são inúmeras as críticas que se fazem aos juízes de uma partida de futebol e, apesar da difícil tarefa que é arbitrar um jogo, ele dificilmente terá reconhecimento, passa por uma rejeição quase que unânime.

Recife é a capital do estado de Pernambuco, localizado na Região Nordeste do país. É formado por uma planície aluvial, tendo as ilhas, penínsulas e manguezais como suas principais características geográficas. O Recife é sede do aglomerado urbano mais rico do Norte-Nordeste e oitavo mais rico do Brasil, além de ter o décimo quarto maior PIB do

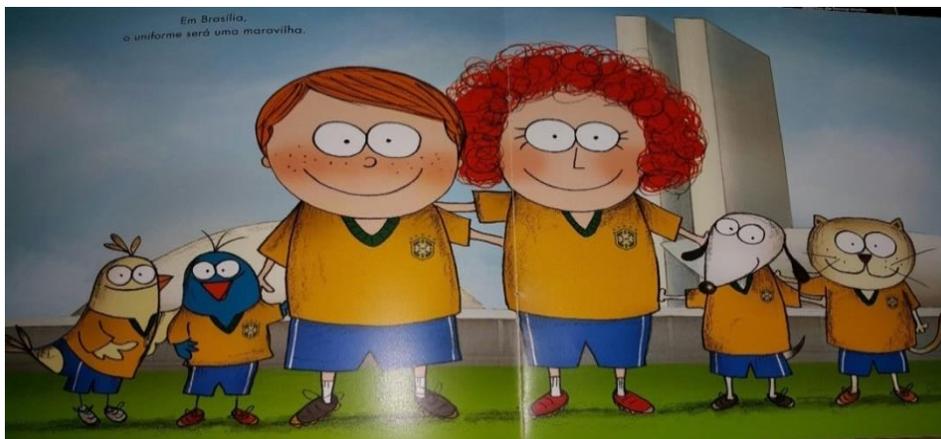
país e o maior PIB per capita entre as capitais nordestinas³. Mas como o Recife é apresentado no livro?

Observando a figura 30, temos como imagem de fundo o mangue, as árvores retorcidas, os caranguejos, solo irregular. A beleza das paisagens famosas nos cartões postais é omitida. A cultura regional aparece, sutilmente, na sombrinha com listras coloridas, própria do frevo, dança típica do local. Fora isso, o que temos é um campo irregular, árido e esburacado. Basta ver onde ficou a bola.

A personagem feminina desaparece, como se as mulheres não pertencessem ao universo do futebol. E a representação do futebol se efetiva num momento de atrito em que a ordem do árbitro é contestada pela do jogador. A ideia do conflito é a que se desencadeia nessa representação do futebol que, embora seja geral, torna-se especificidade do Recife.

5.2.4 “Em Brasília o uniforme será uma maravilha”

Figura 31- Em Brasília



Fonte: Gabriel e a copa do mundo de 2014, p.14,15.

³ Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Recife. Acesso em 17/11/2016.

Imagem bastante similar à que dá início à história aparece nas páginas 14 e 15, só que agora menino e menina se postam no centro, numa área gramada que tem como cenário o Palácio da Justiça, em Brasília, rodeados por “gato, cachorro, papagaio (passarinho)”, como diz o dito popular. Costa (2010) relata que a cultura popular brasileira está cheia de ditos populares. Popular entendida como aquela educação que precede a escola, uma educação coletiva, cultural, transmitida no meio familiar. Antes dos adventos da modernidade e dos inúmeros dispositivos, as famílias se reuniam e oralmente transmitiam às novas gerações seus costumes e tradições, com muita força em nossa cultura. Neste caso, a imagem leva a pensar a unanimidade cultural do futebol para os brasileiros, especialmente para a família brasileira para quem animais domésticos são integrantes do grupo familiar.

O cenário de fundo não poderia ser mais elucidador para os brasileiros, o texto do livro diz “em Brasília o uniforme será uma maravilha”, e Brasília se concretiza na imagem, a partir do desenho e parte do Congresso Nacional. Assim, para ler a imagem não precisamos de muito conhecimento colateral, são signos que nos levam à constatação, por serem de fácil identificação para a grande maioria de pessoas. A redundância texto imagem se faz.

5.2.5- Sequência de imagens no mesmo padrão

Na sequência do livro, das páginas 16 a 31, onde notamos Belo Horizonte, Natal, São Paulo, Manaus e Porto Alegre, as imagens mantêm a mesma característica de serem referenciais, cada sede da copa tem a predominância do sinsigno, isto é, do signo cuja natureza é ser um “existente concreto”, identificável como coisa que ocupa um lugar no real. Segundo Peirce, “um Sinsigno (onde a sílaba sin é considerada em seu significando de “uma única vez”, como em singular, simples, no Latin semel, é uma coisa ou evento existente e real que é um signo”(PIERCE,1977, CP.2.245).

Assim, salvo na imagem de Fortaleza que não traz nenhum elemento que a distinga de outras praias do Nordeste, as outras imagens do livro sempre trazem, em sua maioria, algum elemento que identifique o lugar ou algo proveniente da cultura, bastando para isso o conhecimento colateral ou uma certa familiaridade com o objeto/cidade. Tomemos como exemplo a cidade de Belo Horizonte.

Figura -32- Belo Horizonte

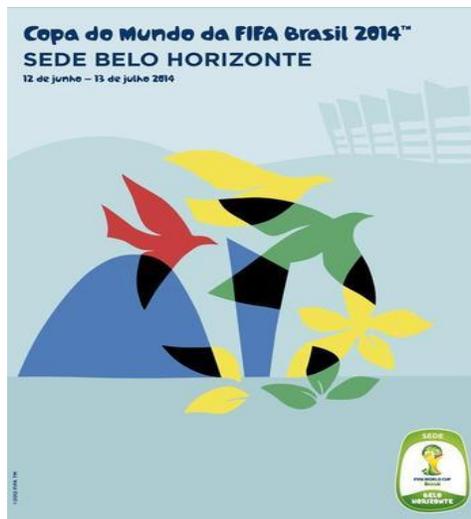


Fonte: Gabriel e a copa do mundo de 2014, p. 16,17.

Ocupando o lado superior direito da página, podemos ver a igreja de São Francisco de Assis, obra de Niemayer. Ainda que não seja fiel ao real, ela sugere o objeto que representa, de forma a que possamos identificá-lo. Logo abaixo, o azul dá lugar ao lago da Pampulha. Contudo, o verbal “Em Belo Horizonte, o zagueiro marcará o adversário como um rinoceronte” não dialoga nem com a paisagem nem com dados culturais de BH. Deduz-se que rinoceronte representa a força que um zagueiro deve ter para vencer. A menina, diante deste zagueiro, mostra-se assustada, amedrontada, reencarnando o papel inferior que ocupa nessa disputa.

Ainda a título de ilustração, apresentamos o cartaz oficial da Copa do Mundo 2014 da cidade-sede Belo Horizonte, a fim de observarmos a diferença do manejo dos signos.

Figura 33 - Cartaz Copa 2014 de Belo Horizonte



Fonte: <http://copadomundodobrasil2014.com>; Acesso em 08 de novembro 2016.

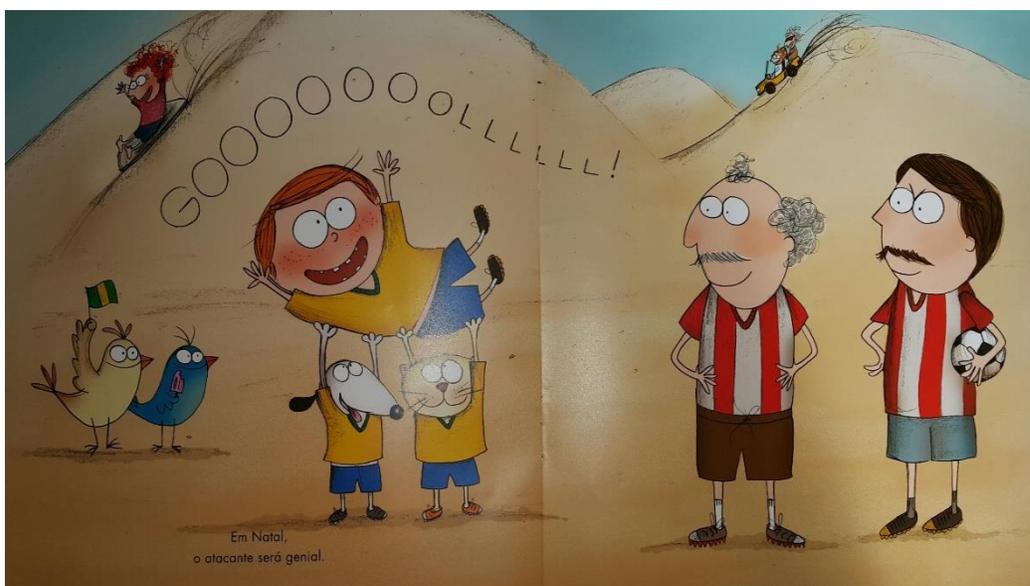
Neste cartaz, o mesmo elemento representado no livro – a Igreja de São Francisco de Assis – aparece no centro da imagem, como um esboço tingido de azul. O lago se faz ver na outra tonalidade de azul que ocupa a parte inferior do cartaz. O Mineirão, parte do conjunto arquitetônico, é o monumento ao futebol que a cidade abriga. Além do Mineirão, a bola também se anuncia. Nas palavras de Drigo e Souza (2017, p. 92),

São todas formas ambíguas que, em vez de buscarem fidelidade ao traçado do objeto inscrito no mundo real e que tentam representar, tão só o sugerem. As qualidades anunciadas constituem o fundamento deste signo que, na relação com o objeto, por sugeri-lo, se denomina ícone.

Enquanto no cartaz, a paisagem é mero cenário e os interpretantes ligados ao futebol se revelam na força e destemor de um zagueiro/rinoceronte; no cartaz a importância do futebol se faz na leveza da bola, na imponência do estádio, na festa da natureza, cumprindo com o papel de informar, seduzir, transmitir a mensagem, apresentar estética e criar um novo sentido, fugindo dos estereótipos, capaz de transformar os fatos em desejos, sonhos e planos.

Voltando às andanças de Gabriel pelos estados-sede da copa, na imagem 35, o menino e sua turma chegam a Natal: “Em Natal, o atacante será genial”. A cidade aparece representada pela palavra e pelas dunas, traço identitário da região.

Figura 34 - Natal



Fonte: Gabriel e a copa do mundo de 2014, p. 18,19.

O menino em posição de vencedor, sorridente e vibrante ao lado de juízes e a menina escorregando nas dunas, alheia à comemoração do gol. Retomando as relações de gênero, o estereotipo da menina distante do futebol é novamente reforçado. O autor desconsidera, assim, a campeã do mundo por cinco vezes consecutivas - jogadora Marta Vieira da Silva, futebolista brasileira que atua como atacante.

Para contextualizar essa nossa crítica, o perfil dessa jogadora pode contribuir. Atualmente, ela joga pelo FC Rosengard, da Suécia. Marta já foi escolhida como melhor futebolista do mundo por cinco vezes consecutivas, um recorde entre mulheres e homens. Foi considerada pela *Revista Época* um dos 100 brasileiros mais influentes do ano de 2009. Em 2015, ela se tornou a Maior Artilheira da História das Copas do Mundo de Futebol Feminino, segundo reportagem na ESPN, em agosto 2016, com 15 gols e também

se tornou a Maior Artilheira da História da Seleção Brasileira (contando a Masculina e a Feminina) com 101 gols. Marta ganha um salário superior ao de 99,6% dos jogadores de futebol masculino que atuam no Brasil. De acordo com levantamento feito pela CBF no ano passado, 99,6% dos jogadores atuando por aqui ganham menos de R\$ 100.000,00 por mês (R\$ 1.300.000,00 por ano, contando o 13º salário), sendo que a ampla maioria (82,4%) ganham até R\$ 1.000,00 por mês. Falamos da Marta, mas sabemos que no futebol existem diversas mulheres apaixonadas pelo esporte, praticantes, profissionais e amadoras.

E assim o livro segue apresentando novas cidades-sede:

Figura 35- São Paulo

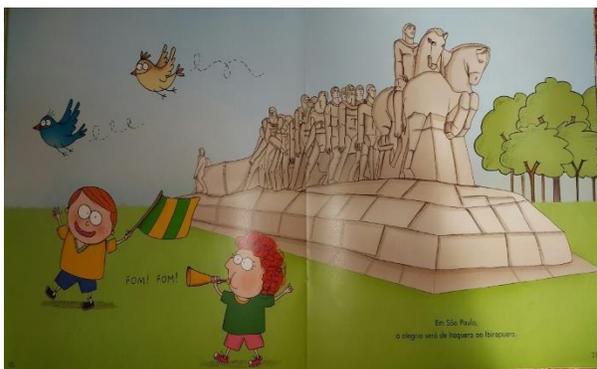
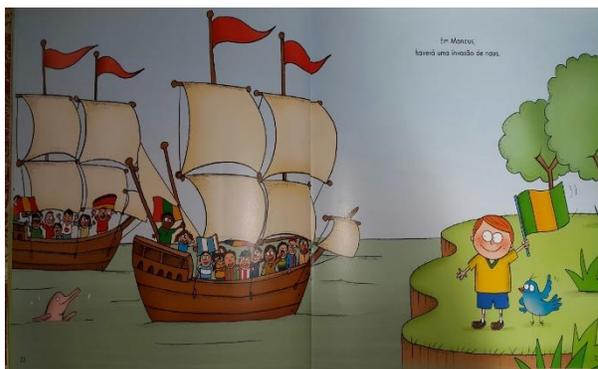
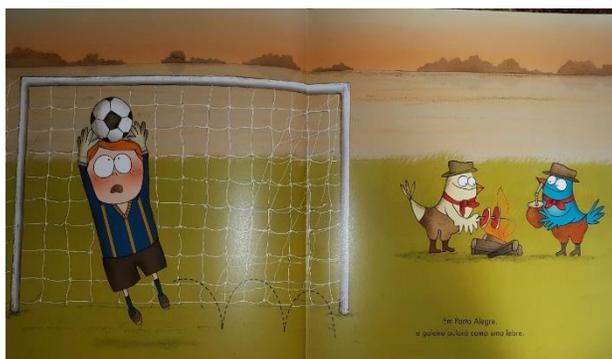


Figura 36- Em Manaus



Fonte: Gabriel e a copa do mundo de 2014, p. 20, 21, 22,23.

Figura 37 - Em Porto Alegre



Fonte: Gabriel e a copa do mundo de 2014, p. 24,25.

Novamente, monumentos da cidade ou traços da cultura local são referência às cidades-sede. “Em São Paulo, a alegria será de Itaquera ao Ibirapuera”: além da rima na escolha dos lugares da cidade, a imagem traz o monumento às Bandeiras. “Em Porto Alegre, o goleiro pulará como uma lebre”: novamente o rio é cenário e os dois passarinhos vestidos a caráter “churrasqueiam” ao redor da fogueira, compartilhando chimarrão. O menino, por sua vez, nunca agrega outras companhias, está sempre com seus únicos companheiros, jogando, na maioria das vezes, sozinho...

Já “Em Manaus, haverá uma invasão de naus”... duas caravelas cheias de torcedores de diferentes países, dadas as bandeiras e uniformes, passam pelo menino. De Manaus, há o rio, como havia em Porto Alegre, mas nada que o distinga dos outros rios. As caravelas parecem descontextualizadas... poderiam ser cabíveis na Bahia, em Porto Seguro mais precisamente, local de chegada dos descobridores do Brasil. Deduzimos que a rima (Manaus – naus) forçou essa relação que a ilustração tenta reproduzir.

Enfim, o livro “Gabriel e a copa do mundo” apresenta as imagens referenciais das sedes para nos levar à identificação da localidade. Vimos que nem todas as imagens, por si só, dão conta da totalidade dos sentidos. Em algumas delas, a palavra precisou ancorar a imagem, realizando o papel que Barthes atribui à imagem de estar sempre subjugada ao texto.

5.2.6 O arquétipo do Herói no livro Gabriel e a Copa do mundo

Etimologicamente o herói seria o guardião, o defensor, o que nasceu para servir. Na linguagem contemporânea ele tem o sentido de guerreiro, está ligado à luta (BRANDÃO, 1986, p. 13). Diferentemente do herói em “Ora Bolas”, que se caracterizava pelo esforço, pelo sacrifício e pela luta, temos aqui um herói infantil, que não iniciou sua saga, não saiu sozinho para cumprir sua jornada, só o potencial heroico se apresenta, um herói não manifesto.

O personagem Gabriel está sempre acompanhado de algum membro de seu núcleo, em todas as figuras algum de seus familiares ou animais aparecem acompanhando o menino, ele ainda é o protegido.

Para Jung (1986, p. 52), o herói seria o mais nobre de todos os símbolos, a idealização física e espiritual superior aos homens, que o representaria em sua totalidade arquetípica. A ativação do arquétipo do herói geralmente se faz na adolescência, quando se faz necessária a separação dos pais e a saída para o mundo. Observamos que o personagem Gabriel tem expressão infantil, trata-se de uma criança, e como tal se comporta, brinca e se diverte na maioria das páginas, sem exprimir grandes lutas ou desafios a serem cumpridos. Embora apareça jogando bola em alguns momentos, observa-se que ele não é o jogador, ele não é o herói, ele não está na jornada do herói, está à passeio com a família.

A função do arquétipo do herói, segundo Vargas (1987), é fundamental para a estruturação da consciência: “Sempre que algo de novo e transformador vai se implantando em nossa consciência pessoal e coletiva, algum dinamismo heroico deve ser ativado”. O autor defende que a adolescência seria um período típico de ativação do arquétipo do herói para realizar a batalha da libertação do mundo parental (VARGAS, 1987, p. 11). O adolescente está à procura de um estilo original de vida e a tentativa de estabelecer a identidade segundo valores próprios, para que possa entrar em contato com a originalidade. Nesse caso, não haveria somente a morte simbólica dos “pais da infância”, mas também da criança, segundo Byington (2002). Outra criança surge na adolescência, que não será infantil, mas ainda ingênua, ainda lúdica, ainda criativa e curiosa. Gabriel ainda não vivencia o herói interior.

5.3- A representação do futebol em “O presente”

A ausência de palavras permite que se explore detalhes dos traços, das cores utilizadas, da técnica empregada, da ocupação do espaço na folha, da materialidade do livro" (MEDRANO, 2014)

“O presente” é um livro de imagens, apenas imagens, com ausência total de texto escrito. Em entrevista para a revista “Educar para crescer” da editora Abril de 17/10/2014, Odilon Moraes e Renato Moriconi relatam que nenhum elemento está por acaso em um bom livro-imagem, cada detalhe, cada centímetro do livro, tem sua razão, desde o estilo da imagem, o formato do livro, até o tipo de papel e a escolha das cores. Dizem que o livro

sem palavras mostra a história em vez de contá-las, requer um tipo de atenção diferente de uma história contada, trata-se de uma obra pra ser lida com os olhos e com as mãos também.

Neste tipo de livro é fundamental a capacidade de despir a mente e permitir que as qualidades do livro nos capturem, esperar para sentir as provocações das qualidades agindo na mente interpretadora. Um intérprete pode explorar de forma múltipla e criativa um livro imagem.

Alguns detalhes do livro: o autor e ilustrador é Odilon Moraes e este é seu primeiro livro-imagem. “O presente” conta com 48 páginas e as ilustrações se compõem de apenas três cores: o contorno dos traços em azul predomina; apenas as camisetas são coloridas de verde e amarelo, pois são camisas da seleção brasileira. As cores dão conta de nos informar sobre o teor da história e a época em que ela ocorre: a copa do mundo.

As imagens são aquareladas e os traços são simples, a brasilidade se faz presente pela cor, como nos outros livros analisados.

O enredo é sobre um menino que sai com seu pai caminhando pela cidade. Ambos entram em uma loja onde a exposição principal são camisetas da copa do mundo. Em destaque visualizamos a camisa 10. O menino ganha do pai uma camisa da seleção brasileira. Enquanto caminham nos damos conta de que está havendo jogo da Copa do Mundo. O registro com imagens continua: agitação na rua, bandeirinhas penduradas, pessoas bebendo, conversando, tocando pandeiro. O clima da copa se destaca em cada detalhe da imagem. Num segundo momento é a hora do jogo e todos se reúnem em volta da televisão, as expressões atentas e os personagens comemoram, vibram, se angustiam, suspiram frente à TV, até que o jogo termina, o Brasil perde.

As páginas são marcadas pela tristeza, lágrimas, abraços, decepção que as imagens nos permitem ler.

O menino troca a camiseta da seleção por uma outra, também de futebol, uma camisa 6 sem as cores da bandeira. O cenário é trocado e os meninos vão ao campo jogar

bola, o cotidiano dos meninos retorna, cumprimentos, escolha de time, chutes, dribles, gol e vitória.

O livro foi lançado na copa de 2010 e a herança de todas as copas parece ser o reforço da cultura do futebol que mesmo entre vitórias e derrotas une as crianças nos mais diversos tipos de campos e quadras, favorecendo vivencias sociais como maiores presentes.

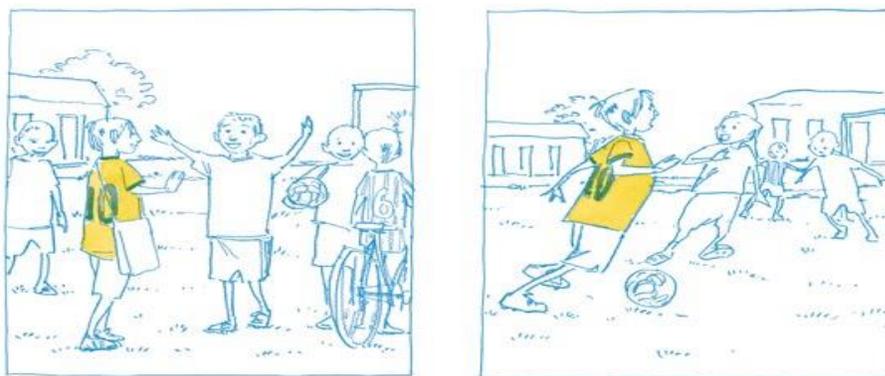
Vejamos as imagens

Figura 38 - Capa e páginas iniciais



Fonte: livro, “O Presente”, Odilon Moraes, 2014.

Figura 39 - Capa e páginas finais



Fonte: “O presente”, Odilon Moraes, 2014.

Ao observar as imagem do livro, o primeiro aspecto que vêm à mente é o qualitativo. As imagens, na sua maioria são vazadas, apenas a camisa da seleção brasileira rece as cores amarela e verde. Os contornos em azul nos levam aos referentes por uma relação de analogia que permite que façamos associações de semelhança com suas formas, o que define o caráter da iconicidade.

Sobre a recepção cromática do azul, Guimarães (2000, p. 20) explica que quando a informação cromática transmitida ainda não constitui um signo. Para isso ela deverá ser recebida pela nossa visão, atualizada pela percepção, e por fim interpretada por sua materialidade, a partir de códigos construídos por estruturas pré-existentes em nosso cérebro, resultado de nosso conhecimento de mundo e dos sistemas informacionais transmitidos hereditariamente.

Além do quali-signo evidenciado pela cor azul, na capa, temos alguns desenhos formados por traços e contornos que nos revelam bicicleta frente a uma casa estilo antigo, ainda como herança dos colonizadores do Brasil. A porta da casa dá diretamente na calçada da rua, o bairro da cena parece calmo, tranquilo, apresentado pela ausência de carros ou pessoas transitando, e na linha superior as bandeirinhas que culturalmente usamos para decorar as ruas do Brasil em período de copa, a brasilidade presente. Já na capa temos informações importantes da leitura visual que será desvendada, as bandeiras que nos remetem a algum tipo de torcida pelo país e a bicicleta que já foi aqui citada por aparecer nas imagens do livro “Ora bolas”, retomamos sobre a bicicleta as palavras do autor Chevalier (2001, p. 132) “A bicicleta trata-se de um transporte movido pela pessoa que dele se utiliza, ao contrário dos outros veículos que são movidos pela força alheia. O esforço individual e pessoal afirma-se, com a exclusão de toda e qualquer outra energia, a fim de determinar o movimento para frente”.

Novamente a força desse transporte, que funciona como metáfora da força de vontade e determinação dos brasileiros. As ultimas páginas do livro são marcadas com o time de amigos de bairro, a união dos grupos, o futebol favorecendo e privilegiando o comunitário. Retomando a metáfora da psicologia junguiana, podemos trazer a ideia de

unificação e transcendência. Jung define o processo da “função transcendente” no seu trabalho “Tipos Psicológicos”:

A função psicológica e transcendente resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes. A experiência no campo da Psicologia Analítica nos tem mostrado abundantemente que o consciente e o inconsciente raramente estão de acordo no que se refere a seus conteúdos e tendências. Esta falta de paralelismo, como nos ensina a experiência, não é meramente acidental ou sem propósito, mas se deve ao fato de que o inconsciente se comporta de maneira compensatória ou complementar em relação à consciência. Podemos inverter a formulação e dizer que a consciência se comporta de maneira compensatória com relação ao inconsciente. (...) A atividade do inconsciente faz emergir um conteúdo em que se patenteia, em idêntica medida, o influxo da tese e da antítese, e que, em relação a ambas, conduz-se com efeitos compensatórios. Desde o começo em que esse conteúdo mostra suas relações tanto com a tese como com a antítese, constitui uma base intermediária em que os contrastes se podem conjugar (...). Em seu conjunto, dou ao processo que acabo de descrever o nome de Função Transcendente. Mas, neste caso, não entendo como função, uma função fundamental, mas o fato de que, em virtude dessa função, opera-se o trânsito entre uma e outra disposição. A matéria-prima trabalha pela tese e antítese que em seu processo de conformação realiza a conjugação dos contrários é o símbolo vivo (CARL G. JUNG, 1971, §244, §549, §550).

A unidade dos opostos, consciente e inconsciente, é o que se concretiza na arena de futebol, naquele espaço determinado para que os times profissionais ou mesmo o time dos amigos de rua, se reúnam e se enfrentem. Abandonam naquele momento sua individualidade e vivem um coletivo, e voltam para individualidade nas emoções, e transitam entre o individual e o coletivo que por ora até se fundem. Pertencem a um time (grupo) lutam e batalham pela vitória, representam unidade. O jogo desempenha o papel desse diálogo entre as duas instâncias, assumindo a função transcendente dentro do processo, eu individual e eu coletivo. A arena de futebol se torna um espaço onde se pode treinar as emoções, experimentar explosões de sentimentos, extravasar; trata-se de uma área limítrofe onde os opostos podem se confrontar e os conflitos podem ser resolvidos antes de serem levados para o mundo real. Há a possibilidade de um mundo de vivências no jogo de futebol, é a união do corpo físico com as emoções, do individual com o coletivo, a união das polaridades. Na figura 33 as emoções ficam evidentes nas crianças que se reúnem para o jogo, sem palavras, sem textos conseguimos pelo percepto compreender toda a dimensão e simbologia expressa na face das crianças nesta figura 38.

Observando a questão de gênero, neste livro-imagem sobre o futebol não aparece nenhuma figura feminina como personagem da história, o livro exclui as mulheres do universo do futebol.

5.3.1 O arquétipo do herói em “O presente”

Nesse livro faz-se presente a figura do herói que inicia sua jornada acompanhado do pai. Juntos passam pela derrota e o herói segue sozinho, aparecendo em imagens de comemoração e vitória ao findar do livro. Tomando aqui a jornada do herói, do autor Joseph Campbell (2005), observamos que ele a coloca em três atos, partida, iniciação e retorno.

A partida corresponde o início da aventura, o chamado onde o herói se coloca à disposição para realizar o feito, ou é escolhido para a aventura, ou acaba se envolvendo nela pela ingenuidade. No início da aventura, há como característica o auxílio sobrenatural, isto é, alguma figura sobrenatural, um deus, ou um ancião que tem a função de conselheiro que auxilia na empreitada. Após o encontro, com esse sobrenatural, o herói é levado ao limiar. No livro a partida é dada junto ao pai, figura que representa sabedoria maior que a do filho, o pai assume o papel do ancião, aquele que orienta e auxilia o herói em sua partida. Juntos pai e filho saem pelas ruas da cidade, o pai parece mesmo o orientador que inicia o menino no universo do futebol. Campbell (2005) relata que a passagem pelo primeiro limiar é justamente quando o herói deixa o mundo conhecido e entra no desconhecido, a passagem pelo primeiro limiar pode assumir a forma de renascimento, um rito de iniciação que ocorre fora de casa.

Após a travessia pelo primeiro limiar, o herói é exposto às provações que vão iniciá-lo num desenvolvimento de ordem superior. Aqui o herói não contará apenas com sua força ou astúcia, mas, estará por inteiro na aventura, iniciam-se as provas do herói, na qual deve sobreviver.

O herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do auxiliar sobrenatural que havia encontrado antes de penetrar nessa região. Ou, talvez, ele aqui descubra, pela primeira vez, que existe um poder benigno, em toda parte, que o sustenta em sua passagem sobre-humana (CAMPBELL, 2005, p.102).

O menino recebe do pai, na jornada pela cidade, um conhecido “amuleto” que todos nós cultuamos para chamar a vitória, o pai dá ao menino uma camiseta do Brasil. Nas páginas seguintes, temos a família toda unida atenta com os olhos fixos na televisão, onde se passa um jogo do Brasil e na expressão dos expectadores se evidencia a derrota, o herói vivencia a derrota, mas como todo herói a derrota nunca é a batalha final, é apenas um prenúncio da vitória que se seguirá. Nas páginas seguintes o menino sai sem o pai e encontra os amigos e uma partida de futebol finalizada em vitória e comemoração coroa o herói que volta para a casa vitorioso.

Encerramos aqui a análise do livro e seguiremos para nossa última análise o livro Pelegrino e Petrônio.

5.4 – O futebol em Pelegrino e Petrônio

O texto do livro segue na íntegra:

Era uma vez um pé que se chamava Pelegrino. Seu sonho era ser bailarino.

Ele era o rei da ponta! Chegou a estudar francês, não para ser de *bon ton*, mas para fazer o *glissé* e mais o *pas de bourrée avec toute la perfection*.

Pelegrino se soltava no espaço, todo leve. O seu sonho era dançar como dançou Nureiev.

Ou - está bem! - como Travolta (no tempo em que ele dançava). E Pelegrino, acordado, sonhava. E como sonhava!

Era uma vez um outro pé que se chamava Petrônio. Também era um sonhador: queria ser um craque, ser um rei do futebol na defesa e no ataque.

Ele era sensacional, talentoso, jeitosinho... Sabia bater na bola (mas batia com carinho). Sabia brincar com ela - sua velha camarada. Dava passes de trivela e arrasava na embaixada.

Tudo bem... dois sonhadores. Mas vejam o que é o destino: o Pelegrino era irmão do Petrônio!

Acontece que os pés são assim: só nascem aos pares, de fato. (Que nem sapato.) E agora? Como é que ia ser? Um Pelegrino pensando permanentemente em passos, em palmas, pulos e pássaros, em pouso, paz e aplausos.

E um Petrônio preocupado com a perfeição dos passes, a ponta, o *pique*, a pelota, a pontaria... e o gol!

E não tem choro nem vela: pés são um par. Como irmão siameses, que não dá pra separar. Mas muitas cabeças - dos dedos! - pensam melhor, ora pois. Ideia que vale por duas vale melhor para dois!

Depois de muita conversa - irmão não briga com irmão, o Pelegrino e o Petrônio encontraram a solução.

E os dois foram trabalhar - vejam a vida como é - nas chuteiras de um craque tão bom quanto foi Pelé.

Foi lindo o seu gol, Petrônio!

Adorei sua performance, Pelegrino! (ZIRALDO)

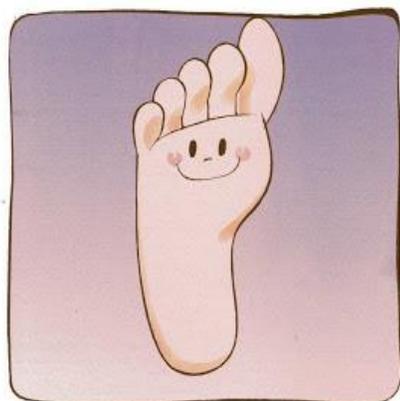
O livro Pelegrino e Petrônio da editora Melhoramentos, tem texto e ilustração do autor Ziraldo Alves Pinto. Nascido em 1932, em Caratinga, Minas Gerais, começou sua carreira nos anos 50 em jornais e revistas de expressão, como *Jornal do Brasil*, *O Cruzeiro*, *Folha de Minas*, etc. Além de pintor, é cartazista, jornalista, teatrólogo, chargista, caricaturista e escritor. Nos anos 60 lançou sua primeira revista em quadrinhos brasileira “A Turma do Pererê”. Assim como escreveu sobre diversos aspectos da cultura brasileira, a iniciar pelo folclore com “A turma do Pererê”, também deu seu olhar de contribuição para o futebol. Seguem as imagens do livro para que possamos realizar as análises.

Figura 40 - CAPA



Fonte: livro “Pelegrino e Petrônio”, Ziraldo.

Figura 41- Pelegrino bailarino.



Era uma vez um pé
que se chamava Pelegrino.
Seu sonho era ser
bailarino.



Ele era o rei da *ponta!*
Chegou a estudar francês,
não para ser de *bon ton*,

Fonte: livro “Pelegrino e Petrônio”, p.5,6.

Figura 42 - Leveza, dança



mas pra fazer o *glissé*
e mais o *pas de bourrée*
avec toute la perfection.



Pelegrino se soltava
no espaço, todo leve.
O seu sonho era dançar
como dançou Nureiev.

Fonte: livro “Pelegrino e Petrônio”, p.7,8.

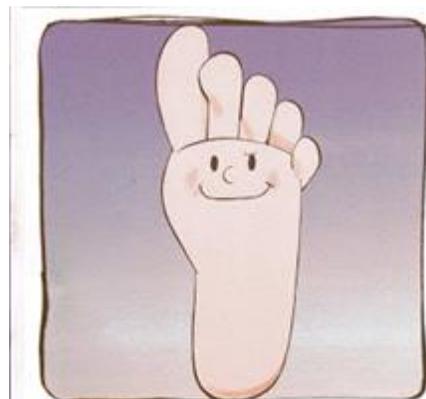
Figura 43 – Pelegrino Travolta



Ou – está bem! – como Travolta
(no tempo em que ele dançava).
E Pelegrino, acordado,
sonhava. E como sonhava!

Fonte: livro “Pelegrino e Petrônio”, p.9.

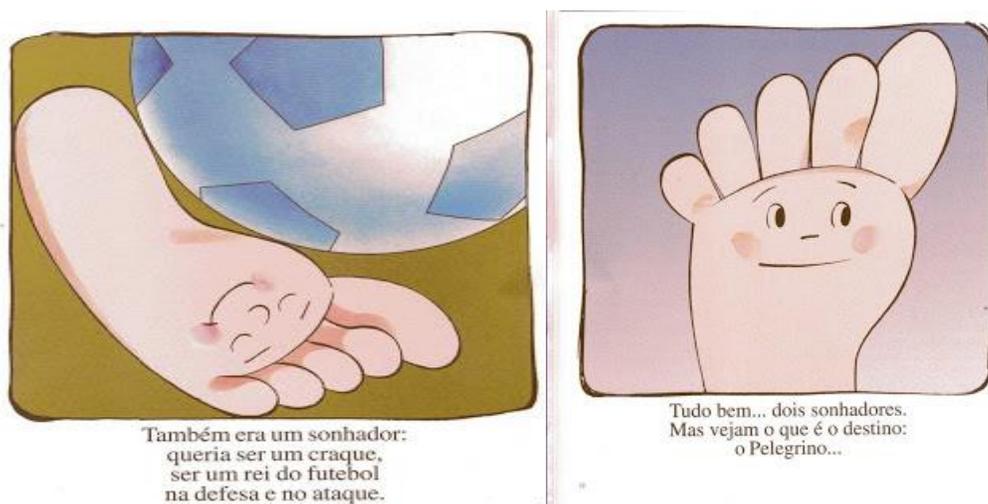
Figura 44- Apresentação de Petrônio



Era uma vez
um outro pé
que se chamava
Petrônio.

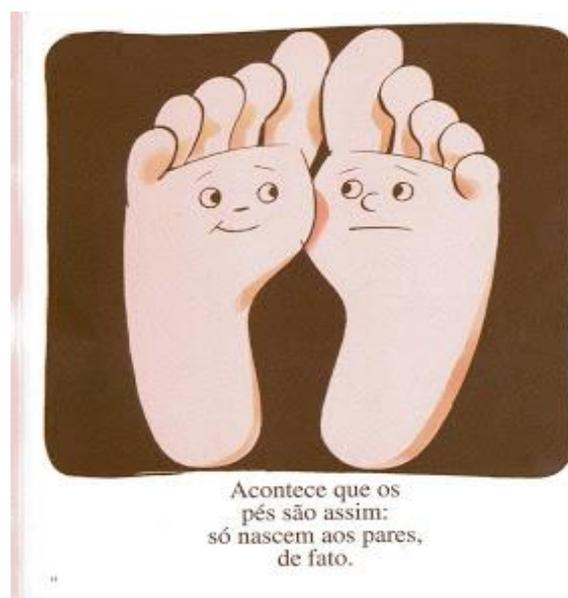
Fonte: livro “Pelegrino e Petrônio”, p.10.

Figura 45 – Sonhadores



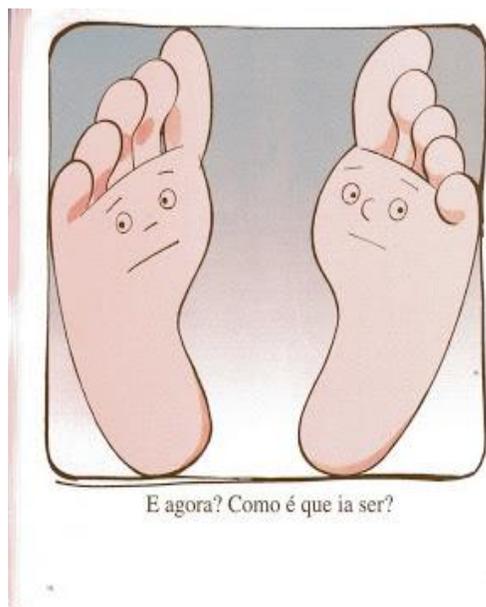
Fonte: livro “Pelegrino e Petrônio”, p.11,14.

Figura 46-Estranheza



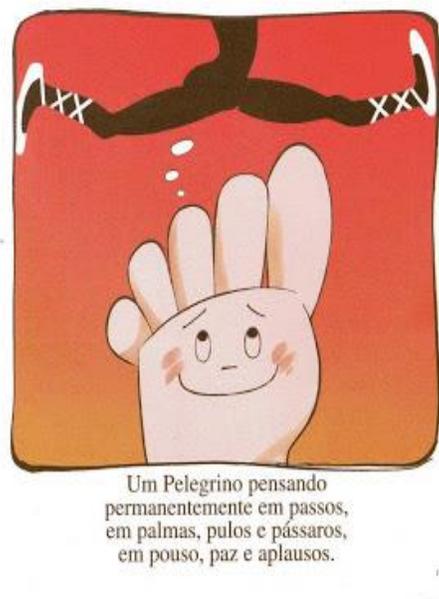
Fonte: livro “Pelegrino e Petrônio”, p.16.

Figura 47 – Petrônio ou Pelegrino



Fonte: livro “Pelegrino e Petrônio”, p.18.

Figura 48 – Pelegrino e os aplausos



Fonte: livro “Pelegrino e Petrônio”, p.19.

Figura 49 – Petrônio e o GOLLL



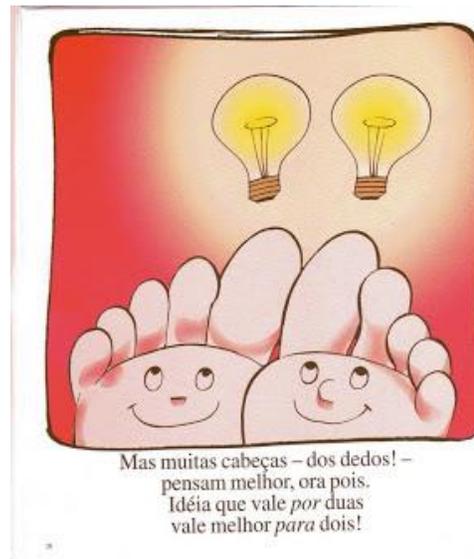
Fonte: livro “Pelegrino e Petrônio”, p.20

Figura 50 – Uma decisão



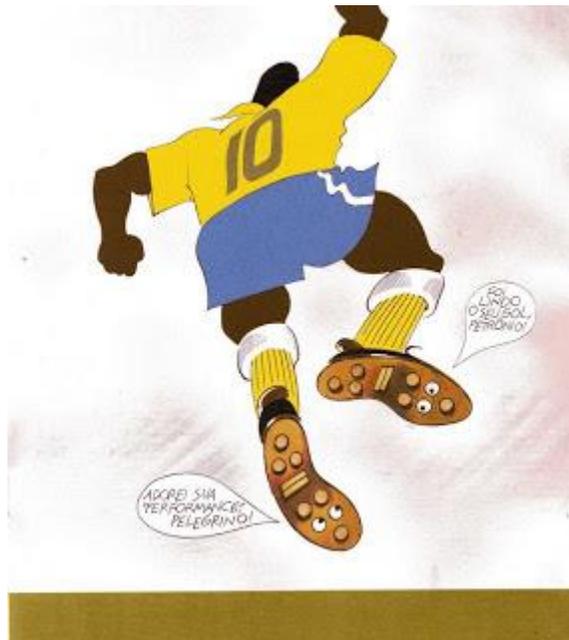
Fonte: livro “Pelegrino e Petrônio”, p.21.

Figura 55 – A ideia!



Fonte: livro “Pelegrino e Petrônio”, p.22

Figura 55 – Rei Pelé



Fonte: livro “Pelegrino e Petrônio”, p.25.

Partindo para análise semiótica, voltaremos nosso olhar ao aspecto denotativo das imagens, temos em todas as páginas a imagem dos pés em primeiro plano: ora o pé direito, ora o pé esquerdo, ora a união dos pés. Em algumas páginas tem-se a presença da bola e, na última página do livro, encontramos o mito do futebol brasileiro, o rei Pelé.

O olhar contemplativo apreende imagens que se caracterizam pela economia de cores, deixando o foco e a atenção para as linhas curvas dos traçados, nas quais nossa sensação pode divagar. As linhas curvas com poucas cores sugerem movimentos leves. O minimalismo da composição é a qualidade que se impõe.

O olhar observacional nos impele à constatação: são pés. Nesse momento relativo à secundidade, damos nome e reconhecemos os signos que nascem das curvas. Ainda temos outra informação que se espraia em todas as páginas, os pés são personificados, têm vida, são animados, possuem olhos, boca, expressões que nos relatam sua satisfação e insatisfação por motivos explícitos no texto que complementam as imagens.

Na figura 40, a capa do livro, temos as cores mais evidentes e os pés personificados se apresentando com alegria, o sorriso na expressão nos fazem compreender que estão satisfeitos, nesse momento o texto é apenas o nome do livro, que na primeira página nos leva a compreender que é também o nome dos personagens.

A partir da figura 41 até a 43 vemos Pelegrino com seu sonho de ser bailarino: as disposições em que ele se apresenta nos remetem aos movimentos de pés em passos de danças. A expressão suave de Pelegrino, o sorriso doce, é o ballet que se apresenta corporificado no personagem.

Então, na figura 44, se apresenta para a história o Petrônio, e temos uma mudança imediata. Mesmo sem a leitura do texto identificamos tratar-se de outro pé. A expressão sugere um ar malandro, e logo na figura seguinte – 45 – é apresentado o objeto de seus sonhos: a bola. Petrônio queria ser jogador de futebol.

Na figura 47, os pés/personagens aparecem lado a lado pela primeira vez. Olham-se com estranheza... A página 50 esclarece o problema: são um par! Os olhares e expressão facial comunicam imediatamente trata-se de um par divergente. O que poderia conciliar

ballet e futebol? Dança e corrida; *glissé, pas de bourrée avec tout ela perfection* com a ponta, o pique, a pelota, a pontaria? Graças ao insight de “todas as cabeças”, pensando juntas, a solução chega afinal e ambos foram parar nas chuteiras do Pelé. Ninguém melhor que o Pelé para aliar técnica e dança, pura arte.

O olhar interpretativo via terceiridade entra em cena e aspectos culturais, simbólicos “entram em jogo”. Começemos pela simbologia dos pés a partir da seguinte descrição por Chevalier e Gheerbrand (2001, p. 694):

Diz-se do Buda e dos grandes santos budistas que eles não deixam rastros, são inalcançáveis... Esses rastros de pés são aqueles que se segue na caça e, simbolicamente, na caça espiritual. Mas as marcas são perceptíveis somente até a Porta do Sol, até os limites do Cosmo. Depois disso, as marcas desaparecem, sendo a Divindade originalmente e finalmente desprovida de pés (ofídica). De uma maneira mais terra-a-terra, o pé simboliza também certo sentido da realidade: ter os pés sobre a terra. Sendo o ponto de apoio na caminhada, o pé, para a os povo Dogon do Mali, é antes de tudo um símbolo de consolidação, uma expressão da noção de poder, de chefia e de realeza. O pé do homem deixa sua marca sobre as veredas – boas ou más – que ele escolhe, em função de seu livre arbítrio. Inversamente, o pé leva a marca do caminho – bom ou mau – percorrido. Isso explica os ritos de lavagem dos pés.

Temos os pés como ponto de apoio do corpo e, por isso, transmitem estabilidade. Quando uma pessoa é realista e prática, os ditos populares proclamam que essa pessoa tem os pés no chão. São os pés que nos sustentam nas nossas caminhadas, símbolo do caminho da humanidade. Jesus lavou os pés dos apóstolos na cerimônia do “Lava-pés”. O gesto de lavar os pés do outro representa não só humildade, mas também simboliza a limpeza das más escolhas ou dos maus caminhos por onde essa pessoa tenha passado. E o livro nos fala sobre escolhas de caminhos, sobre sonhos e desejos sobre o que deseja ser, fala sobre os anseios infantis, e nos traz na metonímia dos pés uma ótima escolha. O que se escolhe, afinal, é o futebol que une dança, leveza, técnica, passos de bailarino ou de um craque. Nos pés de Pelé se acomodam Petrônio e Pelegrino, no 10 de sua camisa, fica a bola.

5.4.1- O arquétipo do Herói no livro Pelegrino e Petrônio

No livro Pelegrino e Petrônio observamos o prenúncio de um conflito. De um lado temos a leveza, a fluidez da dança, a sapatilha, laços e fitas, ponta de pé, temos o ballet e do

outro lado chutes acertados, firmes e fortes, dribles, bola, chuteira de cravo, temos o futebol, uma batalha entre dois pés, pares de um mesmo dono, de um só ego.

A figura de um herói nasce no ambiente de conflito (batalha). O mito do herói pode ser identificado em todos os esportes, entendidos que são como um campo de confrontos. É herói segundo Jung (1986, p. 52), aquele que passa por inúmeras dificuldades para alcançar um objetivo e por mérito de seu esforço e luta, vence com honra.

Os heróis das mitologias como Hércules; Teseu, que venceu o Minotauro no labirinto de Creta; Perseu, o herói que conseguiu decaptar Medusa; Ajax, herói guerreiro que também atuou nas batalhas da Guerra de Tróia; Édipo, o único a conseguir, com sua inteligência superior, decifrar o enigma da Esfinge, são todos sinônimos de luta e esforço, como os nossos heróis contemporâneos da indústria cinematográfica: Super-Homem, Capitão América, Homem-Aranha, demonstrando que os mitos antigos não deixaram de ter importância simbólica nos dias atuais. As histórias são recontadas, adaptadas à realidade atual, assim mantendo viva a necessidade da fantasia humana na figura heroica. É preciso acreditar que ele existe, precisamos sentir que ele habita em nós e diversas vezes precisamos evocá-lo para dar conta das adversidades.

É interessante observar aqui que tais figuras remetem aos heróis masculinos que são a maioria. Contudo, temos no livro de Ziraldo a apresentação do masculino e do feminino nos movimentos e na apresentação tanto do ballet como do futebol. Em Pelegrino e Petrônio o masculino uniu futebol e ballet, não em quaisquer chuteiras, mas daquele que simboliza o futebol-arte do Brasil.

5.5 Resultado das análises

Como resultados das análises dos livros infantis – imagem e texto – observamos que o futebol e os jogadores são representados no livro infantil, numa primeira apreensão ou primeiro olhar, com um apelo ao sensorial em que cores, linhas, formas, movimento, ritmo, luz, perspectiva ou ausência dela, textura, dimensão, direção, despertam possibilidades interpretativas que levam ora à leveza do movimento, ora ao esforço; à alegria e vibração que impregna a expressão facial dos meninos em jogo; ao sentimento de brasilidade presente nas

cores e também nos signos referenciais como as bandeiras e camisetas, a sombrinha do frevo, fruta (banana) e animais (jacaré, passarinhos, caranguejos...) presentes em nossa fauna, entre outros. São enfim qualidades e traços que identificam nossa cultura. Nela, sem dúvida, o futebol ocupa o primeiro lugar entre os esportes.

Foi ainda possível deduzir que aquele que joga está sempre em destaque, cumprindo o papel do herói: esforça-se, cumpre trajetos, luta pela vitória, mesmo quando perde não desiste, deixa certo que lutará pela vitória; enfim, sempre se apresenta com conotação positiva.

Com relação ao gênero, concluímos que os livros não incluem o feminino no futebol, as meninas aparecem sempre como expectadoras ou acompanhantes dos meninos/jogadores. Com relação aos meninos, os livros passam a informação de ser mais adequado a eles o futebol em detrimento de outro esporte. No livro *Pelegrino e Petrônio* surge um dilema que deixa em dúvida a escolha entre o futebol e o ballet, mas o conflito se resolve quando o futebol se une ao ballet nos pés do rei Pelé. Jogo e arte se irmanam, se misturam no futebol.

Em *Ora Bolas*, o primeiro livro analisado, a paisagem cheia de brasilidade pela qual o menino passa no seu percurso deixa evidente sua paixão pela bola. Essa paixão reforça o senso comum cultivado no país de que todo menino brasileiro gosta de bola. Ainda nas páginas de *Ora Bolas*, os meninos estão sempre em movimento de jogo e as meninas aparecem como expectadoras, estereótipo reforçado da relação de gênero, de que as meninas não gostam ou não são aceitas nessa seara, coisa de que temos ciência não ser real... A bola nesse livro aparece como uma espécie de passaporte para galgar outros mundos, propícios para realizar os sonhos de muitos meninos brasileiros e, nessa trajetória, deparamo-nos com a forte metáfora da jornada do herói, o caminho do menino que tenta ser jogador ressoa no livro como o arquétipo do herói que se cumpre.

O segundo livro, *Gabriel e a copa do mundo de 2014*, apresenta as imagens mais referenciais, menos sugestivas que o livro anterior. Não explora as qualidades das formas, das cores, traços, enfim, os aspectos sensoriais não são tão fortes. Cada uma das cidades-sede da copa são representadas a partir de um recorte que remeta ao lugar: algumas são representadas por monumentos; outras por recortes na paisagem; outras ainda por elementos da cultura local. Contudo, nem todas as imagens, por si só, dão conta da totalidade dos sentidos; em algumas

delas, a palavra precisou ancorar a imagem, realizando o papel que Barthes atribui à imagem de estar sempre subjugada ao texto.

A brasilidade se repete, o dado cultural Brasil/futebol se mantém, mas aqui essa identificação e faz não pelas características heterogêneas da nossa cultura, mas pelas vestes e signos, todos os personagens vestem camiseta do Brasil em algum momento, os pássaros apresentados são típicos da fauna brasileira e também jogam bola, bandeiras brasileiras ocupam as páginas, as cores verde e amarelo tomam conta do livro desde sua capa, também se verifica aqui o estereótipo futebol /Brasil/ gênero masculino, pois a menina é sempre acompanhante do menino que joga, o pássaro/fêmea também só assiste às jogadas do menino. O menino é revestido de estereótipos, o menino Gabriel é loiro, branco do cabelo impecável, sempre arrumadinho não sai do lugar mesmo quando ele está jogando, ele está a passeio para ver a copa acompanhado aparentemente de sua família burguesa. Em momento algum temos um personagem que se diferencia do padrão estético de Gabriel, todos os personagens são brancos revestidos de acessórios, óculos de sol, viseira, leques, ou seja, bem distantes dos traços identitários do brasileiro.

Enquanto em Ora Bolas, vimos em relação ao arquétipo do herói a característica do esforço, do sacrifício e da luta, aqui temos aqui um herói infantil, que não iniciou sua saga, não saiu sozinho para cumprir sua jornada, só o potencial heroico se apresenta, um herói não manifesto, ainda na inocência da infância, jogador feliz sem preocupações e sem lutas a cumprir. O personagem Gabriel está sempre acompanhado de algum membro de seu núcleo, em todas as figuras algum de seus familiares ou animais aparecem acompanhando o menino, ele ainda é o protegido.

Em “O presente” nosso terceiro livro algumas características também se repetem, tais como os signos da brasilidade e a questão de gênero: novamente aqui as meninas não entram em campo. Também o herói nesse livro cumpre a jornada do início ao fim. Aqui a figura do herói inicia sua jornada acompanhado do pai. O menino conhece a derrota e, a partir de então, segue sozinho e vence.

Em nossa última análise, do livro Pelegrino e Petrônio, a brasilidade não se repete em imagens, aparece apenas na última página do livro unindo em uma única figura Brasil e

futebol na imagem do rei Pelé. As qualidades do traçado, a leveza e economia de cores voltam a se sobressair, criando a novidade dos personagens serem dois pés. A metonímia toma lugar do que seria o todo: os meninos.

Ainda compondo o inusitado deste livro, há o conflito de ideais de cada um deles: um sonhava em ser jogador de futebol e o outro, em ser bailarino... Contrastes como força/leveza; corridas/passos suaves; a chuteira/a sapatilha; a masculinidade/a feminilidade foram aglutinados numa só pessoa ou num só herói: o Rei Pelé, símbolo do futebol-arte brasileira. Assim, se apagaram as diferenças...

Finalmente, quanto à relação palavra e imagem, percebemos que ambas trazem informações que buscam preencher os sentidos. A relação de complementaridade entre texto e imagem é a predominante nos livros “Ora Bolas”, “Gabriel e a copa do mundo de 2014” e “Pelegrino e Petrônio”.

Considerações Finais

A bola não é a inimiga como o touro, numa corrida;
e, embora seja um utensílio caseiro e que se usa sem risco,
não é o utensílio impessoal, sempre manso, de gesto usual:
é um utensílio semivivo, de reações próprias como bicho
e que, como bicho, é mister (mais que bicho, como mulher)
usar com malícia e atenção dando aos pés astúcias de mão.

João Cabral de Melo Neto (1985)

Retomamos nesse momento nossa pergunta norteadora para delinear aqui nossas considerações finais. Essa pesquisa foi conduzida pelo questionamento: como o potencial de sentido de representações visuais cria um processo comunicacional que traz à tona o futebol?

No caminho da pesquisa em busca de possíveis respostas, percebemos que o tema é amplo e envolveu em nossa abordagem várias searas do conhecimento, tais como comunicação, semiótica, cultura, história, mitologia e psicologia, das quais tentamos trazer aspectos que pudessem ampliar e contribuir no desenvolvimento do trabalho.

O universo do futebol mostrou-se representado como um universo lúdico tecido com cores, formas, símbolos de brasilidade; ritmo, movimento e a presença forte do jogador de futebol/herói como símbolo identitário da cultura brasileira. Mas a imagem desse herói se revela estereotipada. Trata-se de um jogador de futebol branco, “arrumadinho”, habitante de um universo eminentemente machista, contradizendo o que observamos na contemporaneidade brasileira em que a grande jogadora, premiada várias vezes como a melhor do mundo é uma mulher. Apenas o livro do Ziraldo rompe com a estereotipia que tem seu ápice no livro mais atual de todos: “Gabriel e a copa do mundo de 2014”. “O futebol em Pelegrino e Petrônio” é o único que consegue dissipar o ranço do lugar comum ao tornar a força e a arte partícipes de um futebol que simbolizou o país nos pés de Pelé.

Referências

- ABRAMS, Jeremiah. (Org). **O reencontro da criança interior**. São Paulo: Cultrix, 1990. p.11-264.
- AGUIAR, Flávio. et all. **O olhar**. São Paulo: Cia das letras, 1995.
- ASSUNPÇÃO, Fátima (Org). **Caderno de orientações : Parlandas**– São Paulo, SP: Cedac-Ministério da Educação, 2011. p.08-75.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.
- BRANDÃO, Junito. DE S. **Mitologia Grega**, Petrópolis ,Vozes, 1986.
- BYINGTON, Carlos. **A riqueza simbólica do futebol**. Psicologia Atual, São Paulo, 1982.
- _____, **Psicologia Simbólica Junguiana – A viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação**. São Paulo: Ed. Linear B, 2008.
- _____, **Futebol: a grande Paixão do Povo Brasileiro Um Estudo da Psicologia Simbólica Junguiana Dedicado a Pelé, Edson Arantes do Nascimento, o maior atleta do século vinte e orgulho do Brasil**, 2016. Disponível em<[http:www.Carlosbyinton.com.br/ artigos do autor](http://www.Carlosbyinton.com.br/artigos_do_autor)> Acesso em: 14 mar 2016.
- _____, **O arquétipo da vida e da morte**, São Paulo, publicação própria, 2002. Trabalho disponível na página Carlos Byinton, artigos do autor.
- BRUHNS, Heloisa T. **Futebol, Carnaval e Capoeira: Entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas - SP: Papyrus, 2000.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo, Cultrix, 1995.
- _____; MOYERS, Bill. **O poder do mito**. São Paulo, Pallas Athena, 1990.
- CARVALHO, Gilmar de. **Outros textos sobre o Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2008
- CHEVALIER, Jean, GUEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olimpo, 2001.
- COSTA, Leda M., Letras e esporte, **UNIABEU**, Nilópolis, v. 2, Número 5, Mai. -Ago. 2011.

COSTA, Ricardo. (org), **O Livro dos Mil Provérbios (1302) de Ramon Llull**, UFES, Espírito Santo, 2016. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/sites>>, acesso em 05/06/2016.

DA MATTA, Roberto. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

_____, Futebol opio do povo x drama social. **Novos Estudos Cebrap**. São Paulo, v. 1, 4, p. 54-60, abril, 1984.

_____(Org) **Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro**, Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1984.

DRIGO; SOUZA. Os sentidos advindos de aspectos qualitativos e referenciais: um exercício interpretativo com cartazes da Copa do Mundo da FIFA 2014. **Interin**. Curitiba, v. 18. n.2. p. 86-103, jul./dez. 2014. ISSN: 1980-5276

DURAND, Gilbert **O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Tradução de Renee Eve Levie. 3ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

_____, **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

EDINGER, Eduard. **Ego e arquétipo**. São Paulo: Cultrix, 1995.

EVSLIN, BERNARD **Heróis, deuses e monstros da mitologia grega**, São Paulo: Arxjovem, 2012.

GARCIA, Walkiria, **Baú do Professor**. Belo Horizonte: Fapi, 2003.

GARRAFFONI, Renata. **Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas**. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2005.

GUIMARAES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Anna Blume, 2000.

HALL, Calvin; NORDBY, Vernom . **-Introdução a psicologia Junguiana**, São Paulo: Cultrix, 1993.

HELAL, Ronaldo.- (org.) **Cultura e Idolatria: Ilusão, Consumo e Fantasia**, Rio de Janeiro, Mauad, 1998. p. 08-179.

_____, “**Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói**” - in *MotusCorporis*, Rio de Janeiro, UGF, 1998.

_____ GORDON J.,CESAR, C.- **Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol** in **Estudos Históricos**, FGV, 1999.

_____ Futebol, Imprensa e Memória, 2010, revista comunicação e esporte.

_____ MURAD, M.- Alegria do Povo e Don Diego: um ensaio sociológico sobre o êxtase e a agonia de heróis do futebol - **Pesquisa de Campo- Rio de Janeiro, UERJ**, v.1, p.10-40, 1995.

JUNG, C, G. -**O homem e seus símbolos**. São Paulo: Vozes, 1964.

_____ **O desenvolvimento da personalidade**. São Paulo: Vozes, 1986.

_____ **Memórias sonhos e reflexões**. São Paulo: Nova Fronteira, 1963.

_____ **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____ **Tipos Psicológicos**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Editora Vozes,1971.

LÓPEZ, Pedraza, R. **Ansiedade Cultural**. Ed. Paulus, S. Paulo, 1997.

LEITE, Luci, B., GALVÃO, IZABEL (org.). **A Educação de um Selvagem**. Editora Cortez, São Paulo, 2000. p. 19-220.

MARONI, Amneris; **Jung: Individuação e coletividade**. São Paulo: Moderna, 2004.

MIÈGE, Bernard. **O pensamento comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SECCHIN, Antonio Carlos (org)- **Os melhores poemas de João Cabral de Melo Neto**. São Paulo: Global Editora, 1985.

NEUMANN, Erich. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1.968.

PALMA FILHO, J. C. **Cidadania e Educação**. Cadernos de Pesquisa, n. 104, p.101-21, 1998.

PEÇANHA, Igreja, C.; Mito e Arquétipos do Herói na Divulgação Esportiva e na Construção da Identidade. **Anais Intercom Sudeste**, São Paulo, mai, 2008.

ROSENBERG, Bernard; et al - **Cultura de Massa**. Rio de Janeiro, Cultrix, 1978.

ROUSSAN, Yvin; **A infância entra em campo: riscos e oportunidades para crianças e adolescentes no futebol / Centro de Defesa da Criança e do Adolescente.** Salvador: Cedeca-Unicef, 2013.

RUBIO, K. Agenda 20+20 e o fim de um ciclo para o Movimento Olímpico Internacional. **Revista USP**, São Paulo, p. 12-28; v. 93, 2016.

_____. A experiência da pesquisa 'Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros'. **Acervo**, v. 27, 2014. p. 93-105.

_____. A dinâmica do Esporte olímpico do século XIX ao XXI. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, 2011, p. 83-90.

_____. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, 2016. p. 86-91.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada.** São Paulo: Thomson Learning, 2007.

_____, NOTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia.** São Paulo: Iluminuras, 1997.

_____. **Matrizes da Linguagem e Pensamento: Sonora, Visual, Verbal.** São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil.** Cosac Naify, 2002.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens.** 1ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

SOUZA, Luciana C. P. de **A trama do texto e da imagem: um jogo de espelhos.** São Paulo: Annablume, 2010.

VARGAS, N. S., BRANDÃO, Junito. **Mitologia grega.** Rio de Janeiro, Petrópolis. Vozes; 1987.

VERONESE, Laisa; LISBOA, F ; (2014) **As histórias de superação dos jogadores da Seleção Brasileira no Jornal Nacional.** Intercom. Rio de Janeiro, RJ, Set. 2014.

Fascículo de Jornal

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, ano 133, 17 abril. 1994.

Sites consultados

<<http://www.carlosbyington.com.br/>> Acesso em: 10/07/2016.

<<http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/07/projeto-copa-do-mundo-favorece-aprendizagem-e-desenvolvimento-de-valores> > Acesso em: 10/09/2016.
<<http://www.ilan.com.br/> > Acesso em: 14/03/2016.
<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Azul%C3%A3o>> Acesso em: 13/07/2016.
<http://aobc.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=388:azulao> Acesso em: 10/07/2016.
<<http://www.ipea.gov.br/desafios/>> Acesso em: 19/08/2016.
<<http://www.brasil.gov.br/saude/2014/10> > Acesso em: 10/06/2016.
<<http://www.vocereporter.net/fotos-de-bonecos-liga-da-justica>> Acesso em: 12/07/2016.
<<http://www.jornaldepoesia.jor.br/futebol.html#europa> > Acesso em: 15/07/2016.